



Mortos-Vivos & Dragões

N A N O F R E G O N E S E



MV&D

MORTOS-VIVOS & DRAGÕES

Nano Fregonese

Copyright © 2016 by Adriano Fregonese

Todos os direitos reservados.

Autor

Adriano “Nano” Fregonese

SOBRE O AUTOR

Meu nome é Adriano Fregonese, mas a maioria das pessoas me conhece apenas como Nano. Sou redator publicitário, escritor e consultor. Mas o que me define mesmo é o fato de que sou um apaixonado por histórias.

Sempre fui.

Desde criancinha.

Juro por todos os deuses.

E foi essa paixão que me fez abandonar a advocacia e mergulhar de cabeça no estudo das diferentes formas de narrativa.

Além de produzir ficção, eu também ensino storytelling por meio de livros técnicos, palestras e consultorias.

Você pode descobrir um pouco mais sobre mim em www.nanofregonese.com.br e conhecer os meus outros livros clicando [aqui](#). E, se quiser bater um papo comigo, não hesite em me procurar nas redes sociais:

[Facebook](#).

[YouTube.](#)

[Medium.](#)

Seja bem-vindo e vamos começar a jornada!

SOBRE ESTE LIVRO

Este livro é uma experiência...

A ideia de Mortos-Vivos & Dragões me veio há alguns anos, quando comecei a assistir ao seriado *The Walking Dead* e imaginei como seria uma infestação zumbi em outras épocas da nossa história, como no Império Romano ou durante a Idade Média. Daí a ideia logo migrou para mundos fantásticos como a Terra-Média ou Nárnia até encontrar sua forma final em adaptações de cenários de RPG do bom e velho *Advanced Dungeons & Dragons* (o nome deste livro, inclusive, veio daí... eu troque o *AD&D* do *Advanced Dungeons & Dragons* para *WD&D*, de *Walking Deads & Dragons* e aí traduzi para português).

Com a ideia mais formatada na cabeça, resolvi testá-la na mais difícil das arenas: um grupo de jogo. Chamei alguns bons e velhos amigos para jogar RPG e assim o cenário foi crescendo e pivotando. O resultado foi mais de dois anos de uma campanha divertidíssima e que até hoje nos trás saudades.

Então, um dia, os jogadores vieram e exigiram:

Tá na hora de você escrever um livro, cara.

E como eu poderia dizer não?

Este livro é uma técnica...

Como você sabe, eu sou apaixonado por storytelling e por tudo o que envolve histórias, desde as explicações antropológicas até as diferentes técnicas de estruturação que existem por aí. Eu estou constantemente lendo a respeito, fazendo cursos e trocando experiências com outros autores. Além disso, escrevo regularmente sobre o assunto no meu blog, compartilhando dicas e técnicas com outros escritores nacionais.

Pois bem, eu acredito que a experiência é a melhor professora e por isso uso a mim mesmo de cobaia em tudo o que acho bacana. Eu experimento, reflito e, se a coisa for bacana, passo a aplicar e ensino aos outros.

Este livro foi todo escrito usando uma técnica específica e, por isso, não deixa de ser um respaldo prático para as teorias que eu ensino. Se a técnica aqui adotada é melhor ou pior do que aquelas que usei em outros livros, isso cabe a você julgar (e eu ficarei imensamente grato de receber o seu feedback)!

Este livro é uma homenagem...

Como um bom nerds *oldschool*, eu cresci bebendo na fonte

de algumas referências e culturas que poderiam parecer estranhas para quem não estivesse inserido naquele submundo tão peculiar. Hoje, graças aos deuses e à internet, essas referências se tornaram conhecidas por muito mais gente e – veja só – até mesmo chegaram a se tornar *cool*.

Este livro nasceu da união dessas referências.

Nestas páginas você vai encontrar elementos das tramas de aventura ao estilo *Sword & Sorcery*, com bárbaros imensos e feiticeiras sensuais. Você também vai encontrar hordas e hordas de mortos-vivos canibais como aqueles imortalizados na cultura popular por George A. Romero. Claro que não poderia faltar um cenário inspirado em alta fantasia e nos jogos de RPG que tanto me divertiram durante a adolescência (e que me divertem até hoje). Na verdade você vai encontrar muitos outros detalhes e *easter eggs* por aí, mas é melhor eu ficar quieto e não estragar a brincadeira.

Este livro é uma grande diversão...

Eu realmente espero que você curta essa história. Que ria, se surpreenda, se choque e até mesmo chore. Mas, acima de tudo, espero que você se divirta. Tanto quanto eu me diverti escrevendo.

MV&D

MORTOS-VIVOS & DRAGÕES

1.

O MORTO

Ele abriu os olhos e só havia trevas. As mesmas trevas que ele tanto temia. As trevas contra as quais ele lutou e onde até agora estava mergulhado. Ao abrir os olhos ele teria aceitado ver qualquer coisa, menos aquelas trevas.

Os olhos ardiam como se tivessem sido mergulhados em areia. Ele piscou algumas vezes para tentar melhorar a situação, mas a ardência continuava forte como antes.

- Pelos deuses, onde estou? – a voz saiu num sussurro meio gorgolejante e um líquido gelado escorreu pela garganta. Ele quase não reconheceu sua própria voz. O som tinha mudado, a gravidade, o timbre. Aquela era uma voz sinistra, velha. A voz da morte.

O que fizeram comigo?

Ele não era burro, suspeitava do que havia acontecido. No entanto, o menor pensamento naquele sentido era o suficiente para desesperá-lo e, por isso, como um covarde, ele ordenou que a mente vagasse em outra direção.

A mente não obedeceu.

Por favor, não. Qualquer coisa, menos isso. Por favor.

Tentou se mexer, mas percebeu que estava imobilizado. Um grande peso pressionava seu corpo, mas a sensação física era estranha, faca, abafada. Os sentidos pareciam entorpecidos e a pele captava poucos estímulos. Ele não sabia se estava quente ou frio, se o corpo apresentava ferimentos ou não. Tudo lhe soava pálido, desbotado, sem profundidade.

Gritou por ajuda e ouviu aquela mesma voz estranha, o sussurro sinistro que, ele sabia, jamais atingiria os ouvidos de alguém. Mesmo assim gritou. Gritou até a pouca voz que possuía finalmente desaparecer e deixar apenas uma dor arranhada no lugar.

O desespero aumentou ao ponto de enlouquecê-lo e então ele começou a se agitar. Sacudia o corpo com violência, forçava os braços para os lados e o abdômen se contraía incansavelmente. Ouviu o som de tecido se rasgando e então algo úmido se derramou pelo seu corpo e rosto. Ele reconhecia o cheiro. Terra.

Horas se passaram. Horas se contorcendo na terra molhada, sentindo vermes e baratas passearem sob a pele. Muitas vezes ele chorou, embora lágrima nenhuma escorresse. Ele continuou cavando, continuou rastejando para cima até sentir a mão cansada brotar do solo e ser beijada pelo vento forte. Chovia acima da terra.

Ele puxou o resto do corpo. Não foi fácil. Espremeu-se para fora do solo negro como uma criança deixando um ventre sombrio para um mundo ainda mais sombrio. Não havia luz por perto, nada além da lua azulada e brilhante.

Deixou o corpo desabar sobre a terra e a chuva limpá-lo do barro. Puxava o ar em grandes golfadas, mas logo notou que aquilo era desnecessário. Seus pulmões não mais lhe exigiam que respirasse.

Isso é impossível. Eu estou sonhando, tendo um pesadelo – disse a si mesmo.

Rolou na terra e procurou por algo ao redor, qualquer coisa serviria. Encontrou pedras empilhadas. Na maior delas conseguiu ver, mesmo com a pouca iluminação da noite chuvosa, um desenho feito a lâmina: um círculo com uma cruz dentro.

- Não! – gritou, atirando a pedra longe. – Não, não, não...

Ele levou as mãos aos olhos. Pensou em rezar, mas nenhum deus lhe ouviria. Era uma abominação, uma afronta, a escuridão personificada.

Ele estava sozinho.

Ele estava morto.

2.

VALENTIN

Quero fazer o certo, pensava Valentin, balançando no lombo do velho cavalo. A Fraternidade foi a escolha certa. Tem que ter sido.

Quando notificou a família de que havia rejeitado duas propostas de cavalaria, o pai ficara uma fera. Este, tendo alcançado bravos feitos como cavaleiro em distantes anos, acreditava que aquele título era a maior honra que um guerreiro poderia ter. E seu filho, o *seu* filho, seria ungido em tenra idade, ainda mais novo do que ele próprio. Como Valentin podia recusar?

Acontece que o jovem tinha outras prioridades.

Este é o primeiro passo. Primeiro Martuk, depois o Reinado. Em alguns anos me tornarei um dos maiores heróis do mundo, e o farei seguindo os preceitos da Fraternidade Branca.

Sim, esse era o plano. Mostrar que a justiça, honra e cavalheirismo ainda podiam ocupar as mais altas posições no coração dos homens. Que as trevas não venceriam jamais. Valentin faria isso... e se não fizesse, bem, se não fizesse seria melhor não voltar pra casa.

Trotou pela estrada real, perdido em pensamentos, até enxergar uma movimentação à frente. Uma carroça de madeira bruta estava parada adiante, com intensa movimentação em seu interior.

Valentin diminuiu o ritmo e se aproximou com cautela. Dois homens acudiam um garoto pálido, que parecia fazer grande esforço para respirar.

- Belos dias – saudou.

- Belos dias – lhe respondeu uma senhora, com voz contida.

Os dois homens nem sequer o notaram.

Valentin desceu do cavalo.

- Algum problema?

Era evidente que havia um problema. O garoto estava tão pálido que parecia morto há dias, mas Valentin não conseguiu pensar em outra forma de começar a conversa.

A senhora olhava para o garoto com uma expressão dolorosa, apertando as mãos uma contra as outras. Os homens acariciavam o peito do enfermo, numa tentativa vã de fazê-lo respirar melhor. Como membro da Fraternidade Branca, Valentin tinha recebido treinamentos curativos e sabia que aquilo de nada serviria.

Sem esperar que lhe respondessem, acabou por subir na carroça e se ajoelhar ao lado do garoto.

- Afastem-se – ordenou.

Colocou o ouvido próximo à boca do menino e prestou atenção ao ritmo fraco da respiração.

- Há quanto tempo ele está assim?

- Começou ontem – disse um dos homens, o de barba. –

Achamos que hoje ele estaria melhor, por isso tomamos a estrada, mas de repente...

- Ele queria tanto ver as justas – disse o outro, o de olhos claros.

É claro que queria. Qual garoto daquele idade não sonhava com aquilo? As festividades de Martuk, capital do Reinado de George, eram esperadas o ano todo. Naqueles dias de festa campeões eram revelados, fortunas ganhas (e perdidas) e nomes feitos. O próprio Valentin seguia para lá na esperança de trazer honra à sua linhagem, e à sua ordem.

Valentin tocou a face do menino com as duas mãos, esperando sentir a temperatura elevada. Estava gelado como a morte.

- Há pouco que posso fazer aqui – disse. – Alcancem-me aquela mochila, no lombo do meu cavalo.

A mulher correu a obedecer.

Valentin vasculhou os poucos pertences que carregava consigo até encontrar um emplastro esverdeado que esfregou no peitoral do rapaz e também abaixo do nariz.

- Isso vai ajudar, mas ele precisa de um curador. Imediatamente.

- Martuk fica mais próxima do que nossa vila. Seria melhor seguir – disse o homem de barba. O outro concordou na mesma hora.

Valentin saiu da carroça, puxou seu cavalo e começou a atá-lo à frente do veículo, ao lado do animal de carga da família de viajantes.

- Meu senhor, o que está fazendo? – perguntou o homem de barba.

- Seguirão mais rápido com dois cavalos.

- Não temos dinheiro o bastante para comprá-lo.

- Eu não pedi nenhum.

A mulher caiu aos pés de Valentin e beijou a barra de sua longa capa branca.

- Que Angelus o abençoe.

Valentin a ergueu gentilmente.

- Ele abençoa a todos nós. – Então se virou aos homens. – Sugiro que apenas um de vocês siga com o garoto...

- Anton – interrompeu-lhe a mulher, ainda em prantos.

- Sugiro que apenas um de vocês vá com Anton. Menos peso dará mais velocidade aos animais.

Todos concordaram.

- Mas e o senhor? – disse o homem de olhos claros.

- Martuk não está longe. Devo chegar ao anoitecer.

Valentin foi até seu velho cavalo e retirou o resto de seus pertences. Deu uma última apalpada no lombo do animal.

- Obrigado pela jornada. Seja veloz agora.

O homem de barba assumiu o comando da carroça e logo começou a manobrá-la. Valentin se manteve à beira da estrada, observando a cena. Sentia-se bem por ter ajudado alguém em necessidade. Sentia-se bem por ter transformado as palavras da Fraternidade Branca em ações.

Viu, pai? Não são besteiras da boca pra fora.

Quando a carroça passou ao lado foi possível dar mais uma olhada no garoto adoentado. E o coração de Valentin se agitou.

A respiração realmente parecia melhor graças ao emplastro de ervas, mas o menino abriu os olhos, revelando globos oculares inchados e vermelhos. A expressão no rosto estava disforme, transformada numa máscara inumana de ira.

Valentin não sabia explicar por que, mas naquele instante uma voz dentro de si lhe conclamou que parasse com tudo aquilo, que impedisse o homem de seguir adiante, subisse na carroça, desembainhasse sua espada e a enfiasse inteira nas entranhas do pobre rapaz doente. Algo em seu íntimo lhe avisava para acabar com a vida do garoto sem nenhuma piedade.

Quando deu por si, notou que apertava o cabo da espada embainhada à cintura com tanta força que as juntas dos dedos estavam brancas e a palma da mão dolorida. O suor lhe tomava a face e a respiração profunda soava como uma tempestade nos ouvidos.

- O senhor está bem? – perguntou o homem de olhos claros.

Valentin sacudiu a cabeça e, com a mão, procurou o símbolo da Fraternidade Branca bordado em seu manto. Orou em silêncio, tentando afastar os pensamentos negros que queriam lhe desviar do caminho.

- Estou bem – respondeu. – Sim, estou bem.

A morte não venceria. As sombras não tinham espaço em sua alma.

Valentin seguiu adiante pela estrada.

3.

MANARA

Linda. Absurdamente linda.

O prédio que abrigava a Biblioteca Real era de uma beleza quase surreal. Como se aquele tipo de construção não fizesse parte do mundo dos homens. Mas *fazia*.

Segundo seus estudos revelaram. A bela obra arquitetônica de 5 andares fora idealizada por elfos e construída com o auxílio de mestres anões. A raridade de interação com tais raças nos dias que se passavam tornava o feito ainda mais valoroso.

Manara não perdia nenhum detalhe. Não podia perder nenhum detalhe. Seria estupidez, e também uma maldade tremenda perder detalhes.

As colunas sólidas, esculpidas em uma única peça, traziam entalhes com a história de Romeryon, do reino e dos antepassados do Rei George. Pinturas douradas ilustravam passagens famosas de contos antigos e estátuas de mármore de mais de seis metros de altura revelavam a face dos próprios deuses. De fato, a Biblioteca Real era linda, e Manara estava apenas no primeiro andar.

Todavia, apesar de tanta beleza, a feiticeira não estava ali para apreciar construções. Manara queria acesso aos livros.

Durante as festividades anuais de Martuk o Rei George conferia aos estudiosos e mestres do saber - independente de qual linhagem adotassem – acesso livre à Biblioteca. Era uma oportunidade ímpar para mergulhar nos tomos ancestrais e desvendar mistérios que o tempo ofuscara. Pena que o barulho das festas e a quantidade de concorrentes atrás de conhecimentos estragasse a experiência. Mas Manara tinha um plano.

Assim como outros sábios mais vividos e - por que não dizer? - malandros, a feiticeira desejava entrar na Biblioteca na noite da véspera, quando tudo estava calmo e tomado pelas trevas. Manara não era vivida, não em idade física, ao menos. Porém, sua perspicácia, atenção e curiosidade a tornavam mais do que capacitada para tomar a mesma medida. Além disso, as trevas que agora abraçavam todo aquele saber eram a essência de sua linhagem arcana.

E falando em trevas...

Ao ouvir o ruído característico de metal rangendo, Manara correu para a grande sombra projetada pela pilastra e, sussurrando mantras, puxou o manto de veludo negro até a altura dos olhos.

Não demorou para que um guarda passasse por ali, barulhento em sua armadura pintada de púrpura. O homem checkou os corredores, lançou um olhar ao alto, provavelmente para se certificar que nenhum ladino se escondia nas reentrâncias do teto, e, por fim, se retirou. Conforme Manara antevira, o homem nem mesmo suspeitou de sua presença.

As trevas eram importantes para as feiticeiras de Asfódelos. Ao invés de temê-las, as sábias mulheres aprendiam com elas. Quando um homem olha apenas para a luz, ele só vê o que já foi revelado. Nas sombras, no entanto, escondem-se novas e fascinantes áreas do saber.

Manara atravessou o salão silenciosamente, como se a penumbra que cobrisse o piso servisse de grosso tapete, abafando o som. Ela alcançou as escadas e subiu.

O grosso portão de ferro negro que deveria conter o acesso aos livros e pergaminhos estava aberto. Não arrebitado. Simplesmente aberto. Até parecia magia.

Manara riu.

Então não sou a primeira.

Seria preciso ainda mais cuidado daqui pra frente. Aquele era um jogo sério, para feiticeiros experientes e inteligentes. Além de evitar os guardas que naturalmente vagavam pela Biblioteca, ela não poderia esbarrar com outros magos, sob risco de ser vista como uma amadora.

O pequeno coração da feiticeira adolescente acelerou e um leve tremor tomou suas mãos. Reações fisiológicas involuntárias que ela preferia não ter, mas que a lembravam que ela não era tão poderosa quanto gostaria.

Vamos, você consegue fazer isso.

Manara avançou. Ela tinha um longo caminho pela frente, pois a seção que procurava não era uma seção ordinária. Por mais fascinante que a *História Ilustrada dos Elfos* ou *Mapas das Montanhas Gondolin* pudessem ser, ela queria chegar aos livros de ocultismo. Era sabido que o Rei George possuía tomos exclusivos, tomos aos quais sua ordem sempre desejou, mas que nunca foi capaz de obter. Ela queria ler esses tomos, não importava o preço que tivesse que pagar.

Demorou quase duas horas para encontrar o local certo e mais de uma vez Manara achou ter se deparado com resquícios de feitiços. Até ali, todavia, fora capaz de evitar guardas e qualquer outro tipo de encontro desagradável.

Quando alcançou a grossa porta de carvalho coberta de runas esverdeadas que guardava a seção de ocultismo, no entanto, percebeu que não era a única a procurar aquele tipo de conhecimento.

Ajoelhado em frente à fechadura, compenetrado nos complexos mecanismos que mantinham a porta trancada, estava um homem. Apenas alguns anos mais velhos que ela. Charmoso, com barba por fazer e óleo brilhante enfeitando o cabelo.

Manara estranhou o fato do outro invasor não fazer uso de magia. Possuía ferramentas que sem dúvida eram de natureza mágica, como a pequena pedra iluminadora e o círculo de silêncio, mas ele, em si, não era um feiticeiro.

Architectus!

Só podia ser. Construtores e engenheiros capazes de armazenar magia em suas engenhocas. E aquele era o primeiro que encontrava em carne e osso. A curiosidade de Manara foi imediatamente acionada. *Será que ele consegue abrir a porta com apenas essas geringonças?*

A feiticeira voltou a murmurar mantras e a erguer o manto de veludo. Embora sua energia mística estivesse quase se exaurindo para o dia, ela achava que o fato de aprender algo novo valia o gasto.

Sombras foram tragadas por seu corpo e rastejaram sobre a pele, dando a impressão que serpentes frias dançavam sobre si. O sangue circulou mais rápido e ela sentiu um calor nas bochechas.

A excitação da espionagem.

Por cerca de dois minutos ela foi capaz de se conter e apenas observar à distância. Porém, conforme o architectus retirava mais e mais ferramentas de uma pequena caixa, a curiosidade crescia.

Manara se aproximou vagarosamente, um passo de cada vez, movendo os músculos com lentidão. Chegou bem próximo do architectus e então espiou sobre seu ombro. A fechadura parecia ter multiplicado de tamanho, dada a quantidade de geringonças acopladas a ela.

Sem querer, acabou rindo.

O architectus girou rápido nos calcanhares, acertando as pernas de Manara com uma rasteira e a levando ao chão. A magia de

sombras foi dissipada de imediato.

- Quem é você? – disse o homem, erguendo-a pelo braço.

Surpresa e ainda amaldiçoando a própria juventude, Manara não respondeu. O architectus a sacudiu forte pelos ombros, o que acabou por derrubar o manto de veludo e revelar a feiticeira por inteira.

- Você é... pelos deuses, você é...

O architectus ficou boquiaberto, passeando os olhos pela figura de Manara.

Certamente que ele não esperava uma mulher e, se esperasse, não uma mulher como ela. Manara era uma Feiticeira de Asfodelos, suas crenças não eram as mesmas das outras linhagens e ela não se envergonhava da própria feminilidade.

O jovem corpo, muito pálido, fruto das longas horas diárias de estudo em ambientes trevosos, cobria-se com tiras e véus negros que deixavam muito à mostra. Seu sexo se escondia debaixo de uma tanga simples e as pernas traziam meias-longas, que iam até a metade das coxas. Manara era uma mulher muito sensual cuja visão desconcertava os homens. Ela, inteligente, sabia disso. E não hesitava em tirar proveito.

Sem dar tempo para que o architectus se recuperasse, fez com que uma escuridão caísse nos olhos dele, cegando-o momentaneamente. Em seguida o empurrou para o lado e tentou conjurar um feitiço de sono, mas foi interrompida.

O homem havia jogado pequenas bolas metálicas para o alto, quase imperceptíveis naquele ambiente de penumbra. Mas as bolas subitamente explodiram, sem som, mas com uma luz irritante.

Ela também não enxergava.

O que se seguiu foi uma luta de concentração e vontades para ver quem conseguia recuperar o sentido de maneira mais rápida. Manara fechou os olhos e focou no vazio, da forma como aprendera. Acalmou a respiração e os músculos suavizaram. Logo sentiu uma leveza na mente, como se estivesse prestes a mergulhar em um sonho.

Abriu os olhos.

Sim, ela enxergava enquanto o homem ainda se batia de lá pra cá. Mas isso não foi motivo de felicidade, pois Manara viu muito mais do que isso.

A apenas alguns metros dela, um grupo observava. Vestiam púrpura, as cores da guarda real. Quatro usavam armaduras e um trajava um manto simples. Foi este quem mais lhe assustou. Ele bateu o cajado no chão e Manara não pôde mais se mover.

Maldito mago de guarda.

4.

GAWRGHONITE

Ninguém é mais forte que Gawrghonite. Ninguém.

O bárbaro se mostrava irritado. Embora permanecesse imóvel sobre o pequeno banquinho de madeira, seus enormes músculos peitorais tremiam em espasmos nervosos e a boca se contraía em caretas grosseiras.

- Eu não quero apenas matá-los. Quero arrancar as tripas e usá-las como enfeites nas celebrações de amanhã.

Gawrghonite era um bárbaro, um perfeito exemplar do bravo povo dos ermos. Não, na verdade ele ia além. Com mais de dois metros de altura e músculos capazes de destroçar carne, ossos e rocha, Gawrghonite era um mercenário e gladiador livre dos mais habilidosos. Centenas já haviam tombado diante de seus golpes e a lista de honrarias à sua linhagem era imensa.

E Gawrghonite não gostava de ser desafiado.

- Você está fazendo besteira, homem. Deixe para lutar amanhã – disse um homem baixinho e magro, que andava em círculos ao redor do bárbaro. - Os verdadeiros apostadores vêm amanhã.

- Eles me desafiaram hoje.

- Claro. Eles querem chamar atenção. Não vale a pena arriscar um ferimento e estragar sua performance de amanhã.

- Eles me desafiaram hoje!

Duas mulheres em vestes ínfimas entraram no aposento simples. Elas traziam baldes e pedaços de pano em mãos e arregalaram os olhos ao ver o bárbaro.

- Comecem logo – disse ele. Gawrghonite estava acostumado à rotina gladiatorial.

As mulheres correram para ele. Uma se ajoelhou aos seus pés e a outra se posicionou às suas costas. Elas umedeceram os panos no líquido que traziam no balde e começaram a untar o corpanzil do bárbaro, que logo passou a reluzir.

O homenzinho circundou Gawrghonite e, fazendo de conta que implorava, insistiu para que o bárbaro lhe desse ouvidos:

- Tudo será melhor amanhã – disse.

Ele não mentia. Oficialmente as festividades de Martuk só começariam no dia seguinte e, muito embora as atividades marginais não obedecessem nenhum calendário, era sabido que grandes apostadores e apreciadores do combate até a morte só chegariam à cidade após o início das celebrações.

- Você aceitou meu ouro – disse Gawrghonite.

- Sim, para organizar suas lutas e administrar os ganhos. É o

que estou tentando fazer.

- Você aceitou meu ouro. Vai fazer o que mando ou eu arranjo outro.

Os bíceps de Gawrghonite se contraíram por menos de um segundo, mas foi o suficiente para fazer o homenzinho engolir em seco.

- Vá buscar comida. Matar me dá fome.

O homem, sem mais insistir, saiu do pequeno cômodo iluminado por tochas, deixando Gawrghonite sozinho com as mulheres.

Gawrghonite gostava de mulheres.

- Vocês são bonitas – disse, com sua voz gutural.

As moças riram, mas não ousaram encará-lo nos olhos. Continuaram passando óleo brilhante sobre as centenas de marcas na carne do bárbaro, tatuagens vermelhas e escarificações tribais que contavam feitos de combate.

O homenzinho retornou. Como era mesmo seu nome? Gawrghonite não lembrava e também não se importava. Alguém tão pequeno nem deveria ter nome.

- A comida está à caminho, e um pouco de diversão também – disse o homenzinho.

- Bom – respondeu o bárbaro. Depois voltou a se dirigir às

mulheres: - Podem me esperar por aqui depois da luta. Vocês são bonitas.

Gawrghonite se levantou, quase tocando o teto com a cabeça. Ele sacudiu os cabelos, decorados com pedaços de osso, e se espreguiçou.

Dois rapazes entraram correndo no cômodo, carregando uma pequena mesa redonda de madeira escura repleta de frutas, carne de javali e uma jarra de cerveja. Eles olharam para Gawrghonite e se atropelaram para fora sem emitir uma palavra.

O bárbaro alcançou a mesa em três passos. Erguendo uma sobancelha alcançou algumas frutas, cheirou e depois as atirou no solo. Com a enorme mão pegou um pedaço de carne e começou a comer.

- Minha capa – disse, ainda mastigando.

De dentro de um baú de tamanho razoável, o homenzinho retirou uma capa de um vermelho vivo, bem trabalhada, feita do mais caro tecido élfico. Gawrghonite a recebera ao se sagrar campeão da arena de Zamut e tinha muito apreço pelo item.

Enquanto vestia a capa, um grupo composto por três menestréis se enfiou quarto adentro, piorando a situação no já desconfortável cômodo. Sem esperar ordem alguma, os homens se puseram a cantar.

A música agradou ao bárbaro e por isso ele deixou que

continuassem. Entregou os restos da carne a uma das mulheres, limpou a mão nas próprias coxas e se dirigiu ao canto do quarto, onde sua lâmina repousava envolta em lona. Era gigantesca, do tamanho de um homem baixo, e coberta por manchas de sangue coagulado. A Visão da arma sempre levava um sorriso ao rosto do bárbaro, mas deve ter espantado aos menestréis, pois interromperam a música e um deles, o branquelo, teve um forte ataque de tosse.

- O que está fazendo? – perguntou Gawrghonite.

Mas o homem não conseguia se conter. Tossia como um louco, em todas as direções.

- O que está fazendo, cão? Está cuspidando na minha comida.

Os outros dois cantores recuaram, mas o branquelo não conseguia parar de tossir.

- Para fora daqui, todos vocês – berrou o bárbaro – Andem, vão escarrar no alimento dos meus adversários. É mais do que eles merecem. Andem, pra fora.

O grupo se retirou sem demora, com os dois menestréis puxando o branquelo.

- Veja isso. Veja isso – disse Gawrghonite ao homenzinho. – Ele cuspiu por tudo. Que nojeira.

O Bárbaro chutou a mesa de madeira, derrubando toda a comida no chão de terra batida.

- Vamos logo com essa porcaria. Já estou ficando de saco cheio.

A cuspeira em sua comida havia deixado Gawrghonite de mau-humor, mas foi só ouvir os gritos da plateia que ele se animou.

A arena de Martuk era ilegal. Contudo, as guildas que a administravam possuíam acordos com a guarda da cidade e por isso perturbações eram raras. Localizava-se abaixo de uma velha taverna no Circo de Pulgas, a área mais baixo-nível da capital do Reinado. Não era grande, mas suas arquibancadas inclinadas suportavam uma enorme capacidade e geravam um efeito de causar arrepios.

Gawrghonite alcançou o centro da arena e os gritos de viva foram ensurdecedores.

- Escute-os – disse ao homenzinho. – Veja como me amam.

As arquibancadas não estavam lotadas, mas assim mesmo o barulho que faziam poderia acordar os demônios do inferno. Era para isso que Gawrghonite vivia. Para o furor da batalha, para o prazer sangüinário e para a glória dos fortes.

Os irmãos Korac entraram na arena e também houve vivas, embora nem de perto tão efusivos quanto os dirigidos a Gawrghonite. Eles trajavam armaduras simples. Meras proteções no ombro e braços e elmos idênticos. Como arma, um optara pela lança e outro pelas espadas duplas. Um deles, o da lança, tinha um curativo de tamanho razoável na coxa esquerda. Gawrghonite não gostava de lutar com homens feridos. Mataria aquele por primeiro.

- Vamos começar – disse o homenzinho, tentando se dirigir para fora da arena. Gawrghonite o segurou pelo ombro.

- Anuncie direito – ordenou. – Com paixão.

O homenzinho fez que sim com a cabeça, com a boca entreaberta e uma expressão que o bárbaro achou engraçada.

Silêncio nas arquibancadas. Gawrghonite e os irmãos Korac se dirigiram ao centro da arena oval e ficaram imóveis. Uma voz agradável, porém firme, ecoou.

- Meus senhores e minhas damas... – risos explodiram logo após a palavra *damas*. – Eu tenho a honra de lhes apresentar, vindo das Cidades Livres do Sul, dois dos mais perfeitos exemplares já vistos da cruz entre humanos e elfos. Ágeis, esguios, belos. Os matadores de orcs. Defloradores da virtude. Suspiro de ninfas. Os desafiantes e em breve lendas de Martuk, os irmãos Korac!

O povo gritou em alegria e aplaudiu como se não houvesse amanhã. Gawrghonite coçou a virilha e cuspiu na areia.

Alguns segundos se passaram, a plateia se acalmou e a voz do homenzinho tomou conta da arena subterrânea.

- Atençãoooooo sanguinários... – o povo foi à loucura. – É com imenso orgulho que eu apresento a vocês aquele que faz os deuses tremerem e as deusas ficarem úmidas. Vindo de um povo jamais conquistado em toda a história humana, élfica, anônica, etc, etc. Representante do selvagem clã Drakkar, descendente de dragões. Um

titã entre homens. O sodomizador de virtudes. O monstro da arena. O príncipe da dor. O rei dos ferimentos. O maior entre todos os seres...

E nesse momento o bárbaro avançou e assumiu sua própria apresentação:

- Gawwwwwrghoniiiiiiiiiteeeee!

A plateia uivou. Centenas de pessoas repetiram o nome a plenos pulmões. Incontáveis mãos batiam palmas e a energia era tão forte que Gawrghonite sentia a eletricidade passear pelos volumosos músculos, começando nas enormes costas e se espalhando por cada centímetro do corpo. De tão extasiado, ele mal se deu conta quando a luta começou. Ainda estava parado no meio da arena, de braços abertos, curtindo a adoração do público, quando os irmãos Korac o rodearam.

O primeiro a lhe atacar foi o que carregava a lança, aquele com o ferimento. Gawrghonite estranhou a fraqueza e lentidão de seu golpe. Mesmo para um meio-elfo, mesmo para alguém ferido, o golpe havia sido ridículo.

Sem perder tempo o bárbaro aparou a lança com o antebraço nu e contra-atacou com um golpe giratório. Sua enorme lâmina curvada cortou da clavícula até o umbigo, arrancando toda a vida do adversário.

- Não – gritou o outro irmão Korac. – Não. Monstro maldito.

Girando as espadas junto ao corpo ele avançou. O efeito das lâminas velozmente cortando o ar era bastante belo, mas não muito efetivo contra um guerreiro experiente.

Gawrghonite arremessou sua própria espada em direção ao oponente. O pobre homem caiu, mas ainda não estava morto.

Com calma, desfilando pela arena com um enorme sorriso na cara marcada de escarificações, o bárbaro caminhou até o adversário caído e pisou sobre seu peito.

- Vocês não deviam ter me desafiado – disse. – Eu não gosto de ser desafiado.

O homem contraía a face com tanta força que seu rosto chegou a ficar roxo. Tentou responder alguma coisa, mas o máximo que conseguiu foi expelir um jato grosso de sangue.

Gawrghonite girou sua lâmina nas entranhas do gladiador derrotado, acabando com seu sofrimento. Logo depois pisou no pescoço do cadáver e agarrou-lhe o queixo com a mão grosseira. Os dedos calejados grudaram na carne morta, buscando apoio nos ossos do maxilar e, quando julgou ter uma pegada firme o bastante, Gawrghonite puxou.

Em um único movimento o crânio do irmão Korac se soltou do corpo, espalhando miolos e sangue por todos os lados. A plateia explodiu em aplausos uma vez mais.

Eles me amam. Cada um deles me ama. As mulheres me

desejam. Os homens desejam ser como eu, pensava o bárbaro. Estava feliz consigo mesmo. Feliz por ter lutado. Embora a batalha não fosse lhe render grande coisa em termos de ouro, pelo menos gerou uma boa diversão.

E por estar se divertindo tanto, Gawrghonite demorou a notar o vulto atrás dele. Ele não ouviu nem percebeu nada. Apenas quando a plateia trocou os aplausos por gritos de surpresa foi que finalmente entendeu que algo estava errado. Seus instintos tomaram conta e a adrenalina correu pelas veias. Ele girou nos calcanhares em posição de combate e se surpreendeu com o que viu.

Gawrghonite já havia matado de tudo, mas mesmo assim se viu chocado com o que encontrou naquela arena.

Esvaindo-se em sangue, sem nenhuma possibilidade de estar vivo, mas, ainda assim, avançando, estava o primeiro irmão Korac. Aquele que fora quase cortado ao meio. Parte de seu tronco pendia para o lado, executando movimentos débeis e inúteis. A outra parte lutava para se manter ereta, o braço usando a lança de apoio, enquanto as pernas se arrastavam. Mas o que mais incomodou Gawrghonite não foi nada disso, mas os olhos. O bárbaro já apagara a luz em centenas deles. O que viu nos olhos daquele ser, no entanto, era mais do que a ausência de luz, o que viu era a própria antítese da vida.

5.

VALENTIN

Valentin não sentia paz.

Desde que encontrara o garoto adoecido na estrada, um sentimento de angústia passou a lhe acompanhar. Quanto mais perto de Martuk chegava, maior era a sensação.

No princípio pensou se tratar de nervosismo ou ansiedade. O torneio do qual participaria, afinal, seria seu primeira grande teste. Assim que cruzasse os portões da capital tudo melhoraria, com toda certeza.

Mas não melhorou.

Valentin chegou na capital do Reinado junto de dezenas de outros viajantes. Cruzou as imensas portas púrpuras da muralha, identificou-se para os guardas, pagou a taxa de porte de armas e se hospedou numa taverna que oferecia um quarto decente por um preço justo. No dia seguinte, logo cedo, se inscreveria na prova de espada e escudo. Tudo estava certo. Mas então por que a angústia piorava?

Após uma cumbuca de um cozido de carne apimentado bem quente, decidiu seguir ao templo de Angelus. Martuk detinha a maior edificação dedicada ao deus e Valentin, como um guerreiro da Fraternidade Branca, certamente encontraria paz e alívio por lá.

As ruas, apinhadas, mostravam gente de todo tipo e, mesmo à noite, a movimentação era intensa. Barracas improvisadas vendiam petiscos exóticos de outras terras. Homens de cabelos pintados ofereciam produtos vindos do sul. Discussões e brigas despontavam em diversas tavernas, quase todas lotadas. Valentin não se deixou distrair. Seguiu direto ao templo, ostentando com orgulho seu manto branco imaculado.

O templo de Angelus ficava próximo do centro da cidade, bem perto do palácio. Suas linhas curvas de mármore branco destoavam dos outros edifícios ao redor e a grande estátua dourada do deus alado brotava do jardim como um guardião nobre e poderoso. Em outras circunstâncias, Valentin sorria ao colocar os olhos no enorme vitral que enfeitava a frente do templo. Seu pai o levava para ser abençoado ali quando mal tinha cinco invernos e desde então jamais esquecera aquele vitral. Hoje, entretanto, o peso em seu coração o impedia de sorrir ou de desfrutar do momento de forma mais adequada.

Muitos fiéis convergiam de todos os pontos até a entrada do templo. Muitos mesmo. A luz de incontáveis velas brilhava lá dentro.

As festividades e os bons tempos renovam a fé dos homens, pensou Valentin. *Os sacerdotes terão muito trabalho durante o festival.*

Cruzou o jardim florido e se deteve por um segundo ao lado da estátua. Angelus também portava uma espada, mas apenas os maldosos deveriam temer sua fúria. Tal seria com a espada de Valentin também.

O jovem cruzou o imenso umbral curvo do templo e fez um sinal religioso de respeito. Imediatamente notou que o movimento era maior do que julgara. Centenas de pessoas se amontoavam no pátio de pedra, orando. Sacerdotes e curandeiros corriam de lá pra cá, carregando unguentos e relíquias santas, famílias inteiras se espremiavam pelos cantos do templo, com olhares assustados. A ansiedade que tomava o peito de Valentin cresceu ainda mais.

O que está acontecendo por aqui, afinal?

- Irmão – disse Valentin ao primeiro sacerdote que passou ao seu lado, um homem apenas alguns anos mais velhos que ele próprio.
– Uma palavrinha, por favor?

O sacerdote soltou o ar, de forma impaciente, mas então baixou os olhos até o manto branco de Valentin e mudou de atitude.

- Você é bastante jovem para usar o manto – disse. – Não é comum.

- Respondi ao chamado da vocação tão logo ele se fez ouvir.

- Muito bem. Em que posso ajudá-lo?

Valentin estendeu o braço para o lado, indicando a enorme quantidade de pessoas.

- Isso é normal? Esse... agito?

- As festividades anuais cobram seu preço – disse o sacerdote.
– A capital fervilha e os fiéis acham de bom grado agradecer suas

bênçãos. Por que a pergunta, filho?

Valentin hesitou. Não sabia se devia falar sobre o que sentia, não queria ser visto como um caipira idiota pelo homem santo.

- Filho? Estou um tanto ocupado aqui e...

- Passei o dia com uma sensação estranha, uma angústia, como se algo horrível estivesse para acontecer.

O sacerdote se colocou em movimento.

- Venha comigo.

Valentin foi.

- Não sei que tipo de sentimentos teve – continuou o sacerdote -, mas muitos são os relatos de membros da Fraternidade abençoados com dons especiais.

Eles passaram pela área ritualística e adentraram os salões de cura, onde os fiéis feridos ou doentes eram tratados.

- Pelos deuses, são tantos – disse Valentin.

- Sim, e esses são os que chegaram hoje.

Nos leitos estavam pessoas gravemente doentes ou então gente com horríveis ferimentos, marcas de arranhões ou mordidas da quais brotava um pus fétido e grosso.

- Não conseguimos curar os doentes – explicou o sacerdote -

Ministramos ervas, banhos, remédios, mas eles não melhoram.

Valentin lembrou do rapaz que auxiliou na estrada.

- Quais são os sintomas? – perguntou.

- Dificuldade para respirar, dores profundas, o corpo enrijece e, além disso, ficam gelados ao toque. Mas não para por aí. Muitos dos que chegam com ferimentos também não apresentam melhora alguma quando socorridos. As feridas se recusam a fechar.

Um leve tremor tomou conta das mãos de Valentin. Para disfarçar, ele agarrou o cabo da espada.

- O que está gerando isso?

- Tememos que seja uma nova praga – disse o sacerdote. - As festividades atraem todo tipo de gente, de todas as terras. Não sabemos que enfermidades assolam os cantos distantes do mundo.

Então um berro de puro pavor interrompeu a conversa. Tanto Valentin quanto o sacerdote dispararam para o salão ritualístico.

Um homem idoso estava ao chão, contido por outros homens e até por alguns sacerdotes. Embora eles o segurassem firme, o homem tremia violentamente, batendo a própria cabeça no piso de mármore, deixando manchas escuras de sangue. Um líquido vermelho escorria de sua boca.

Em pé, ali ao lado, sendo amparada por uma sacerdotisa, uma mulher com um ferimento redondo no pescoço se debulhava em

prantos. As pessoas ao redor assistiam a tudo, pasmas.

Valentin mal teve tempo de refletir sobre o ocorrido.

Enquanto o homem ensandecido ainda se debatia, um novo grito tomou a noite, lá fora. E então outro, e mais um.

Valentin olhou para o vitral do templo, orou ao seu deus e puxou a espada.

6.

MANARA

- Abram as celas, seus imbecis. Abram agora!

Preciso sair daqui, pensava Manara. Preciso sair daqui ou não vou sobreviver.

Como é que ela tinha ido parar ali, para início de conversa? Como aquela noite foi terminar tão errado? O que antes era pra ser uma incursão furtiva à Biblioteca Real - uma conquista de renome entre as suas iguais – agora se tornava uma luta desesperada por sobrevivência.

Logo eu, que ainda tinha tanto para aprender.

Após ser subjugada pelo mago de guarda, Manara e o architectus foram levados à prisão, a uma cela muito específica. Uma dúzia de outros feiticeiros esperavam do lado de dentro, todos com expressão de decepção estampando os rostos idosos.

Manara teve seus bens confiscados e foi atirada dentro da cela por um guarda alto, com o corpo em formato de barril.

- Melhor sorte da próxima vez – disse ele, ao fechar a porta. Trazia um sorriso idiota na cara redonda.

Assim que a porta metálica se fechou por completo, Manara sentiu seus dons místicos se dissipando. Havia magia ali, magia

poderosa.

Com os olhos, percorreu a prisão até sua atenção ser fisgada por uma mulher muito velha, mas elegante como poucas que já vira na vida. A mulher se sentava numa bela escrivaninha de carvalho, sobre um palanque, ao fundo. Toneladas de papéis a rodeavam e óculos redondos, muito pequenos, se equilibravam na ponta do nariz. Certamente era a responsável por manter os prisioneiros usuários de magia sob controle, o que queria dizer que ela própria deveria ser uma feiticeira de grande poder. Precisava ser, para sustentar o feitiço de anulação na cela.

- Amanhã a conduziremos para fora da cidade – disse o guarda em formato de barril. – As festividades acabaram pra você. Pra todos vocês.

Murmúrios descontentes soaram atrás de Manara.

Ela se virou.

Era a única mulher entre os prisioneiros. Ao menos a única jovem o bastante para ser vista como mulher. A outra feiticeira dentro da cela deveria ter seis vezes a sua idade e se encolhia em um canto, dormindo.

Muitos a ignoraram, mas houve aqueles que cobiçaram seu corpo, mesmo coberto pelo manto negro. E houve os que a fitaram de forma intimidadora. As Filhas de Asfódelos não eram uma unanimidade, afinal de contas.

- Todos aqui foram presos tentando entrar na Biblioteca? – perguntou o architectus.

- Cale a boca – disse um feiticeiro careca, todo trajado de vermelho.

Manara e o architectus se entreolharam e cada um buscou conforto ao seu jeito.

Pelo menos não fui a única, pensou. E sou a mais nova daqui, com toda certeza.

Sentando-se no piso, mais à frente da cela, Manara estudou cuidadosamente a prisão. O bloco destinado aos usuários de magia não era grande, mas bem mais asséptico do que os outros pelos quais passaram para chegar ali. Era menos problemático também. Bastava se concentrar um pouco para que ela ouvisse os gritos e protestos nos blocos ao lado, seguidos por golpes de porretes. Aquele era outro lado das festividades, um lado normalmente escondido do povo comum.

Em seu canto, a velha feiticeira prisioneira acordou em meio a uma crise de tosse. Sangue se espalhava da boca de poucos dentes e os outros feiticeiros ao redor se afastaram. A mulher puxou ar com dificuldade e pareceu cair em um choro baixo. Ninguém a socorreu. Manara também não.

Novos gritos nos blocos ao lado. A selvageria parecia aumentar e guardas se locomoviam de lá pra cá, apressados. O guarda em formato de barril e seus companheiros riam, provavelmente dando graças aos deuses por servirem no bloco dos magos naquela noite. A

senhora elegante nem sequer erguia os olhos de seus escritos.

- Você me atrapalhou – disse o architectus, se aproximando.

– Eles não teriam me prendido se você não tivesse me atrapalhado.

Manara o fitou. De repente ele não lhe parecia mais tão atraente. Tornou a observar o exterior da cela, sem dar muita atenção ao homem.

A velha feiticeira prisioneira começou a chorar mais alto. Gritos nervosos tomaram o bloco ao lado. Até mesmo a senhora elegante ergueu a cabeça dessa vez.

O Architectus puxou Manara pelo braço e a forçou a se levantar. O apertão foi doloroso.

- Ei, eu estou falando com você.

- Encoste em mim mais uma vez e vai precisar construir uma geringonça para poder urinar.

O architectus tremia. Os olhos vermelhos lutando para conter as lágrimas. Sua frustração transbordava

- Ano que vem poderá tentar de novo – disse Manara. – Agora me deixe em p...

Então ela notou algo. Olhou por sobre o ombro esquerdo do architectus, e viu que a velha feiticeira se erguia. O rosto ainda mais disforme, as rugas fundas na cara. Os olhos estavam esbugalhados, escuros e opacos.

- Em nome dos deuses, o que é aquilo?

A velha se atirou sobre outro feiticeiro, o das vestes vermelhas, mordendo-lhe o pescoço. O movimento foi tão rápido e inesperado que ninguém teve tempo de reagir. Em uma fração de segundo, um jato forte de sangue espirrou do pescoço do feiticeiro, pintando o teto da cela. O homem gritava, mas a velha não parava de mastigar sua carne.

Aqueles mais próximos correram em socorro, mas feiticeiros não são conhecidos por seu vigor físico e a velha parecia ter a força de muitos homens.

- Socorro. Ajuda – gritou Manara, mas os guardas estavam ocupados demais prestando atenção na algazarra ensurdecedora que agora tomava conta do bloco ao lado.

A velha finalmente foi retirada de cima do feiticeiro de vermelho, mas não sem antes abocanhar mais um grosso naco de carne. A garganta do homem estava aberta e uma quantidade enorme de sangue vertia dali como uma fonte macabra. Ele tremia incontrolavelmente e, sem poder fazer uso de magia, seria impossível tratar de seus ferimentos.

- Ajudem – Manara gritou com toda a potência de sua jovem garganta, ocasionando um berro agudo, mas que atingiu seu intento.

A senhora elegante prestou atenção na cela pela primeira vez. Ela ergueu o dedo indicador e disse algo aos guardas.

Enquanto isso, a velha continuava dando trabalho. Três homens tentavam contê-la, mas não conseguiam. Socos e chutes voavam em todas as direções e urros inumanos brotavam da boca escancarada sempre que ela errava uma mordida.

Aquilo não era natural, não podia ser, mas a cela era encantada. Nenhuma magia funcionava lá dentro. Então como?

O feiticeiro de vermelho parou de tremer, ergueu-se de um salto e avançou sobre um dos homens que tentavam conter a velha. Seu ataque foi dirigido ao crânio e arreventou ossos e cérebro de uma única vez. Manara ouviu os dentes do feiticeiro de vermelho se quebrarem conforme se chocavam contra o osso duro, mas ele não parou.

Foi aí que ela gritou. Os joelhos batiam um no outro e um suor frio escorreu pelas costas. Quase urinou. Mesmo que ela pudesse invocar suas magias, naquela hora teria esquecido como fazê-lo.

Os feiticeiros desistiram de lutar contra a velha e correram em direção à frente da cela. Eram todos homens de estudo, dedicados ao conhecimento arcano. Desprovidos de suas magias, havia pouco o que pudessem fazer contra a animalidade aberrante que os atacava. O desespero tomou conta. Manara foi prensada contra as grades.

- Abram as celas, seus imbecis. Abram agora! – berrava.

O guarda com corpo de barril bem que tentava, mas o peso dos prisioneiros contra a porta tomava o ato impossível. A senhora elegante se levantou da escrivaninha e correu até um cajado, pendurado

na parede atrás dela. Foi quando o bloco foi invadido.

Pelo menos uma dúzia de criaturas tomou conta do bloco, e outras se amontoavam nos corredores. Guardas, homens, mulheres. Todos com as mesmas bocas escancaradas e olhares opacos.

O som gosmento de carne sendo prensada penetrou nos ouvidos de Manara, fazendo com que se virasse. O rosto do architectus era devorado com o homem ainda vivo. Ele teria gritado se sua língua não estivesse sendo mastigada pela velha.

Eu vou morrer. Pelos deuses, vou morrer.

Forçou a mente a lembrar de magias que pudessem lhe ajudar e rezou por um milagre. Pouco importava que a cela bloqueasse toda a energia mística. Não poderia simplesmente aceitar morrer daquele jeito.

E o milagre veio. De alguma forma ele veio.

Um pulso de vácuo cresceu ao redor de Manara, afastando todos os corpos e derrubando os mais próximos. A feiticeira hesitou por um instante antes de perceber o que acabara de fazer. Sem pensar, puxou a porta da cela e soltou um suspiro de alívio ao ver que estava destrancada.

Correu para o exterior, para o bloco dos usuários de magia. A poucos metros de distância os guardas se atracavam em combate corpo a corpo. Ao fundo, sobre o palanque, a senhora elegante era totalmente devorada por quatro das horrendas criaturas.

Então por isso a minha magia funcionou. O encantamento de anulação da cela foi rompido quando a pobre mulher caiu.

Mais e mais das criaturas entravam a todo instante. O guarda com corpo de barril foi agarrado e levado ao chão. Não havia como lutar contra aquilo.

Os olhos de Manara correram desesperados em todas as direções. *Precisa ter uma saída, tem que haver.* E então ela encontrou o pequeno vitral arredondado próximo ao teto. Ficava a seis metros de altura, sem nenhum tipo de apoio que ela pudesse usar para alcançar.

Manara era uma boa escaladora, mas não sabia se era tão boa assim. *Posso usar feitiçaria.* O problema é que os feitiços que fizera naquele dia já haviam consumido muito de sua vitalidade. Apelar para a magia novamente a deixaria fraca e ela não fazia ideia do que encontraria fora da prisão.

Os gemidos das criaturas ficaram insuportáveis. Aquilo podia enlouquecer o mais frio dos magos.

Eram muitos agora. Incontáveis. Manara precisava se decidir.

Feitiçaria, pensou. *Minha essência é a feitiçaria.*

Alcançou a primeira lâmina que encontrou e expôs o braço fino. Dezenas de pequenas cicatrizes em formatos de riscos ou então de símbolos arcanos cobriam a pele branca. Fez um talho ali. Sangue novo escorreu no chão e Manara sussurrou palavras antigas.

7.

GAWRGHONITE

O bárbaro se cobria de sangue. Os braços gotejavam e o líquido escorria do peito como se suassem em vermelho. A quantidade era tanta que ele encontrava dificuldades em se manter equilibrado, devido à lama escarlate que empapava o chão e tornava tudo escorregadio. Mas Gawrghonite continuava golpeando.

- Venham – urrava. – Venham todos. Não restará ninguém.

As narinas se dilatavam e os olhos saltavam das órbitas da mesma forma que fariam em um animal selvagem que luta por alimento. Os potentes músculos funcionavam sem descanso, e não pareciam precisar de nenhum. Os golpes da imensa espada curva continuavam tão rápidos e avassaladores como haviam se mostrado na batalha contra os irmãos Kormac.

Os irmãos Kormac foram os primeiros naquela noite. Antes o com a perna ferida, depois o das duas espadas, e então o da perna ferida novamente. De algum modo o verme tinha voltado à vida. Gawrghonite o matou de novo, dessa vez bem morto. Todavia, pouco depois, uma confusão tomou conta das arquibancadas. O inferno veio à tona. O povo enlouqueceu e todos atacavam todos.

Aí algum idiota teve a ideia de atacar Gawrghonite.

Com a boca escancarada e os olhos sem nenhuma luz, o monstro avançou, destemido. Foi recompensado com um metro de aço cravado no crânio. Ele caiu para não se erguer mais, mas outros vieram.

Um amontoado de corpos se empilhava ao redor de Gawrghonite, transformando-o numa espécie de ilha cercada por nacos de carne por todos os lados. Ninguém era páreo para o bárbaro em combate. Ele derrubava oponente após oponente. Só que novos não paravam de surgir, se atirando por sobre os cadáveres dos antigos.

O homenzinho tentou atingi-lo. O mesmo homenzinho que há poucos instantes o anunciara tão enfaticamente antes da batalha com os Korac. Assim como todos os outros, ele também foi mutilado pela lâmina do bárbaro, mas não sem uma certa dose de pesar. No fundo, Gawrghonite simpatizara com ele.

Outras faces conhecidas despontavam em meio ao caos.

As duas belas mulheres que o cobriram em óleo eram devoradas vivas por um grupo de monstruosidades. A bela carne destroçada por bocas famintas. Um seio volumoso foi arrancado quase inteiro e o grito de dor de sua dona fez os pelos de Gawrghonite arrepiarem.

O menestrel empestado que cuspira sobre sua comida se ajoelhava sobre um velho homem nobremente vestido, com um grande rombo na altura dos intestinos. As tripas estavam expostas e o menestrel as levava com gula para a boca, engolindo em grandes

quantidades.

Gawrghonite girou a espada curvada duas vezes atrás das costas, pegando embalo. Aproveitou a energia gerada no movimento e a descarregou num golpe circular que decepou o tronco de três criaturas que cobijavam sua carne.

É o fim do mundo.

Nas arquibancadas as pessoas se jogavam umas sobre as outras, em desespero. Já não dava pra saber quem se tornara uma besta ensandecida e quem apenas tentava escapar do trágico destino.

Os deuses nos amaldiçoam. Eles querem saber quem de nós tem real valor, pensou Gawrghonite, franzindo o cenho. *Eu tenho valor. Eu. Ninguém é maior do que Gawrghonite.*

- Pois bem, deuses de merda. Se é o fim que desejam, então darei um espetáculo tão grande que mesmo vocês serão forçados a levantar e gritar o meu nome.

- Gawrghoniiiiite – berrou uma voz.

O que era aquilo? Os deuses? Tão cedo? Mas, se fosse algum deus, sua voz soava de forma muito desprazerosa.

- Gawrghoniiiiite – a voz voltou a berrar. – Aqui, estúpido.

O bárbaro destroçou mais dois ou três crânios antes de, com os olhos, buscar a origem do barulho.

Espremido em meio a sólidos baús de madeira, um velho lhe sinalizava. Estava bem escondido, disfarçado em meio às sombras. Não tivesse sido sua mão ossuda se agitando sem parar no ar, talvez Gawrghonite não tivesse conseguido encontrá-lo.

- Venha de uma vez, homem – disse o velho.

Gawrghonite ficou intrigado e por um instante não soube o que fazer. Havia se preparado para cruzar o vale da morte levando tantos oponentes quanto possível e, nesse contexto, lidar com velhotes escondidos não era algo que se encaixasse.

O velho deslizou entre os baús, sempre tomando cuidado para não chamar a atenção. Movia-se de forma ladina, constantemente procurando uma posição mais bem escondida. Eventualmente, no entanto, apontava sua pequena besta de mão para um dos monstros e o atingia na cabeça. Imediatamente tratava de recarregar o aparato.

- Não tenho o dia todo, merda.

Gawrghonite balançou a cabeça e foi até ele, golpeando uma mulher monstruosa no caminho.

- Eu sei como sair daqui, me siga – disse o velho.

- O quê?

- Eu sei como sair daqui, maldição. O que há pra não entender na frase?

- Eu ouvi, mas...

- Atrás de você – interrompeu o velho.

Gawrghonite se virou. Duas outras criaturas ensandecidas o ameaçavam com mandíbulas trêmulas. Ele cortou a cabeça da primeira e afundou os ossos faciais da outra com um belo soco. Voltou a olhar para o velhote.

- Eu ouvi o que você disse, mas não posso fugir. Eu nunca fujo.

- Você não é muito brilhante, não é mesmo?

- Cale-se ou acabo com sua vida magricela aqui mesmo.

O velho levou as mãos à cabeça e rangeu os dentes, impaciente.

- Se você ficar aqui, vai morrer.

- Os deuses assim o desejam – respondeu Gawrghonite. – Não vou fugir. Morrerei em glória.

- Não há glória nenhuma em matar o que já está morto.

- O quê?

O velho ergueu a mão e acariciou o ar, como se mostrando a macabra pintura que a arena tinha se tornado.

- Não tenho tempo para explicar, mas já me deparei com essas criaturas em meus tempos de jovem. Elas estão mortas.

O velho atirou novamente com a besta de mão e o bárbaro afastou outras criaturas que se aproximavam.

- Mortas? – disse Gawrghonite.

- Bem mortinhas. Não têm nada a ver com os deuses.

Aquilo ali mudava as coisas. Se os ensandecidos realmente fossem aberrações do mundo dos mortos, então a batalha não era justa. Era uma humilhação, na verdade. Uma afronta.

O estômago de Gawrghonite se transformou numa fôrnalha, espalhando calor goela acima. Seu rosto se irrigou de sangue

- Por que quer me ajudar? – perguntou ao velho.

- Ajudar você? Eu quero é *me* ajudar. Não vou durar sozinho – o velho se aproximou e apontou em uma direção. – Vamos?

E agora, o que Gawrghonite deveria fazer? O fato de estar lutando contra coisas mortas o deixara furioso. Seu ímpeto animalesco era o de ficar ali e massacrar tantas daquelas deformidades quanto possível. Provavelmente morreria quando a horda que tomava conta das arquibancadas decidisse descer e invadir a arena. Por outro lado, se seguisse o velho, viveria para descobrir quem era o responsável por toda aquela covardia. Poderia matar o verme e trazer grande honra ao nome de sua tribo.

O problema era aquela coisa de fugir. Gawrghonite nunca fugia.

- Vamos? – repetiu o velho, com a voz trêmula, já incapaz de esconder sua ansiedade.

- Precisa me contar o que sabe – disse Gawrghonite.

- Combinado.

O velho correu para a lateral da arena e, graças à proteção oferecida pelo bárbaro, em poucos minutos deslizava para dentro de um túnel. Gawrghonite podia jurar que aquele túnel não estava lá um momento antes.

Seguiram no escuro, quase sem luz para mostrar a direção, mas o velho parecia saber exatamente aonde ir. Passaram por passagens e portas escondidas. Avançavam com pressa. O velho nem mesmo se dava ao trabalho de cerrar novamente as portas.

Após a quarta porta, Gawrghonite parou.

- Por que não tranca as passagens? Os loucos vão nos seguir. Podem atacar a cidade.

O velho passou a mão pelo rosto enrugado e depois ajeitou o longo cabelo branco. Suspirou, mas não disse nada.

- O que foi? Não gosto de surpresas. – Era a mais pura verdade. Gawrghonite detestava surpresas, a não ser que fossem mulheres belas e nuas cobertas apenas com pequenas tangas feitas de pele de animal. – Ordeno que me diga o que se passa.

O velho olhou ao redor, caminhou até o bárbaro e, ficando na

ponta dos pés, colocou uma mão sobre seu ombro.

- Filho, se isso aí for o que penso que é, acho que não existe mais cidade.

VALENTIN

Ser cavaleiro. Viver em virtude. Proteger os fracos e inocentes.

Os preceitos da Fraternidade Branca não eram muitos, tampouco eram complexos. Valentin passou a jovem vida fazendo o melhor possível para segui-los. Era tudo o que mais desejava. Mas havia momentos em que as dificuldades eram esmagadoras.

Como posso proteger os inocentes numa situação dessas?, pensou. *Quem não é inocente?*

Valentin corria de um lado para o outro na praça central, se atirando contra as hordas das estranhas criaturas. Os guardas reais faziam o possível para proteger o povo comum, mas a cada instante surgiam mais e mais adversários. Não fossem os gritos de incentivo e a postura férrea de Valentin, provavelmente os homens já teriam abandonado seus postos.

- Ali, no flanco direito – berrou ordens.

- Precisamos de reforços – alguém respondeu. – Não somos fortes o bastante.

- Angelus nos dará forças.

A estátua do deus podia ser vista ao longe, um baluarte de honradez em meio ao pandemônio formado.

- Ataquem – gritou, liderando a investida.

Os guardas o seguiram, estraçalhando braços e pernas na fúria da batalha. Eram bons homens, bem treinados.

Um grande grupo de cidadãos se protegia logo atrás deles. Pessoas simples, pegas em meio a uma batalha para a qual jamais se prepararam e que confiavam em seu rei e seu deus para salvá-las.

Os guardas reais eram os braços do rei. E Valentin a espada de deus.

- Não parem. Não recuem.

Os mais corajosos dos populares arrombaram uma pequena estalagem e tentavam transformá-la em forte, cobrindo as janelas com tábuas, mas o trabalho era lento. Outros arriscavam-se escalando as altas construções da Biblioteca e da Casa da Guarda, certos de que encontrariam um oásis seguro em seus telhados. A grande maioria, no entanto, se limitava a chorar, abraçados uns nos outros.

Valentin e os guardas permaneciam firmes no combate. Já haviam matado um bom número de monstruosidades, mas algo dentro delas lhes insuflava o calor da luta. Não importava o quão graves fossem seus ferimentos, elas continuavam atacando.

Um guarda ao lado de Valentin foi agarrado pelos cabelos e

puxado para a frente. Em poucos instantes seu corpo foi coberto por bocas famintas que abandonaram a batalha para comer.

- Reagrupar – disse Valentin. – Não percam tempo.

Reagrupar.

A visão das criaturas se alimentando causava náusea.

Separavam carne de ossos com as mãos nuas e enchiam as bocas escancaradas de forma tão gulosa que as mandíbulas chegavam a se deslocar.

Ao ser ungido na Fraternidade Branca, Valentin ouviu que enfrentaria demônios nos cantos escuros do mundo, que sua força deveria ser como a luz de uma vela a indicar a existência constante da esperança. Mas ele não estava em nenhum canto escuro do mundo, estava em Martuk, a capital do reino, e seus oponentes não eram demônios, mas pessoas de bem tomadas por uma espécie nova de loucura.

Procurando por um pouco mais de alento, voltou a cabeça mais uma vez para a estátua de seu deus.

Não deveria tê-lo feito.

Angelus inclinava-se sobre o jardim, a ponto de tombar em meio a dezenas e dezenas de doentes. Sua cor dourada pintada de vermelho. Atrás, chamas lambiam o grande templo e o vitral – o mesmo vitral de suas lembranças – estava quebrado em numerosos pontos. A cena apocalíptica de repente tornou os gritos dos desesperados absurdamente nítido.

As vozes de uma cidade inteira se uniam num canto de lamento e dor enquanto os doentes insanos cresciam em número.

Meu deus, não. Preciso de sua ajuda. Não me abandone.

Mas se Angelus ouvia, nada fez.

Valentin não tinha sido o único a ver a profanação da estátua e do templo. Os guardas cansados, em menor quantidade e com medo, finalmente cederam ao desespero.

- Estamos perdidos – gritou um deles. – Fugam, corram por suas vidas.

Valentin tentou acalmá-los, tentou se colocar na frente deles, tentou até mesmo segurá-los, mas o máximo que conseguiu foi ser atingido por um soco.

- Fiquem, por favor.

As bestialidades tomaram a praça.

Os cidadãos dentro da estalagem se trancaram, abandonando seus irmãos do lado de fora. Estes, em loucura, batiam contra as portas e tentavam alcançar as janelas do segundo andar. Pessoas eram pisoteadas conforme a escalada desesperada tomava forma. As mulheres e crianças ficaram por baixo.

Valentin foi trazido à realidade por uma mordida. Dentes amarelados se cravaram em sua cota de malha, sem causar nenhum dano verdadeiro, exceto em sua moral. *Preste atenção, idiota. Você*

não poderá ajudar ninguém se estiver morto.

Valentin afastou um monstro com o escudo e decepou outro com um golpe certo de espada, mas a praça estava perdida. Não havia como sobreviver ali.

Ao redor, a maldade se impunha. Os monstros surgiam de todos os cantos, devorando qualquer pessoa que cruzasse seu caminho. Fiéis se ajoelhavam em prantos, pedindo piedade aos deuses, mas sem receber nenhuma. Incêndios se espalhavam. Sangue e mais sangue jorrava.

No entanto, o pior não eram os doentes insanos e sua fome implacável. O mais difícil para Valentin foi perceber a crueldade dos próprios homens com seus semelhantes.

As pessoas dentro das casas não abriam suas portas em socorro. Os mais fortes empurravam os mais fracos em direção aos monstros. Amigos matavam amigos por causa da posse de pequenas armas. Bandos de marginais, sem compreender que não haveria amanhã, pilhavam o comércio na busca de ganhos vãos.

No coração nobre de Valentin algo escuro brotou, um pesar capaz de esfriar a alma mais bondosa, uma certeza terrível que já era impossível negar:

Os deuses estão mortos. Devo morrer com eles?

9.

MANARA

Até a Biblioteca. Que eu tenha forças para chegar até a Biblioteca.

Manara corria sobre os telhados de casas e edificações, ainda insuflada pelo efeito de sua feitiçaria. O corpo esguio continha montes de pequenos cacos de vidro, restos do vitral que ela atravessara para fugir da prisão, mas ela não lhes dava nenhuma atenção. *Preciso chegar à Biblioteca antes que o efeito acabe.*

Saltou do topo de uma casa larga, prendendo a respiração. Agarrou-se na parede cinza do edifício ao lado, sentindo as mãos grudarem na superfície rochosa, e começou a escalar. Os músculos ardiam. Uma dor aguda tomava conta da lateral de seu corpo e o ar vinha com dificuldade.

Não restava muito tempo.

No topo do edifício ela teve uma boa visão do que acontecia com Martuk. Pilares de fumaça se erguiam em mais pontos do que era possível contar. O som onipresente da destruição vinha de todos os lados. Gritos, gemidos horripilantes, orações e maldições. Agrupamentos de guardas tentavam conter os insanos ao mesmo tempo em que batalhavam contra bandidos comuns. Hordas de

monstros devoravam as pessoas vivas e monstros ainda piores se uniam em gangues para satisfazer suas vontades carnavais.

Manara não viu, mas mais de uma vez reconheceu o choro muito particular de mulheres em desespero. Ela sabia que o que os causava não eram os monstros canibais, mas a luxúria de homens sem moral. Teria parado para ajudar se pudesse. Mas não podia. Sua feitiçaria enfraquecia a cada instante e ainda faltava um bom tanto até a Biblioteca.

Correr agora doía. Doía como se óleo quente fosse derramado sobre suas pernas. A cada pulo entre telhados, a cada nova escalada, Manara soltava gemidos de esforço. Acelerou o passo. Pelo caminho, viu poucos e sortudos cidadão hábeis o bastante para alcançar o topo das construções. Passou por eles como um vulto. Os desgraçados não esboçavam qualquer reação. Estavam perdidos, apáticos. Talvez a visão de sua amada cidade tomada por bestas fosse demais para suas mentes e corações.

Manara se inclinou para frente e saltou no céu escuro.

O grande prédio da Guarda Real estava logo adiante, com chamas gordas escapando pelas janelas e lambendo as laterais. Uma vez nele, bastaria contorná-lo e alcançar a praça central e sua tão desejada Biblioteca. Mas a tarefa não era fácil.

Em pleno ar, Manara sentiu um baque, um puxão, como se uma mão invisível a segurasse, tornando o corpo pesado e desajeitado. Sua feitiçaria falhava. A sensação durou apenas um instante, mas foi

suficiente para prejudicar a trajetória.

Manara caiu abaixo de onde planejava. Atingiu a sólida parede com o flanco esquerdo e sentiu as costelas trincarem. Mordeu o lábio para aguentar a dor. O gosto ferroso invadiu sua boca. As mãos, entretanto, foram rápidas o bastante para se agarrar nas grossas bandeiras púrpuras que ostentavam o Homem Barbado, o símbolo do Rei George.

Teria o rei sobrevivido? A Casa Real aguentaria as hordas dementes que destruíam as ruas de sua capital? Manara ainda não havia parado para refletir sobre as consequências daquela noite para o resto do reinado e - por que não? - de toda Romeryon. Nada mais seria como antes.

Poderia se preocupar com isso depois, no entanto.

Agarrada à bandeira, Manara firmou um dos braços junto ao corpo enquanto que, com outro, procurou um ponto mais elevado. As costelas lhe martelavam por dentro.

Abaixo, um grupo de monstruosidades se amontoava contra as paredes da Casa de Guarda, esperando que ela caísse.

As ruas pintadas de vermelho e o cheiro de excrementos embrulhava o estômago. Corpos se esparramavam por todos os cantos, sendo devorados.

Manara virou a cabeça para cima e escalou.

O telhado não estava longe, mas não existia ponto de apoio. Seria necessário saltar até a janela mais próxima e de lá alcançar o topo da construção. Só que não havia janela que não estivesse tomada pelo fogo.

Tentando manter a mente livre dos medos, a feiticeira começou a balançar junto da bandeira, tomando embalo. Conforme se aproximava das chamas, o calor lhe beijava a face com promessas de dor e deformações. A cada novo balanço o calor aumentava. Sua feitiçaria certamente conferiria proteção, mas não a ideal. Ela sentiria tudo que há para sentir quando se brinca com fogo.

Que seja, pensou. Então se atirou.

Assim que atingiu o parapeito da janela, o incêndio a envolveu. Sua pequena figura pálida foi tomada pelo calor amarelo.

Manara gritou. Alto. Sentia a magia lutando para evitar maiores danos. O manto negro de veludo ardeu.

Não falhe comigo agora. Caso sua feitiçaria acabasse, ela deveria escolher entre morrer queimada ou devorada pelas bocas sedentas dos insanos. Sinceramente, não saberia dizer o que era pior.

Colocando toda a força nas pernas, Manara se apoiou num dos frisos ao lado da janela e saltou para cima, uma bola de fogo se erguendo na noite. A mão delicada se esticou em direção ao telhado, cada centímetro possível e depois ainda mais.

E alcançou.

Manara rolou sobre o teto da Casa de Guarda, ofegante.

Imediatamente o fogo do manto negro, agora cheio de rasgos e buracos, se apagou. A ardor do calor diminuía. Ela se permitiu respirar profundamente algumas vezes antes de se levantar e correr. A Casa de Guarda era grande e em seu outro extremo ficava a praça central.

O mundo acabava ao redor e a jornada foi dura e lhe exigiu quase tudo o que tinha para dar. Ainda assim, conforme chegava mais perto da extremidade daquele telhado, Manara sentiu o sorriso se formar nos lábios.

Tinha conseguido. Os segredos da Biblioteca seriam seus. O conhecimento para qual ela sabia que havia nascido.

Então o sorriso foi afogado pela onda de realidade.

A praça central já não existia. O que ela viu ao alcançar seu destino era uma zona de guerra. E a Biblioteca, sua tão desejada Biblioteca, ardia.

Manara caiu de joelhos e uma lágrima solitária correu até a metade da bochecha.

É o fim.

Nos destroços da praça, pilhas e pilhas de cadáveres se amontoavam enquanto bravos ainda se defendiam empunhando espadas empapadas em sangue. Um guerreiro solitário se agitava de lá pra cá, tentando proteger parques sobreviventes, cego para a própria morte que se aproximava na forma de novas hordas. Todas as grandes ruas

desembocavam na praça. Os insanos da cidade toda rumariam para lá.

Do alto da Casa de Guarda, Manara viu a cidade cair. Não sobraria pedra sobre pedra. Nenhuma força, militar ou mística, teria como consertar os estragos. Os incêndios, tantos e tão grandes, deixavam a noite mais clara do que o dia e, dentre eles, nenhum era maior do que a tocha colossal na qual a Biblioteca se transformara.

O estômago de Manara revirou. Um calor nasceu ali e escalou por sua goela como uma aranha de brasas. Sentiu o sabor da própria bile. Seu rosto se contorceu, o mandíbula contraiu e as sobrancelhas tencionaram até quase encostarem uma na outra. Era raro que se sentisse assim. Muito raro.

Controle-se, sua idiota, ordenou a si mesmo. Controle-se. Você precisa sair daqui, precisa sobreviver. Ainda tem uma última parcela de feitiçaria sobrando.

Mas ela não estava em condições de ser racional. Não naquele momento. Não diante daquela visão. Sua fúria era tanta que a escolha entre a vida e uma morte em meio aos livros se tornava difícil.

Controle-se. Viva.

A jovem feiticeira ergueu a cabeça para a lua e soltou um lamento sincero. O resto das lágrimas surgiu.

- Desgraçados – gritou. – Desgraçados!

Gastando o resto de energia que tinha, Manara pulou do

telhado da Casa de Guarda em direção a praça. Seu corpo envolto no manto negro despencou com velocidade, mas, pouco antes de tocar o solo, desacelerou.

Há poucos metros de onde pousou, o guerreiro de branco era dominado por uma quantidade incontável de bestas insanas. Muitas delas vieram em direção à feiticeira.

Ela agitou as mãos no ar, desenhando letras antigas e invisíveis com a ponta dos dedos.

- Desgraçados – berrou mais uma vez.

Uma onda de vácuo correu pela praça, arrastando tudo o que encontrou pelo caminho. Monstros, cadáveres, pessoas. Nada ficou livre da explosão de energia mística vinda da feiticeira.

Sim. Um caminho para a Biblioteca foi feito, ainda que fosse durar poucos instantes.

Morrerei adequadamente, ela pensou.

Ao dar o primeiro passo adiante, todavia, sentiu a perna fraquejar. O joelho falseou e os músculos não suportaram seu peso. Manara foi ao chão.

Havia calculado mal o resto de suas energia.

Não. Levante. Levante, droga.

Mas o corpo não obedecia. Arrastou-se por uns tantos

centímetros, mas até isso se tornou impossível.

Os insanos começaram a se erguer ao redor. Seus gemidos sinistros lhe alcançando os ouvidos.

Assim não, por favor. Assim não.

Então a escuridão a qual ela tanto estudara tomou conta. Manara não podia mais ver.

Não!

Com a cabeça encostada no chão, sentindo o piso frio e molhado, sem enxergar absolutamente nada, o corpo de Manara se entregou.

Som de passos. Som de passos se aproximando.

Os passos pararam bem ao lado dela.

10.

GAWRGHONITE

- Tem certeza que dá pra sair da cidade por aqui?

- Os túneis levam a muitos pontos – respondeu o velho -, para os que sabem como utilizá-los.

- Você fala besteira demais.

O velho riu.

Os dois continuavam percorrendo os túneis subterrâneos.

Agora, no entanto, tinham água quase pelos joelhos e trevas tão densas ao redor que foi preciso que o velho parasse e acendesse uma pequena vela retirada sabe-se-lá de onde. Não que ajudasse muito. Gawrghonite não enxergava mais de um metro à sua frente, mas o velho caminhava com segurança.

- Não conseguiremos sair da cidade – disse ele, guiando o caminho -, mas por aqui podemos ir até bem próximo das muralhas.

- O que são aquelas coisas, afinal? – disse Gawrghonite, começando a ficar de mau-humor.

- São mortos-vivos. Uma praga de mortos-vivos.

- Isso não existe. Nunca vi.

- Aposto que também nunca viu uma mulher de três tetas e não é por isso que elas não existem.

- Eu já vi uma mulher de três tetas – disse Gawrghonite. – Foi uma das melhores noites da minha vida.

O velho resmungou alguma coisa, mas Gawrghonite não sabia dizer se estava concordando com o que dissera sobre a mulher de três tetas ou fazendo chacota.

- Acredite em mim, filho. Aquilo lá são mortos-vivos – continuou o velho. – Tive a triste experiência de ver um certa vez, há muito tempo.

O nível de água alcançou o joelho de Gawrghonite – e provavelmente as coxas do velho – e um cheiro ruim invadiu suas narinas.

- Há lendas sobre mortos-vivos na minha tribo. Dizem que todos foram mortos por dragões.

- Você é um Drakkar, tudo pra você envolve dragões. Mas os mortos-vivos não foram extintos, creia. O conhecimento profano de como criá-los sobreviveu e foi passado adiante por magos negros.

O velho parou de caminhar e se virou para trás, ficando cara a cara com o bárbaro. A vela que segurava projetava sombras em seu rosto, causando um efeito perturbador.

- Eu vi um cadáver apodrecido se erguer na minha frente,

exatamente como aqueles corpos lá atrás. Vi um mago com quem trabalhei recitar palavras feias numa língua morta e então o cadáver se ergueu. A lembrança me atormentou por incontáveis noites.

Gawrghonite grunhiu.

- Você tem amigos estranhos – disse.

- Não eram amigos.

O velho voltou a guiar o caminho.

O fedor piorava. Até mesmo o estômago de Gawrghonite, acostumado a temperos fortes e carne crua, deu voltas, reclamando.

- Eu não vi nenhum mago, não ouvi palavras feias – disse.

- Nisso você tem razão. O que quer que tenha feito aquilo com aquelas pessoas, não foi magia.

- Você falou em praga. Por que acha que é uma praga?

O velho soltou uma risada seca, mais parecida com um esgarço.

- Vocês, bárbaros têm as suas lendas. Nós, ladinos das guildas, temos nossas histórias.

Então o velho era um ladino. Estava explicado por que conhecia tão bem os segredos sombrios da cidade. Gawrghonite já lidara com muitos ladinos em sua vida. Embora os achasse um bando de covardes, a maioria era divertida.

- Como você se chama? – perguntou.

- As pessoas me chamam de Cão. Cão Velho, mas eu prefiro apenas Cão.

- Cão, você é o ladino mais velho que eu já vi.

- Por isso que me chamam de Cão Velho.

A água já batia nas coxas de Gwarghonite e eles avançavam lentamente. O chiado de ratos passou a lhes fazer companhia e o fedor nauseante se tornou quase insuportável.

- Mas que merda de cheiro é esse?

- Acertou na mosca – respondeu Cão.

- O quê? Merda?

- O que mais você esperava?

Gawrghonite parou a caminhada e puxou o velho pela gola do manto, erguendo-o uns vinte centímetros.

- Está me dizendo que nós estamos andando em merda? Isso daqui... isso daqui é o esgoto?

Cão fez que sim com a cabeça.

Gawrghonite soltou um rugido de fúria.

- Você faz Gawrghonite, o amante de deusas, caminhar em merda? Como ousa me conduzir aos esgotos?

O Bárbaro atirou Cão para frente, quase apagando a pequena chama da vela.

- Calma, rapaz...

- Calma? Calma? Eu vou cagar em seu rosto enrugado.

Vamos ver se você ficará calmo. Gawrghonite não anda em esgotos.

O bárbaro girou a cabeça, passeando os olhos ao redor em busca de uma saída. Encontrou pequenos sulcos na parede rochosa que conduziam até o alto.

- Dê-me essa vela – ordenou a Cão.

- Escute, é melhor...

- Dê-me. A. Vela.

O velho não discutiu.

De posse da pequena luz, Gawrghonite foi até os sulcos e começou a subir. Chegando próximo ao teto do túnel, identificou uma rocha diferente das demais, era de cor rosada e muito menos áspera ao toque.

- Estou falando sério, rapaz. Você não quer fazer isso – disse Cão.

Mas Gawrghonite o ignorou. O estômago dava cambalhotas devido ao fedor de merda e o chiado dos ratos pareciam mais e mais claros, como se os bichinhos nojentos quisessem provocá-lo.

Onde já se viu, me trazer para um esgoto?

Segurando firme nos sulcos, Gawrghonite apoiou as costas contra a rocha rosada e, colocando força nas grossas pernas, empurrou. Não demorou até a rocha se mexer e o ar gelado da superfície aliviar a catinga.

- Você vem?

Cão não respondeu. Os olhos do velho iam de Gawrghonite para o túnel e de volta para Gawrghonite. A dúvida estampada na cara.

Gawrghonite não esperou. Saltou para fora, ansioso para se livrar do mau-cheiro. E então precisou admitir que Cão não era um mentiroso.

A cidade caiu, logo percebeu. Realmente caiu.

Os mortos-vivos estavam por todo o canto, banquetecendo-se em carne humana. Sangue lavava as ruas. Gordos enxames de moscas infestavam o ar. E os homens eram fracos demais para se defender.

Os homens eram fracos demais para se defender.

O pensamento irritava Gawrghonite. Para ele, a força era a maior qualidade humana. Uma força maior que a dos anões, maior que a dos elfos e, em alguns casos especiais como o dele, maior que a dos goblinóides. Se a principal cidade dos homens não tinha força para se defender de seus mortos, o que aquilo dizia sobre a espécie como um todo?

Para Gawrghonite, os mais fortes tinham direito a tudo. Doía ver seus semelhantes sendo trucidados por mortos-vivos.

Ali, no meio das ruas destruídas, em meio ao fogo e aos escombros, poucos eram os homens que davam combate aos monstros. Muito poucos. Apenas um, na verdade. Um jovem de manto branco, brandindo sua espada incansavelmente, protegendo uma pequena figura vestida de negro aos seus pés. Os mortos-vivos atacavam por todos os lados e, embora estivesse claramente ferido, o jovem não desistia. Aquele ali não merecia morrer.

- Pelo rabo dos deuses – disse Cão, apenas com a cabeça para fora do buraco que levava aos esgotos. – Isso daqui já era. Temos que voltar aos esgotos, rapaz.

Gawrghonite encarou a cidade. Não existia mais vida ali. Ela fora tomada pelos mortos e pelas chamas, mas ele ainda não gostava da ideia de andar na merda.

- Venha. Engula seu orgulho e venha.

Cão lhe aguardava na entrada do túnel, todo sujo de água marrom e fedendo como uma latrina.

O jovem de branco continuava a empunhar a espada com coragem, mas perdia terreno a cada segundo. Não duraria muito tempo sozinho.

Cão. Esgoto. Merda.

Jovem de branco. Valentia. Morte.

- Esconda-se – disse ao velho.

Então avançou na direção do jovem, investindo contra os mortos-vivos.

- Gawrghoniiiiiiiiite!

VALENTIN

- Gratidão – disse Valentin ao enorme bárbaro.

- Para o bueiro – o outro respondeu.

Os olhos de Valentin desceram até a garota de negro caída a seus pés. Ele não sabia quem ela era e nem tinha motivos especiais para protegê-la, mas não poderia simplesmente abandoná-la aos insanos.

- Eu cuido dela – disse o bárbaro, se adiantando a qualquer intervenção. Deveria ter notado a hesitação de Valentin em simplesmente partir. – Agora vá.

Com apenas uma mão, o homem agarrou a garota e a jogou sobre o ombro.

Vendo que o bárbaro dizia a verdade, Valentin tratou de obedecê-lo. O homem salvara sua vida, afinal.

Correu para o buraco na calçada de pedra, acertando com sua espada alguns dos insanos pelo caminho. Atrás, o bárbaro o seguia, mutilando quem quer que ficasse na frente. Valentin saltou para dentro do buraco, para a escuridão úmida e fétida dos esgotos.

A queda foi amortecida pela água que lhe alcançava o peito e

encharcava suas vestes. O cheiro de fezes invadiu suas narinas e ele se viu cego por um instante, enquanto os olhos se adaptavam à falta de luz.

- Por aqui – ouviu alguém dizer.

Seguiu a voz e foi aparado por mãos magras que o conduziram adiante. Atrás, um forte som ecoou, como se uma gigantesca pedra caísse em um lago.

O bárbaro, pensou. O bárbaro pulou pelo bueiro.

- Não fique aí parado, ande, ande – disse a voz.

Valentin não tinha certeza se falavam com ele ou com o bárbaro, mas avançou assim mesmo. Logo os olhos se adaptaram, mas havia pouco para ver.

O túnel devia ter cerca de três metros de largura, com uma altura semelhante. As paredes eram de tijolos negros e sujos, onde baratas corriam de lá pra cá. A pouca luz que entrava era proveniente do buraco do bueiro. Bem no centro dela estava o bárbaro com a garota no ombro. Ao lado dele um homem velho sacudia os braços, reclamando.

- Eu te chamei para que me ajudasse a sobreviver, seu estúpido, não para ajudar a me matar.

- Posso matá-lo aqui mesmo e acabar com o problema – respondeu o Bárbaro, avançando. – Ou você pode mostrar o caminho.

- Você fez com que eu perdesse a minha vela – resmungou o homem velho, mas assumiu a frente do grupo, passando por Valentin.
– Espero que sejam úteis.

Embora velho, o guia se movia de forma esguia e cortava a água sem dificuldades. O mesmo acontecia com o bárbaro que, devido à altura, caminhava de forma menos incômoda, mesmo com a garota nos ombros. Valentin fazia seu melhor para acompanhar, mas estava cansado e vestindo armadura. Logo se distanciou do grupo. Adiante enxergava apenas um grande vulto em meio às trevas.

Mantenha-se firme. Eles já ajudaram uma vez, não se torne um peso morto.

O grupo virou à direita em um túnel.

Valentin se apressou para não se perder e, quando fez a curva, pelos deuses, feixes apareceram.

Bueiros em grade, pensou. Devemos estar embaixo de uma rua importante.

Linhas de luz brancas e diagonais caíam do teto e se espalhavam pelo ambiente obscuro. Todo o grupo estava visível, e bastante adiantado em relação a ele.

Foi então que o som amaldiçoado alcançou seus ouvidos. Aquele gemido macabro feito pelos insanos na cidade acima também ecoavam pelo esgoto.

- Ande logo, moleque – disse o velho.

Valentin ergueu a mão, sinalizando para que o homem se calasse. Então apurou a audição.

O gemido novamente.

Então um eco, e mais outro e outro.

Não, não eram ecos.

Eram diversas daquelas bestas. Elas tinham seguido o grupo esgoto adentro.

- Eles estão aqui – avisou Valentin, sacando a espada.

12.

MANARA

Manara abriu os olhos.

Trevas. Suas tão amadas trevas.

Estou morta? A vida além é desse jeito, uma escuridão sem fim? Mas logo percebeu algo mais. *Que cheiro horrível é esse?*

Diante daquele fedor, só poderia estar no inferno. Era isso. Tinha morrido e ido ao inferno.

Fechou os olhos com força e voltou a abri-los. Manchas surgiram e, aos poucos tomaram forma. Seu corpo voltou a sentir sensações e os ouvidos captaram sons. Vozes.

- Segure-a – disse uma voz gutural.

- Eu não vou segurá-la. Eu não aguento segurá-la – respondeu a outra.

Manara ergueu a cabeça e se viu nos ombros de um imenso orc. Só poderia ser um orc, com músculos daquele tamanho.

Estava viva!

- O que estão fazendo comigo? – disse.

- Ela acordou – disse uma das vozes.

- Não me diga – respondeu a outra.

Manara agitou-se. Sacudiu as pernas, tentando escapar do orc, mas o seu esforço era ridículo. O maldito a prendia com apenas uma mão, tamanha sua força.

- Solte-me. Ordeno que me solte.

De repente o corpo desabou e se chocou contra a água. Ela mergulhou, sentindo a temperatura baixa. A sensação ajudou a despertar seus sentidos, mas o gosto na boca foi terrível. Ergueu-se de pronto, tossindo, prestes a vomitar. Estava coberta com um líquido espeço, escuro e fedido. O que quer que fosse aquilo, havia entrado em seus olhos e causado uma forte ardência.

Mãos magras e frias a seguraram, ajudando-a a firmar as pernas e se equilibrar.

- Não devia dar ordens – disse o dono das mãos. – Ele não gosta de ordens.

Manara limpou o líquido dos olhos e viu as imensas costas do orc recuando pelo que parecia um túnel de esgoto. Pelo que *deveria* ser um túnel de esgoto. Pelo que *era* um túnel de esgoto.

Pelos deuses, melhor não pensar sobre o que acabei de engolir.

- Temos que continuar em frente – disse o homem das mãos

frias, ao seu lado. Um sujeito esguio e enrugado. – Não é seguro.

- O que aconteceu? – perguntou Manara.

- Os mortos tomaram a cidade – disse o velho, conduzindo-a pelo túnel, na direção contrária da tomada pelo orc. – Você e seu amante iam morrer, mas Gawrghonite e eu os salvamos.

Mortos tomando a cidade? Mortos? E que história é essa de amante?

- Gawrghonite é o orc? – perguntou.

- Ele não é um orc, é um bárbaro Drakkar.

Manara olhou por cima dos ombros. O bárbaro estava à distância, acompanhado de outro guerreiro. Uma figura imensa ao lado de outra menor. Ambos portavam espadas, mas a do guerreiro parecia uma adaga perto da do bárbaro.

O velho continuou andando, conduzindo-a, como uma boneca de madeira, mas Manara reagiu. Com um puxão, se libertou das mãos magras.

O velho a encarou, surpreso.

- Você falou de mortos – disse Manara. – Explique.

Os olhos do velho rolaram para cima, impacientes.

- Todo mundo me pergunta sobre mortos – disse. – Escuta aqui, filha, essas coisas são mortos-vivos, entendeu? Mortos-vivos!

Cadáveres que andam por aí matando gente. Uma praga deles, e estão vindo na nossa direção agora mesmo.

Manara voltou a olhar na direção do bárbaro e do guerreiro.

Mortos-vivos? Mas a necromancia foi banida de Romeryon há quase trezentos anos e os livros que tratavam do assunto queimados. Manara sabia que os livros haviam sido queimados, pois, motivada por sua curiosidade infinita, procurara por eles incansavelmente. Não restara nenhum. Ou será que restara? *De qualquer forma, nunca ouvi sequer rumores de que existisse feitiçaria capaz de criar uma praga de mortos-vivos.*

- Isso não é verdade – disse, com ar lógico. No entanto, sabia que o que vira na praça central de Martuk não era nada lógico.

- Duvide o quanto quiser, mas agora nós temos que seguir em frente. O túnel que leva para longe da cidade não está longe.

Não era fácil para Manara decidir o que fazer. Antes daquela noite ela nunca estivera em situações de combate com verdadeiro perigo, não daquela forma. Por mais que detestasse admitir, estava assustada e perdida. Seu vasto arquivo mental de conhecimentos parecia inútil no momento e, sem energia, não poderia realizar evocações e feitiços. Não havia nenhum professor ou colega de artes arcanas com quem contar e a companhia que ela tinha – um velho, um guerreiro e um bárbaro – não lhe agradava de forma alguma.

Talvez seja melhor seguir sozinha. Esconder-me nas sombras como sempre fiz até que seja seguro sair daqui e retornar

aos salões de Asfódelos.

O som de lâminas se chocando contra carne tomou os túneis. Rugidos de batalha rivalizavam com os gemidos dos insanos. *Dos mortos.* O olhar assustado do velho denunciava que, atrás deles, o bárbaro e o guerreiro haviam entrado em combate.

Tenho que voltar para casa, pensou. Preciso dar um jeito de sair de Martuk e voltar pra casa. Era um longo caminho a se seguir, e perigoso também. Ainda mais perigoso para uma jovem feiticeira solitária. Lembrou-se de um antigo ditado repetido pelos professores aos neófitos, para que valorizassem os membros de sua linhagem de magia:

“Quer ir rápido, vá sozinho. Quer ir longe, vá acompanhado”.

Encarou o rosto sofrido do velho. As rugas se evidenciavam naquele ambiente de penumbra e olheiras escuras apareciam debaixo dos olhos. Havia sujeira e dejetos em seu cabelo branco e no pescoço fino. O homem parecia cansado, muito cansado.

Não devo estar muito mais apresentável, pensou Manara. E é provável que tudo piore antes de melhorar. Não quero passar por isso sozinha.

- Muito bem – disse, por fim. Vamos de uma vez.

GAWRGHONITE

- Sua fêmea acordou – disse Gawrghonite, alcançando o jovem guerreiro na curva do túnel. – E ela fala demais.

O jovem espiou sobre o ombro muito rapidamente, logo depois voltando a atenção para a direção de onde vinham os gemidos.

- Ela não é minha – ele respondeu.

Os gemidos dos mortos-vivos ficaram mais altos. Gawrghonite desembainhou a gigantesca espada curvada.

- Sério? Então por que você a protegia? – perguntou.

- Porque era o certo a se fazer.

Gawrghonite soltou uma gargalhada.

- Você é engraçado, rapaz. Essa é boa.

- Ora, por que você me protegeu?

- Por que você tem coragem – disse Gawrghonite, de pronto.
– Merecia viver.

- Porque de acordo com o que você acredita, era o certo a se fazer, não era?

Gawrghonite espremeu os olhos e coçou o queixo quadrado.

Parece que salvei um espertinho, melhor ficar de olho nele.

- Qual é o seu nome, rapaz?

- Valentin.

- Sou Gawrghonite, dos Drakkars. Moedor de crânios, amante de deusas, horror da arena, sodomizador de virtudes e o maior de todos os homens.

O jovem fez um aceno respeitoso com a cabeça. Gawrghonite gostou do aceno.

Um gemido soou muito alto, anunciando a chegada iminente dos mortos-vivos.

- Se a garota não é sua fêmea, então posso possuí-la – disse Gawrghonite.

O jovem olhou sobre o ombro novamente.

- Acho que talvez não seja a melhor hora pra falar disso.

- Sempre é hora para se falar em mulheres e coito.

Um morto-vivo apareceu, cambaleante no túnel de esgoto. Ele vinha sem hesitação na direção deles, atraído como uma mariposa para a chama.

- Vai começar – disse Gawrghonite. – Vamos matar o máximo possível desses cadáveres e depois vamos atrás de Cão. Ele

conhece as coisas por aqui.

- Cadáveres? Esses insanos são cadáveres?

Gawrghonite fez que sim com a cabeça.

- Depois o Cão te explica.

Mais mortos-vivos surgiram do fundo do túnel. O barulho dos gemidos agora tomava os subterrâneos, ricocheteando nas paredes de tijolos e indo penetrar na própria alma de quem o ouvia.

Valentin tinha boa postura e sabia empunhar uma arma, mas os olhos treinados de Gawrghonite captaram o tremor nas mãos do jovem.

- Você vai ficar bem – disse o bárbaro. – Está lutando ao lado de Gawrghonite.

- Pelo barulho, são muitos.

- Sim. Mas eles são lerdos. Não é difícil esmagá-los.

O primeiro morto-vivo os alcançou. Gawrghonite o abriu em dois com um único golpe, unindo o cheiro de sangue ao fedor das fezes do esgoto. Logo mais duas monstruosidades avançavam sobre eles. Valentin se engalfinhou com uma enquanto o bárbaro empalava a outra. Olhou para trás e viu que Cão e a garota tinham sumido.

Ótimo. Encontrem o caminho. Eu cuido da batalha.

A luta seguiu seu rumo. Valentin era disciplinado no uso da

espada e escudo e não ficou no caminho dos golpes do bárbaro, o que foi uma coisa boa. Pedacos de carne e membros decepados boiavam ao redor dos dois guerreiros e logo o acúmulo de cadáveres destruídos começou a dificultar os movimentos.

A respiração de Valentin chegava ofegante aos ouvidos de Gawrghonite. Se a água já atrapalhava seus movimentos, imaginou como deveria ser um estorvo para o jovem, que precisava lutar quase submerso.

-Você está bem? – perguntou Gawrghonite, após mais um golpe de espada.

- Eles são muitos.

- E ainda virão mais.

Gawrghonite precisava admitir que mesmo ele não esperava tantos oponentes. Quando se preparou para aquele combate dentro do túnel, imaginou que apenas alguns mortos-vivos teriam se dado ao trabalho de seguir o grupo pelo bueiro. Bastaria dar cabo de uma dezena, uma dúzia no máximo, e pronto, estariam livres para seguir caminho. Não era o que acontecia.

- Ouça os gemidos – disse Valentin. – Deve haver pelo menos mais vinte deles vindo até nós. Não podemos mais lutar aqui.

Ele é jovem, mas não é burro, pensou Gawrghonite. Se continuarmos aqui, eventualmente eles nos cansarão. O túnel é largo demais, permite muitos ataques ao mesmo tempo.

- Precisamos de uma posição melhor – disse. – Recue, procure por um túnel mais estreito e...

Súbito, um dos mortos emergiu da água, no meio deles, pegando Gawrghonite de surpresa. O bárbaro, por puro instinto, tentou executar um ataque poderoso ao girar a espada, mas a lâmina acertou a parede e ficou presa por um pequeno instante, o suficiente para ocasionar uma falha em sua guarda.

Merda. O desgraçado me pegou. O bárbaro já se preparava para levar uma mordida quando uma lâmina saltou pela boca do morto-vivo. *Valentin.* O jovem havia se antecipado ao ataque e conseguira matar o monstro antes que o mesmo pudesse morder Gawrghonite. Mas o momento de alívio durou pouco.

Valentin gritou quando outro morto-vivo o atacou pelas costas, cravando os dentes quebrados em seu ombro. Outro oponente avançou contra o jovem, e mais um. Gawrghonite também tinha mortos-vivos a ameaçá-lo por todos os lados.

- Eles nos cercaram – disse Valentin. – Não temos como escapar.

- Mergulhe – Gawrghonite gritou, e rezou para que os reflexos do jovem fossem bons.

Puxando a espada com toda a sua força, Gawrghonite a obrigou a rasgar a própria rocha conforme ele executava seu ataque em giro. A lâmina bárbara cortou o ar em um ataque de trezentos e sessenta graus, decepando cabeças e troncos pelo caminho.

Valentin tornou a sair da água com dois mortos-vivos tentando abocanhá-lo de todos os jeitos, mas o jovem conseguia manter as bocas famintas à distância, o que causou um certo orgulho a Gawrghonite. *Eu estava certo, esse daí merecia estar vivo.*

Os gemidos continuavam, ainda mais agressivos. O ruído da água sendo agitada ao longe indicava que mais e mais mortos chegariam para aquele combate. A coisa fugira do controle. Não havia como segurar os monstros ali. *Se eu estivesse sozinho*, pensou o bárbaro, *talvez já tivesse caído.*

Olhou para Valentin, exausto, desferindo golpes sem força. Do outro lado do túnel, não havia sinal de Cão ou da garota. E agora, o que deveria fazer?

Gawrghonite atingiu um morto-vivo com a lâmina e logo em seguida deslocou o maxilar de outro com um soco que mais parecia uma marretada, mas mais e mais oponentes os cercavam.

- Não adianta, Valentin – disse. – Vá atrás de Cão. Ajude-o.

- Mas e você?

- Estarei logo atrás. É impossível segurar os desgraçados aqui.

Valentin atingiu um monstro com o escudo e recuou.

Gawrghonite deslizou para o centro do túnel. O espaço extra nas laterais o permitiria desferir golpes mais arrasadores, capazes de

cobrir maior área. Mais três mortos-vivos caíram, mas quatro tomaram o lugar.

- Ande logo – urrou para o jovem guerreiro, que finalmente saiu em disparada no túnel, em meio aos feixes de luz.

Encontre-os, rapaz. Encontre-os depressa. Vou fazer o melhor possível aqui.

O bárbaro urrou e macetou crânios com o cabo da espada como quem espreme batatas podres. O sangue que voava era tanto que as mãos de Gawrghonite ficaram gosmentas, escorregadias. Ele continuou urrando, urrou até sua poderosa voz se tornar tão forte quanto os incontáveis gemidos mortos.

A quantidade de cadáveres destruídos ao redor era impressionante. Um verdadeiro mar de corpos. Mas outros não paravam de surgir ao fundo daquele túnel, rostos ensandecidos que antes foram fâces comuns de mulheres, homens e crianças de todos os tipos. Rostos que se retorciam e tentavam devorá-lo.

Gawrghonite se permitiu uma rápida olhada por sobre o ombro. Valentin já tinha sumido.

Sorriu.

- Venham, desgraçados. Querem um pedaço de Gawrghonite? Então venham!

E ele continuou golpeando. Uma ilha de vida em meio à

morte pura.

14.

VALENTIN

- Maldição, maldição – gritava Valentin, perdido em meio a tantos túneis.

Por onde se meteram? Qual é o caminho? Todos me parecem iguais.

Deixara Gawrghonite minutos atrás e, a essa altura, já deveria ter encontrado o resto do grupo. *Tomei o caminho errado, só pode ser isso.* Ali, naquele ambiente sombrio, escondido dos homens e dos deuses, ele estava tão deslocado quanto um anão em um banquete vegetariano.

A água ainda batia na altura do peito. Fezes boiavam ao redor e acabavam grudando em sua roupa e na capa outrora branca - símbolo da Fraternidade - que ele vestia com tanto orgulho. Sentia até os ossos encharcados e, com a adrenalina baixando, o frio se tornava um incômodo. Gemidos ainda se faziam ouvir em ecos e Valentin não sabia mais dizer se estava longe ou perto dos mortos-vivos.

Que belo herói você é, pensou. Não passa de uma criança com sonhos de grandeza. Não consegue nem mesmo encontrar seu caminho em um esgoto. Como faria se precisasse cruzar os labirintos das Montanhas Gongolin? Ou os subterrâneos antigos das Cidades

Burguesas? Você é uma piada Valentin, uma piada.

Seguiu pelo túnel em que se encontrava, guiado pelos poucos feixes luminosos vindos da cidade acima. Ao término, virou à direita, apenas para dar de cara com barras de ferro tão grossas que nem mesmo Gawrghonite conseguiria entortá-las. Bem, talvez Gawrghonite conseguisse.

Mais um golpe nos seus sonhos, imbecil.

Valentin achava que viria a Martuk e conquistaria prêmios de louvor no combate com espada. Que começaria a fazer um nome para si. Que piada. O que seria dele se enfrentasse um homem como o bárbaro? Teria a heroica carreira encerrada antes mesmo de começar.

Gawrghonite. Ele sim é um guerreiro de verdade, um combatente destemido e experiente capaz de inspirar multidões... se tivéssemos mais homens como ele na Fraternidade Branca, dispostos a defender o que há de mais sagrado. Pelos deuses, o mundo poderia ser um lugar diferente.

Mas Gawrghonite e outros como ele não se juntavam à Fraternidade. Não. Tais guerreiros lutavam por crenças pessoais, ouro ou glória. Valentin não devia ocupar sua cabeça com pensamentos sonhadores. Devia encarar a realidade e fazer o melhor possível na situação em que se encontrava. *Ele* era um membro da Fraternidade Branca e era isso o que importava.

E devo fazer o meu melhor para seguir os ensinamentos da minha ordem.

Afastando o nervosismo que nublava seu julgamento, Valentin respirou fundo e voltou pelo túnel. Aguçou os ouvidos. Os gemidos continuavam lá, furiosos. O eco não lhe permitia saber a que distância se encontravam. *Gawrghonite já deve ter escapado e encontrado os outros. Tenho que me apressar ou eles partirão sem mim.* Sim, era isso o que fariam, e também o que deveriam fazer. Valentin queria ajudar, não ser um peso, ainda mais numa situação de calamidade como aquela. Na ausência dos deuses e do rei, muito seria exigido dos membros da Fraternidade Branca.

Pense, Valentin. Pense.

Um leve guincho soou ali perto, fazendo o jovem sacar a espada.

Um rato corria pelo teto do túnel, ignorando sua presença logo abaixo. O pequeno animal saiu das trevas e correu até o bueiro em grade, gerando sombras.

Os bueiros. Valentin correu de volta pelo caminho que tinha feito. *No túnel em que lutávamos, a quantidade de bueiros era maior, o que significa que era uma rua grande, uma rua de comércio.* Existia apenas três *ruas de comércio* daquele tamanho em Martuk e, a julgar pela posição que estavam em relação a praça, aquele túnel só poderia ser uma de duas opções: Rua do Porco ou Rua da Lua.

Valentin atravessou mais um túnel e se localizou em relação ao seu ponto de partida. Poderia ser sua imaginação, mas os gemidos pareciam mais altos. *Estou no caminho certo. Agora preciso decidir.*

Caso o túnel dos feixes estivesse abaixo da Rua do Porco, então, para chegar próximo aos portões da cidade, Valentin precisaria seguir para oeste; se estivesse abaixo da Rua da Lua, noroeste. O jovem pensou em rezar e pedir conselho aos deuses, mas o vazio no coração lhe dizia que aquilo seria inútil. Estava por conta própria.

Outros dois ratos passaram velozes ao seu lado, na parede da esquerda. Deveriam estar contentes, pois com certeza teriam um banquete por muitos dias. Valentin os acompanhou com os olhos e viu quando viraram a oeste.

Valentin tomou o caminho do noroeste. Não seguiria ratos, jamais.

O queixo do jovem tremia, fazendo com que batesse os dentes. Estaria cansado, com frio ou com medo? Um pouco de tudo isso era o mais provável. As pernas moviam-se com dificuldade, a cota de malha lhe pesava nos ombros e a água subia ainda mais de nível, forçando-o a esticar o pescoço. Mesmo assim, ele seguiu em frente.

Vozes.

Vozes vivas.

Um choque de energia tomou Valentin e ele percorreu o resto do caminho o mais rápido que podia, quase nadando nos esgotos, agitando a água fétida. Ao virar no fim do túnel, não conseguiu segurar o sorriso.

- Graças aos céus – gemeu.

Cão e a garota estavam ali, sobre o que parecia uma plataforma de pedra. O velho lhe mirava com uma pequena besta e a garota erguia uma rocha sobre a cabeça, pronta para atacar. Ela era mais jovem do que ele pensava, e muito mais bonita, mesmo que toda coberta de dejetos.

- É só o seu amante – disse Cão para ela.

- Já disse que ele não é meu amante – a garota respondeu.

Valentin se aproximou, arfando devido ao esforço físico.

- Onde está Gawrghonite? – perguntou.

- Como assim *onde está Gawrghonite*? – disse Cão. – Ele deveria estar com você.

- Precisamos nos separar. Eu vim na frente enquanto ele segurava alguns mortos-vivos. Ele me disse que viria logo após.

- Merda – resmungou Cão. – Merda grande e fedida. Estamos fodidos.

Foi só então que Valentin finalmente reparou nos arredores. O grupo estava encurralado naquele túnel. Grandes blocos de pedra fechavam o caminho, saindo da água e indo se mesclar com a rocha do teto e continuando além.

- Um edifício deve ter ruído – disse a garota. – Seus destroços destruíram parte da rua e vieram parar aqui, nos túneis. Não há como passar.

- Existe outro caminho?

- Sim, mas precisaremos voltar bastante. Há muitos mortos-vivos lá atrás?

Valentin lembrou das dezenas e dezenas de bocas se assomando contra ele. Dos corpos saindo da água. Das mãos desejando destroçá-los. Eram demais para se enfrentar.

- Não podemos voltar – se limitou a dizer. Fitou as grandes rochas que bloqueavam o caminho. – Talvez Gawrghonite conseguisse remover essas pedras.

- Claro – disse Cão. – Por um acaso você não tem um Gawrghonite aí no seu bolso, não é?

Valentin fechou a cara.

- Não há razão para ser rude.

- Não há razão pra ser rude? – perguntou Cão. – Não há razão pra ser rude? Não há *razão* pra ser rude? Eu vou te contar uma...

- Cale a boca, velho – interrompeu a garota. - Ele estava lutando por nós, afinal.

Valentin sentiu as bochechas corarem. Por alguma razão juvenil sentiu-se encabulado com o comentário da garota. *Só espero que ninguém perceba* .

Afastando aqueles sentimentos imaturos, subiu na plataforma

de pedra, formada pelos escombros. Largou a espada ao lado e, abraçando uma das rochas, puxou com tudo o que seus músculos tinham pra dar. Puxou até sua carne arder como se embebida em óleo fervente e depois puxou um pouco mais.

A rocha mal se moveu.

O velho ergueu as mãos aos céus.

- Estamos fódidos.

15.

MANARA

Caberia a Manara resolver a situação.

O velho não parava de resmungar enquanto que o guerreiro continuava tentando mover rochas destinadas a músculos maiores. O máximo que conseguiria seria uma dor nas costas.

Não há como seguir. Tenho que pensar em uma alternativa.

Manara moveu-se sobre a plataforma de pedras, buscando uma melhor visão do túnel. Até agora nenhum sinal de movimento, nem de Gawrghonite, nem dos mortos-vivos. Seria correto assumir que era seguro voltar até certa distância.

- Velho, quanto faltava para alcançarmos o destino pretendido? – perguntou.

- Pouca coisa, mais algumas dezenas de metros e alcançaríamos o túnel que leva os dejetos para fora da cidade – disse, num tom choroso. – Os deuses mijam em nós.

Estamos perto da muralha, então. Perto da saída.

- Vi frisos nas paredes dos túneis aqui perto, como se fossem escadas. São o que penso que são?

- Acessos à superfície – disse o guerreiro. – Foi como viemos parar aqui.

Manara saltou para dentro da água suja.

- Venham comigo.

O guerreiro hesitou por um instante apenas, mas a seguiu. O velho, para variar, reclamou.

- Onde você vai? O que pensa que está fazendo?

- Não temos como passar por aqui – disse Manara, caminhando pelo túnel inundado. - Insistir é estupidez.

- Gawrghonite vai chegar. Ele vai remover as pedras.

Manara ignorou. Se o velho queria ficar, que arcasse com suas decisões, mas ela sabia que aquela era uma escolha fadada ao fracasso.

- Gawrghonite realmente pode remover aquelas pedras.

Quem falou foi o jovem guerreiro que vinha logo atrás dela. Manara se virou para fitá-lo e então, pela primeira vez, reparou em como era jovem. Os olhos claros traziam uma ingenuidade rara de se encontrar nos mais velhos e experientes. A pele mostrava-se virgem, bonita, sem os sulcos e cicatrizes da idade.

Por onde andei sempre me disseram que eu era jovem demais para ser uma feiticeira, uma menina brincando de ser mulher,

mexendo com forças além da minha compreensão – pensou Manara. - Normalmente as pessoas se arrependiam dessas palavras, mas agora eu as entendo.

Apesar da altura e dos músculos, ficava evidente que o guerreiro não tinha mais do que a própria idade dela. Provavelmente menos. Como um rapazote desses se apoderava de espada e armadura e saía assim pelo mundo?

- Sua esperança é tocante, rapaz, mas nem um pouco sábia – respondeu a ele. – Gawrghonite deve estar morto.

- Ele está vivo – disse o jovem. – E meu nome é Valentin.

Manara voltou a caminhar adiante, deixando os dois para trás.

- Espere – gritou o velho. Ouviu-se o barulho de seu corpo contra a água. – O que pensa em fazer?

Sem parar de andar, Manara respondeu:

- Vou até a superfície, encontrar um local seguro para me esconder.

- Você vai lá em cima? Deve ser louca.

- Adeus então. Fiquem junto das pedras.

Manara entrou em outro túnel.

Os homens a seguiram.

Sem demora e sem mais discussões, o grupo seguiu até o primeiro conjunto de frisos que encontrou, abaixo de um bueiro em grade. Manara, já de pleno controle dos reflexos, subiu de modo rápido e ágil. Forçou o bueiro para cima, mas este estava bloqueado pela sujeira nas bordas.

- Preciso de uma lâmina.

Sem demora, Valentin ofereceu-lhe um punhal longo e fino. Uma arma simples, mas bem trabalhada. Com ela, Manara limpou as laterais da grade e, fazendo uma alavanca, conseguiu destravá-la. Elevou-a apenas o suficiente para ter visão de onde estavam.

A rua sinuosa estava repleta de corpos caídos, carroças e tendas de comércio destruídas e, como não poderia deixar de ser, trôpegos mortos-vivos. A noite ainda cobria o céu, mas as chamas dos incêndios trazia luz e proporcionava uma ampla visão. Dali onde estava conseguia ver as muralhas da cidade, mas tentar alcançá-las sem um plano seria suicídio.

- Como está a situação? – perguntou o velho.

- Péssima.

Os olhos atentos analisavam as construções próximas, descartando todas que oferecessem pouca segurança. Uma casa grande parecia a escolha óbvia, mas já devia estar ocupada, haja vista o grande número de mortos-vivos que investia inutilmente contra as portas pesadas. Quem quer que se refugiasse lá dentro, não abriria as portas pra ninguém.

Outra opção seria o pequeno armazém de grãos. O local utilizava pedra em boa parte de sua estrutura e certamente ofereceria alimento, mas estava próximo demais a um incêndio.

E havia também a casa de portas vermelhas. Simples, estreita e de difícil acesso. Uma carroça tombara bem em frente à sua entrada, o que mantinha os mortos-vivos a uma distância segura. Nenhuma janela aparecia em seu primeiro andar e apenas duas ornamentavam o segundo piso. *Perfeito. É por ali que vou entrar.*

- Algum de vocês tem uma corda? – perguntou.

- Eu tenho – disse o velho -, mas está toda suja de merda.

- Vai servir.

Manara fechou novamente o bueiro em grade e desceu pelos fisos. Explicou rapidamente o que vira aos outros dois e descreveu seu plano.

- Vai precisar de cobertura até a casa – disse Valentin.

- Com certeza ajudaria, mas tenho outra coisa em mente – disse ela. – Bem acima de nós há uma tenda de frutas, feita de madeira, parcialmente desmoronada. É fácil escalá-la. Seu telhado me deixará em boa posição para alcançar a construção vizinha. De lá sigo até a casa, dou a volta agarrada à parede de pedra e alcanço a janela do segundo andar.

- Você é capaz disso? – perguntou Valentin, desconfiado.

Manara apenas sorriu.

- Uma vez lá, desço a corda para que vocês subam. Sei que você não conseguiria escalar, não com essa armadura.

Valentin concordou.

- Eu vou junto – disse o velho. Manara e Valentin viraram as cabeças para ele, ao mesmo tempo. – Se você consegue escalar, eu também consigo. Além disso, é mais seguro irmos em dois, caso um caia.

Manara fitou Valentin.

- O que acha?

O rapaz a encarou por um milésimo de segundo antes de olhar em outra direção.

- Eu já iria esperar por Gawrghonite, de qualquer forma.

- Então está decidido – disse ela. - Velho, solte um pouco da corda e me passe a ponta. Vamos correr juntos.

O velho obedeceu sem reclamar. Os dois subiram pelos frisos e Manara abriu o bueiro, totalmente dessa vez. Espiou lá fora e depois olhou para baixo. O velho e sua cara enrugada esperavam, ansiosos. Mais abaixo, Valentin lhe mandava um olhar tímido, mas esperançoso.

- Não espere demais – disse ela. – Quando pendurarmos a corda na janela, corra.

Então ela avançou, com o velho em seus calcanhares. Correu pelos destroços da tenda de frutas, que formavam uma rampa. Antes que qualquer morto-vivo pudesse notá-la, já estava sobre o telhado. Inacreditavelmente, o velho estava ao seu lado.

- Você é boa – disse ele.

Sim, ela era. E não precisava de magia para fazer aquilo, graças aos céus. Sua energia ainda não voltara por completo e ela seria incapaz de conjurar o mais simples truque pelo restante daquela noite. *Eu não deveria agir assim, totalmente desprovida de feitiçaria, refletiu. Não foi o modo que aprendi. Mas situações desesperadas exigem medidas desesperadas.*

Dando prosseguimento ao plano, Manara e o velho seguiram como dois gatos vagabundos sobre os telhados. Alcançaram a casa da porta vermelha e agora só precisavam contorná-la. Coisa que não era difícil para quem sabia onde engatar os dedos. Poucos minutos depois, os dois chegavam à janela do segundo andar.

- Está trancada – disse Manara, agarrada aos encaixes entre as pedras.

- Deixe comigo – respondeu o velho.

Com uma graça verdadeiramente inesperada para alguém daquela idade, o velho se pendurou ao redor da janela. Tinha em mãos um objeto metálico tirado sabe-se-lá de onde.

- Isso traz boas lembranças – disse o velho, enfiando o objeto

nos vãos da janelas.

De repente ouviu-se um clic e a janela abriu. O velho sorriu um sorriso cheio de dentes amarelos.

- Vamos – disse ele, e entrou.

Manara olhou para a rua mais uma vez, para os mortos-vivos que se arrastavam em todas as direções possíveis e para a muralha da cidade, a apenas algumas dezenas de metros de distância. Olhou para o bueiro de onde viera, aquele ponto quadrado no meio do chão, cercado por destruição e cadáveres semidevorados.

Não espere muito, Valentin. Não seja estúpido como aparenta.

Então seguiu o velho para a escuridão dentro da casa. Logo que entrou, encontrou o resto da corda no chão, caída junto à janela. Ajuntou-a, amarrou uma ponta no parapeito e atirou o resto lá pra baixo.

- Conseguimos – disse, aliviada.

O velho não respondeu.

- Ouviu o que eu disse, velho? Bom trabalh...

Mãos lhe agarraram pelos cabelos e o frio do aço beijou seu pescoço, matando o resto da frase que dizia.

Manara foi puxada para dentro das trevas.

GAWRGHONITE

Gawrghonite se escorava pelos esgotos, buscando apoio nas paredes gosmentas, assustando os montes de baratas. *Não posso morrer, não assim.* Fugir do campo de batalha nunca fora uma opção para o bárbaro. Desde que teve força o bastante para erguer uma lâmina, aos quatro anos de idade, nunca sentiu necessidade de abandonar uma luta.

Mas aquilo não era uma luta. Era uma infestação, uma doença.

Eu vou viver, malditos. Vou viver para voltar a empilhar seus corpos.

Gawrghonite avançava. O corpanzil coberto de mordidas vertia sangue. A água podre dos esgotos alagava os buracos feitos em sua carne. Ele estava cansado, e não podia parar.

Os gemidos o perseguiram. Não importava que direção tomasse naquele labirinto de túneis, os monstros estavam sempre em seu encalço, com os olhares raivosos e as bocas esfomeadas.

Eles não desistem, pensou. Eles me percebem da mesma forma que um tubarão percebe o sangue. Obra de demônios.

Mais um passo e então a perna fraquejou. Gawrghonite desabou, sendo cercado pelas fezes e dejetos. Demorou um milésimo de segundo para que se recuperasse, mas, quando colocou a cabeça novamente para fora da água, percebeu que os gemidos estavam mais próximos. Olhou para trás e viu os mortos em seu encalço. Já não distinguia quem era homem ou mulher, velho ou jovem. Daquele jeito, cobertos de merda, com olhos arregalados e bocas deslocadas, todos lhe pareciam iguais. *Obra de demônios.*

O bárbaro seguiu em frente. Apesar do desejo em seu coração de ficar e lutar, seu instinto de sobrevivência dizia que aquela era a hora para ter medo. A mandíbula tremia, bem como as enormes mãos, não pelo horror do momento, mas pela pura ira que a necessidade de fugir lhe causava. *Vou viver. Vou viver e matar dezenas deles... amanhã.*

Não devia faltar muito. Como um selvagem Drakkar, Gawrghonite tinha excelente noção de direção. Isso não o preocupava. Ele acharia o local certo. *Mas acharei a tempo?* Os mortos diminuían a distância. Os mortos não cansavam nunca.

Gawrghonite caiu mais uma vez e dessa vez se ergueu com um urro. *Fraco. Não seja um fraco, seu desgraçado.* Escorou-se na parede com o ombro direito e seguiu em frente, se arrastando. Os mortos cada vez mais perto.

- Gawrghonite – ouviu alguém gritar. – Pelos deuses, é você.

O jovem Valentin aparecia em meio às sombras do túnel,

provavelmente atraído pelo seu grito de frustração.

- Fuja – disse Gawrghonite. – Saia daqui.

Mas Valentin não obedeceu. Sem pestanejar, correu até o bárbaro e o amparou.

- Deuses, eles o mastigaram vivo!

- Eles são muitos.

- Venha, vamos sair daqui.

Era humilhante para Gawrghonite ser ajudado, ainda mais por uma criança como Valentin. Ele simpatizara com o rapaz, mas ser socorrido por ele era uma clara mostra de que também tinha fraquezas. E Gawrghonite desprezava a fraqueza.

Amparado pelo guerreiro, Gawrghonite retomou o ritmo. A distância dos mortos-vivos voltou a aumentar.

- Onde estão os outros? – perguntou.

- Acima de nós, na cidade.

- O quê?

- Longa história – respondeu Valentin, parando abaixo de um bueiro aberto. – Suba, corra até uma casa de portas vermelhas.

Gawrghonite ergueu uma sobrancelha, incrédulo.

- Eles estão vindo – disse Valentin. – Vá logo.

- Não, você primeiro. Vou segurar os mortos.

- Eu cuido deles dessa vez. Ande.

Mas Gawrghonite não foi. Seus músculos paralisaram diante da situação nova. Ele era o salvador, nunca o que precisava ser salvo. Que merda era aquela?

- Ande de uma vez, Gawrghonite.

Valentin puxou a espada da bainha que ficava em suas costas e se virou em direção aos mortos-vivos, sem dar mais atenção ao bárbaro.

- Eu vou pagar essa dívida – disse Gawrghonite, antes de agarrar os degraus.

- Tenho certeza que vai – respondeu Valentin.

Gawrghonite escalou a parede e alcançou o bueiro. Ainda era noite lá fora, mas as chamas da cidade em ruínas iluminavam o caminho. A casa de portas vermelhas estava lá, a poucas dezenas de metros. Mortos-vivos se espalhavam pelo caminho, mas, em espaço aberto, não seriam páreos para os ataques giratórios do bárbaro.

O som da espada de Valentin cortando o ar se fez ouvir. O guerreiro lutava com os monstros logo abaixo. *Vá adiante*, pensou Gawrghonite. *Não desperdice o esforço do garoto.*

- Eu vou pagar essa dívida – disse a si mesmo, antes de saltar para o exterior.

Gawrghonite não caminhava, mas tampouco corria. Temia cair mais uma vez, o que poderia ser fatal ali. Com os passos mais firmes que conseguia dar, avançou. Puxou a espada e decepou um morto-vivo antes que esse se aproximasse demais. Outros monstros começavam a notar sua presença, mas ainda restavam muitos cadáveres frescos espalhados para que eles devorassem, muitas distrações. O bárbaro alcançaria a casa, não restava dúvidas. Já até mesmo enxergava a corda que pendia da janela do segundo andar.

Atrás, as muralhas da cidade, outrora brancas, exibiam manchas escuras dos incêndios e do sangue espirrado. As grossas portas de madeira estavam fechadas, lacradas, com um formigueiro de corpos empilhados bem em frente. *Ficamos todos trancados aqui*, pensou Gawrghonite. *Os guardas fecharam as portas. Imbecis. Mataram uma cidade inteira. Não há salvação para a capital do Reino.*

O barulho de metal contra rocha tomou seus ouvidos.

Valentin deixara os esgotos e fechara o bueiro em grade. Ele parecia cansado, mas bem. Gawrghonite diminuiu o passo até que o jovem o alcançasse.

- Vamos conseguir, mal posso acreditar – disse Valentin.

Juntos eles chegaram até a casa de portas vermelhas. Uma barricada formada por uma carroça tombada bloqueava o acesso à porta, mas a escalada pela corda não seria difícil.

Dois mortos-vivos saíram debaixo de escombros e

cambalearam na direção deles. Gawrghonite se antecipou e golpeou os dois. Golpes simples, sem riscos.

- Agora eu espero – disse. – Suba.

Valentin não discutiu. O jovem embainhou a espada, prendeu o escudo nas costas e agarrou com força a corda.

- Nos vemos lá em cima – disse ele, esboçando um sorriso.

Gawrghonite balançou a cabeça, em sinal afirmativo.

Muitos mortos já os haviam notado e uma quantidade crescente agora caminhava em direção à casa. Gawrghonite assumiu postura defensiva, ficou de costas para os muros da casa e se preparou para golpear. Uma leve tontura tentava tomar conta de sua cabeça, mas ele se mantinha firme, sem dizer nada.

Então ouviu o barulho em sua retaguarda. Virou-se. Valentin, caído de costas no chão, trazia a corda sobre o peito. Gawrghonite ajudou-o a se levantar.

- A corda arrebentou – disse o jovem, já puxando a espada.

Gawrghonite avaliou a ponta da corda e a atirou ao chão. Uma dúzia de mortos-vivos já os cercava, numa meia-lua.

- A corda não arrebentou – disse Gawrghonite. - Ela foi cortada.

VALENTIN

- Não vai dar certo – disse Valentin, acertando mais um golpe em um morto-vivo.

Os cadáveres ambulantes faziam um volume cada vez maior, conforme mais e mais deles se interessavam pelas duas vítimas em potencial, encurraladas contra a parede da casa de portas vermelhas.

A maior aglomeração dos monstros ainda estava do outro lado da rua, a muitos metros de distância, ocupados em se atirar contra uma construção larga. Valentin sabia, no entanto, que não demoraria muito para que aqueles também se interessassem por sua carne fresca.

- Vamos ter que correr.

- Não há para onde correr – respondeu Gawrghonite. – Eu vou te atirar para o alto. Leve a corda com você.

- Mas...

- Sem *mas*.

O bárbaro girou os braços e o tronco numa bela manobra de combate, abatendo quatro mortos-vivos de uma só vez. Ainda era magnífico, mas era evidente que estava ferido e desprovido de forças. Conseguiria arremessar Valentin? A peripécia poderia custar a vida de

ambos.

Pelos deuses, que seja, pensou Valentin. O mundo todo já está de pernas pro ar.

Gawrghonite fez mais um ataque em área, afastando diversos oponentes. O próprio Valentin atingiu mais dois antes de recuar e ficar lado a lado com o bárbaro.

- Tome – disse Gawrghonite, passando-lhe a corda. – Não perca a viagem.

Valentin prendeu a corda no cinto e guardou a espada.

O enorme bárbaro soltou a lâmina curvada no chão, que fez o característico barulho de metal arranhando pedra, e então flexionou as pernas. Ele juntou as mãos bem à frente do quadril e fez um aceno de cabeça a Valentin, indicando estar pronto.

Vamos nessa.

Valentin tomou impulso e correu de encontro a Gawrghonite. Seu pé direito se encaixou nas mãos do companheiro e ele fez esforço para o alto. Sentiu a impulsão extra que os músculos do bárbaro lhe conferiam e então se esticou o máximo que podia em direção à janela.

Por favor, deuses. Rezar era inútil. Valentin sabia, em seu íntimo ele tinha a certeza , que os deuses haviam morrido. Mas hábitos não somem fácil.

Os centímetros passaram rápido, zunindo em seus ouvidos.

De repente o jovem guerreiro se viu completamente suspenso no ar e, como se o mundo tivesse diminuído de ritmo, percebeu Gawrghonite abaixo, já abaixando para alcançar a lâmina curvada. Percebeu também os mortos que vinham de outros pontos da rua, interessados em suas vidas. Por fim percebeu o parapeito simples da janela, notou como se aproximava, como ficava cada vez mais nítido.

Valentin abriu as mãos. Esticou os braços até eles estralarem. Rangeu os dentes.

E alcançou.

Consegui. Conseguimos, Gawrghonite.

Antes de entrar deu uma olhada na direção do bárbaro, que já havia voltado à luta. *Preciso ser rápido.*

Valentin entrou no cômodo escuro. A única luz a clarear o local era a que vinha de fora. Ele deu um passo para o lado, tirando seu corpo da frente da luminosidade e então viu os companheiros, caídos no chão, amarrados e amordaçados. *O que aconteceu aqui?* O velho estava desmaiado, mas a garota se debatia, com olhos furiosos. Aqueles olhos se encontraram com os de Valentin e se arregalaram, como se desesperados para comunicar coisas que a boca não conseguia.

Valentin congelou, incerto do que fazer a seguir. Sua mente estava confusa e por essa razão seus instintos assumiram.

- Bandido – alguém gritou atrás dele, investindo de dentro das sombras.

Valentin se virou com agilidade, evitando a punhalada direcionada ao seu rim. Com uma das mãos, agarrou o punhal do oponente enquanto que, com a outra, acertou-lhe um forte soco na garganta.

O atacante soltou o punhal e recuou, levando as mãos ao pescoço e tentando desesperadamente respirar. Mas Valentin não lhe deu tempo.

O guerreiro fez como aprendera nos anos de treinamento. Sem pensar, sem refletir, sem hesitar, virou a ponta do punhal para a pessoa que lhe atacara. Com um movimento rápido, a lâmina penetrou na carne.

- Não! – gritou outra voz desconhecida. Uma voz infantil.

O atacante agarrou a barriga, onde a lâmina tinha entrado, e então despencou. Uma criança até então escondida correu para ele.

- Papai. Levanta, papai.

Valentin recuou. As mãos ensopadas com o sangue do homem.

- Papai – chorava a criança.

Valentin caiu de joelhos, boquiaberto. Lá fora, o som de carne sendo dilacerada tomava a noite.

MANARA

O grupo está quebrado. É meu trabalho consertá-lo.

Não tinha sido uma noite fácil. Embora todos estivessem vivos, a moral despencara. Não poderiam desistir naquela situação. Se fraquejassem, se cedessem ao desânimo, pereceriam.

Quando o jovem guerreiro, Valentin, surgiu pela janela, Manara preocupou-se de que ele seria mais uma vítima do homem que lhe aprisionara. Mas Valentin se revelou habilidoso.

Assim que Valentin a libertou, Manara prendeu a corda novamente na janela a tempo de socorrer Gawrghonite. Apesar de bastante machucado, o bárbaro vivia. Cão também não estava em mau estado, ganhando apenas um inchaço na cabeça e um orgulho ferido. Foi Valentin quem mais lhe gerou preocupações. O guerreiro parecia inconsolável, arrependido do que havia feito.

- Você apenas se defendeu - disse-lhe Manara. – Ele atacou primeiro.

- Eu o assustei – respondeu Valentin. – Ele não fez mal a você ou a Cão. Tudo o que ele queria era proteger a filha, e agora...

Foi inútil conversar, de modo que Manara se preocupou com

aquilo que de fato podia fazer.

A criança chorava baixinho, agarrada ao corpo morto do pai. Recusava-se a sair dali, mas ao menos não incomodava. Gawrghonite exibia diversas mordidas pelo corpo, feridas escuras e de aparência infeccionada as quais ela não sabia se estavam daquele jeito por causa da natureza dos mortos-vivos ou pelo contato com os dejetos dos esgotos. Torceu para que fosse a segunda opção. Ordenou a Cão que procurasse por água, sabão e toalhas na casa, mais para manter o velho ocupado do que para realmente fazer algo pelo bárbaro. Ela seria capaz de curar aquelas feridas, mas não com primeiros socorros improvisados.

Tenho que descansar um pouco, pensou. Ao recuperar minhas forças, recuperarei a capacidade de fazer feitiçaria.

Ela deixou Gawrghonite o mais limpo e confortável possível. O bárbaro caiu em um sono febril, com Cão vigiando seu descanso. Teria o velho verdadeiro apressado pelo enorme homem ou apenas pensava nele como um meio para a própria segurança? Naquele momento não importava.

- Vou entrar em um transe por algumas horas – disse a Cão. – Quando acordar, conseguirei resolver esses problemas. Você é capaz de lidar com a situação?

- Claro que sou – disse Cão.

- Fique atento à criança e a Valentin. Ele me parece em estado de choque. Pode tentar alguma loucura.

- Se tentar, azar o dele.

Manara franziu o cenho e fez sua careta mais intimidadora.

- Vou ficar de olho – disse Cão.

Manara foi até um canto escuro e fechou os olhos.

Imediatamente entrou em transe.

Despertou renovada. Sentia as energias místicas que aprendera a manipular passeando pelo seu corpo.

Uma luz tímida e branca entrava pela janela. O dia despontava.

Cão permanecia ao lado do bárbaro adormecido, mas seu olhar trazia preocupação. Uma corda estava amarrada em seu pulso. Manara correu os olhos pela corda, que serpenteava pelo chão, e encontrou a outra ponta.

- O que você fez? – disse.

Correu para perto do cadáver do homem que lhes atacara. A garotinha adormecera sobre o corpo do pai, mas trazia os dois pés atados pela corda. Conhecia aqueles nós e não teve dificuldade para desfazê-los.

Como esse velho pôde fazer uma coisa dessas? Como Valentin permitiu?

Encontrou Valentin sentado, apoiando as costas junto à parede. Cabisbaixo, fitava o vazio, sem nenhuma expressão no rosto bonito. *Merda.*

- Muito bem, é hora de resolver esta situação – disse. – Como está Gawrghonite?

- Ele tem febre – respondeu Cão. – Precisamos fazer alguma coisa. Estamos ferrados sem ele.

Manara se ajoelhou ao lado do bárbaro, esticou as mãos sobre seus ferimentos e murmurou antigas palavras. Uma coceira se iniciou nos braços e correu pelas suas mãos e dedos. Logo a coceira virou formigamento e este virou dor.

Os ferimentos de Gawrghonite borbulharam, como se cozinhassem por dentro. Um pus amarelado e fétido escorreu das aberturas na carne. *Ótimo. A infecção está saindo.* Manara manteve as mãos esticadas, esperando que as marcas das mordidas se fechassem, mas nada aconteceu.

- Estranho – disse. – Minha feitiçaria não tem efeito nos machucados dele.

- E agora? – respondeu Cão.

- Agora precisaremos tratá-lo à moda antiga. Lave os ferimentos, troque os curativos. Ao menos a infecção foi expurgada.

Sem esperar, a feiticeira foi até Valentin.

- Como você está?

Ele não respondeu.

- Preciso de você. Preciso da sua ajuda. Se você se render, ficará difícil escaparmos da morte... e nisso incluo ela.

Valentin ergueu os olhos até a pequena órfã que dormia sobre o cadáver do pai.

- Sim, você matou o pai dela – disse Manara. – Mas se não fosse você, seria outro, ou talvez coisa pior. Esta cidade está amaldiçoada, veremos muitas coisas feias.

- A minha ordem, minha fraternidade... – começou Valentin.

- Tem fortes preceitos morais que você poderá colocar em ação nos dias que virão. Haverá muitas chances para isso. Além disso, vamos cuidar da garotinha.

O guerreiro estava inconsolável. Seria possível que fosse tão ingênuo? Certamente sua pouca idade contribuía para o fato, mas ele demonstrara ser um guerreiro experiente, decerto já havia presenciado mortes injustas. Ou será que não?

Manara resolveu não arriscar o bem-estar do grupo em sua habilidade motivacional. Tocou Valentin próximo à nuca, fingindo acariciar os cabelos longos do rapaz, então fechou os olhos e se concentrou. Sentiu como se uma fina serpente de gelo passeasse por sua carne. A sensação continuou até se dispersar no alvo: Valentin.

- Vou precisar de você para o que faremos – disse.

- E o que faremos?

Valentin continuava visivelmente abalado, mas a diferença de tom em sua voz e o brilho nos olhos mostrava que a magia de Manara surtira efeito. O ânimo do guerreiro ficaria melhor pelo menos pelas próximas horas. *Só espero conseguir motivá-lo naturalmente depois disso.*

Manara foi até o centro do cômodo, que a essa altura já se iluminava devido ao dia que nascia, e encarou os companheiros.

- Martuk caiu – começou. – A cidade está além de qualquer ajuda, mas nós podemos auxiliar o resto do Reino. Planejo fugir daqui ainda hoje e seguir em direção a Porto Marcaso.

- Pra quê arriscar uma viagem dessas? – perguntou o velho. – Só quero sair deste lugar maldito.

- Você mesmo disse que se trata de uma peste de mortos-vivos. Uma praga. Acha mesmo que ela não se espalhará pelos arredores?

O velho resmungou algo ininteligível.

- Porto Marcaso é a segunda maior cidade do Reino – disse Manara -, precisamos avisá-los do que está acontecendo, para que se protejam. Talvez possam acabar com a coisa antes que tome proporções maiores.

Além de que em Porto Marcaso há um círculo de feiticeiras de Asfódelos que ficarão muito interessadas no que tenho para contar. Há muito a aprender com esse evento.

- É verdade. Precisamos avisá-los. Essa praga não pode se espalhar – disse Valentin.

- Ainda acho uma besteira – disse Cão. – Nas florestas da região existem assentamentos élficos. Acredite em mim quando digo que, em situações como essa, procurar os almofadinhas é a melhor pedida.

Valentin se levantou.

- Eu irei a Porto Marcaso – afirmou, firme.

Ótimo. O velho irá ceder.

- Eu não – disse Cão.

O quê? Embora não fosse uma companhia das mais agradáveis ou confiáveis, o velho demonstrara uma clara habilidade ladina. E um ladino experiente seria muito útil na viagem que ela pintava em sua mente. Preciso convencê-lo. O grupo não pode quebrar. Devo usar minha feitiçaria novamente?

- As autoridades de Porto Marcaso ficarão contentes com o que pudermos informar – disse a feiticeira. – Talvez paguem recompensas.

- Podem enfiar o ouro no rabo. De que servem riquezas para

um cadáver? – Cão se mantinha irredutível. – Eu e Gawrghonite temos outro destino.

Manara não queria gastar mais energia. O dia mal começara e ela estava realizando feitiços como se eles fossem brincadeira de criança. Sempre há um custo e cada ato de magia seria importante dali por diante. *O grupo está quebrado. É meu trabalho consertá-lo.*

- Cão, me escute.

A feiticeira ergueu a mão e caminhou na direção do velho, mas este não era bobo. Ligeiro, ele saltou para trás, aumentando a distância entre eles.

- Eu não irei a Porto Marcaso – disse Cão, mais uma vez.

- Eu irei.

Manara virou a cabeça na direção do bárbaro.

Gawrghonite continuava deitado, coberto por curativos, mas, ao que parecia, ouvira boa parte da conversa.

- Eu irei com vocês a Porto Marcaso – disse ele -, e no caminho matarei muitos desses desgraçados. Mas como sairemos daqui?

- Tenho algumas ideias – disse Manara.

A feiticeira sorriu, aliviada. Ainda assim não deixou de reparar o intenso olhar de raiva que Cão lhe dirigia.

GAWRGHONITE

Gawrghonite olhava pela janela, checando o avanço de Manara e Cão pelos telhados e paredes. Movimentos impossíveis, que ignoravam a gravidade. *A feitiçaria da garota não é débil. É bom ficar de guarda alta.* Valentin ainda estava com ele, na casa. O rapaz parecia ter assumido para si a responsabilidade de cuidar da pequena órfã, mesmo contra a vontade da menina.

- Ainda acho que você está cometendo um erro – disse Gawrghonite. – Quer ajudá-la? Ótimo, mas não precisa agir como uma ama velha.

A menininha dirigiu um olhar sinistro ao bárbaro.

- Eu matei o pai dela – respondeu Valentin, segurando firme no braço da órfã, coisa que ela demonstrava não ter o menos desejo de fazer. – E trate de prestar atenção em Manara, daqui a pouco será a nossa vez.

Sim. Logo seria a vez deles de desempenhar seu papel no plano de fuga da feiticeira.

Depois da conversa em que decidiram o que fazer, Manara tratou de vasculhar a casa e recolheu tudo o que pudesse ser útil. Instruiu a todos que descansassem enquanto pensava nos pormenores

do plano.

- Você está bem? Pode lutar? – ela lhe perguntara.

- Eu estou ótimo. O que aconteceu lá atrás só aconteceu pois fui pego em um espaço apertado – explicou Gawrghonite. – Em espaço aberto eu não cairei.

Depois disso ela explicou o plano. Garantiu que até o cair da noite o grupo estaria na estrada, rumo a Porto Marcaso.

Gawrghonite não dava a mínima para Porto Marcaso. Não estava ali para bancar o herói e até gostava da ideia de Cão de se meter nas matas e ficar por lá. Ele se sentia à vontade em ambiente selvagem. Contudo, houveram aqueles sonhos, as visões enquanto ele lutava contra a febre. *Os dragões. Tantos dragões. Eles falaram comigo, da mesma forma que fazem com os xamãs Drakkares. Eles chamaram por mim.* Os sonhos só poderiam significar uma coisa: que Gawrghonite deveria voltar para casa. E Porto Marcaso, como bem dizia seu nome, era um porto. O meio mais rápido do bárbaro se locomover seria pela águas.

Gawrghonite e Valentin ficaram lado a lado, próximos à janela. Os músculos retesados, a respiração tensa com a antecipação do que viria. De repente um brilho apareceu no telhado de uma construção ao lado da muralha, o reflexo da luz do sol em uma lâmina prateada. O sinal.

- Venha atrás de mim, e tente não me atrapalhar com essa criança dos infernos.

Valentin balançou a cabeça, em afirmação.

Gawrghonite se dependurou na janela e saltou em meio a um grupo de mortos-vivos logo abaixo. Caiu esmagando um deles sobre os calcanhares, desembainhou a espada curva e começou a ceifar membros.

- Venha. Agora – gritou.

Ao ver Valentin na janela, agarrando a corda com uma mão e a criança com a outra, começou a avançar.

O bárbaro trotava no meio da rua, numa linha reta em direção à muralha, desferindo golpes sempre que precisava. Valentin o seguia com a espada em punho, mas o rapaz não conseguia lutar adequadamente segurando a mão da pirralha. *Malditos heróis.*

Quando alcançaram o meio do caminho, uma quantidade razoável de mortos-vivos já os tinha avistado. Uma quantidade maior do que Gawrghonite esperava. Mesmo assim, ele não recuou. Logo estava cortando e mutilando com toda a sua fúria e força, avançando contra os pequenos grupos de monstros.

- Gawrghonite, eles vão nos cercar – disse Valentin.

Mas o bárbaro não tinha tempo para medo, não dessa vez, nunca mais. Ele correu em direção ao maior grupo de mortos-vivos e iniciou um massacre que fez o sangue espirrar por metros.

- Siga em frente – ordenou Gawrghonite.

Então parte dos mortos-vivos abandonou a luta e correu na outra direção. *Covardes. O que acham disso agora? Até mesmo os mortos fogem de Gawrghonite.* O bárbaro aproveitou o momento e levou ao chão uma dezena de oponentes.

Súbito, gritos tomaram as ruas.

- Pelos deuses, são pessoas ali – disse Valentin.

Um grupo ordinário de pessoas se via encurralado contra a parede, tentando manter os mortos ambulantes afastados por meio de lanças e espadas curtas.

- Eles deviam estar escondidos em alguma casa – disse Gawrghonite. – Quando nos viram correndo para a muralha, devem ter decidido tentar a sorte. Rápido, devemos aproveitar o momento.

- Mas eles precisam de ajuda. Vão morrer se não fizermos nada.

Gawrghonite deu às costas a Valentin.

- Já estão mortos – disse, continuando o caminho até a muralha. – E você tem uma criança para proteger.

Não deve ter sido fácil para Valentin e sua moral de conduta quando as pessoas começaram a chorar, berrar e morrer. O som da carne dos vivos sendo consumida pelos mortos incomodava até mesmo Gawrghonite, mas, como ele previra, o jovem o seguiu, agarrado firmemente à órbita. *Ao menos a pirralha serviu para isso.*

Foi necessário parar para combater algumas vezes, mas eles, enfim, alcançaram a muralha. Valentin e a garotinha subiram pelas escadas de pedra, até o primeiro lance da muralha, um largo e plano palanque onde os guardas se equipavam antes de continuar subindo. Gawrghonite os seguiu, mas parou no meio do caminho, se virando para baixo. Uma horda de mortos-vivos corria novamente em sua direção. *Manara e Cão já devem estar em seus postos, pensou. Preciso aguentar aqui por alguns minutos.*

E ele aguentou. Manteve os monstros afastados com chutes, socos e espadas, subindo alguns degraus sempre que o sangue derramado tornava o piso escorregadio. Lá em cima, no meio da muralha, uma explosão se fez ouvir e a fumaça tomou o ar. O plano seguia como esperado.

O barulho da explosão atraiu ainda mais mortos, que se afunilavam nas escadarias de pedra. *Pelo sangue de dragões, são centenas.* A fúria de Gawrghonite tomou seus músculos como um combustível feroz que o impelia a golpear mais rápido e mais forte. Seu corpo repleto de cicatrizes se tornou rubro com a chuva a qual ele mesmo ocasionava. Ele era Gawrghonite. Ele era o mais forte. Continuou lutando e subindo degraus, lentamente, mas o palanque se aproximava.

Andem, imbecis. Porque demoram tanto?

- Gawrghonite – Valentin gritou.

Finalmente.

O bárbaro chutou o peito do morto que estava bem à sua frente, levando-o, junto de quatro ou cinco que estavam logo atrás, ao chão. Girou nos calcanhares e disparou escadaria acima.

- Não, Gawrghonite. A criança, ela está indo na sua direção.

O quê? Que diabos! Então ainda não era o momento de deixar a escadaria. Ele deveria continuar segurando os mortos-vivos. Mas não havia mais como fazê-lo. Uma vez que tinha alcançado o palanque de pedra, as escadas se alargavam, permitindo que as bestas se espalhassem como um enxame. *Tarde demais, não há como voltar.*

Gawrghonite continuou subindo. Viu a pirralha teimosa correndo em sua direção, mas, assim que ela colocou os olhos na onda de cadáveres que vinha atrás, parou. O bárbaro a agarrou com apenas uma mão e continuou a subida em direção da fumaça e da origem da explosão o mais rápido que podia.

- Não estou pronta – disse Manara, assim que o viu. Valentin estava com ela e tomou a órfã no braços.

A feiticeira se encontrava em frente a um grande buraco na parede onde antes, ao que parecia, ficava uma janela pequena que dava para o exterior de Martuk. Manchas negras cobriam a rocha em volta.

- Onde está Cão? – perguntou Gawrghonite.

- Lá embaixo. Só consigo descer um de cada vez.

Gawrghonite olhou para trás. Uma massa pulsante de

cadáveres esfomeados tomava conta da escadaria da muralha, a mais horrenda encarnação da morte que ele já tinha testemunhado.

- É bom que você seja forte – disse a Manara.

Então empurrou a feiticeira, Valentin e a criança através do buraco. Saltou logo depois.

20.

VALENTIN

Manara salvara a todos no último instante. De alguma forma a magia da garota foi capaz de interromper a queda quando o grupo estava a meros centímetros do solo, deixando-lhes com apenas alguns hematomas do impacto. Ainda assim, desde o momento em que deixaram Martuk para trás, a morte não parou de rondá-los.

Mortos-vivos também assombravam o exterior da muralha. Lógico que em número muito menor, mas eles estavam presentes. Cão havia abatido alguns e corria de lá para cá, desviando de outros. Quando o grupo se recuperou da queda, logo foi surpreendido por uma chuva de cadáveres. Os mortos que os seguiram nas escadarias da muralha se atiravam pelo buraco aberto na parede, atrás de suas presas. Os corpos explodiam ao chão, fazendo um barulho molhado horrível e espalhando tripas e fezes por metros.

Valentin foi o primeiro a se recuperar. Puxou a garotinha órfã para o colo e estendeu a espada, em posição defensiva. *Ela é sua responsabilidade, Valentin. Leve-a em segurança até Porto Marcaso e você terá vencido*, dizia a si mesmo, em pensamentos.

- Não podemos ficar aqui.

- Não diga, sério? – Cão gritou em resposta.

Gawrghonite assumiu a dianteira, varrendo os mortos do caminho com sua comprida lâmina. O grupo seguiu apressado pela estrada real, uma larga e razoavelmente bem cuidada via de terra batida, em direção a Porto Marcaso. Apenas horas depois, quando Martuk não era mais do que uma pequena imagem macabra atrás deles, foi que Valentin se permitiu relaxar.

- Está tudo bem – disse para a garotinha -, vou cuidar de você.

Ela não lhe respondeu. Nem mesmo olhou para ele.

- Qual é seu nome? – Valentin insistiu.

Nada.

Aquela não seria uma tarefa simples.

O dia passou. Eles diminuíram o ritmo. Em certo momento uma fina garoa os saudou e eles puderam se lavar e beber água. Valentin aproveitou para limpar sua capa branca - o símbolo de sua ordem - o melhor que podia. Esfregou com força, mas a sujeira estava impregnada. Quando a chuva cessou, eles continuaram.

No meio da tarde, a fome se tornou incômoda.

- Vamos parar aqui – disse o bárbaro. – Talvez eu consiga alguma caça.

Todos concordaram. O cansaço já os dominava. Não apenas o cansaço da longa marcha, mas o cansaço de toda a dor e crueldade que

havam visto e experimentado na última noite. Seguiram Gawrghonite para dentro da floresta que se espalhava na lateral da estrada e, na primeira clareira que encontraram, desabaram.

O bárbaro riu.

- Precisa de ajuda? – perguntou Valentin.

Gawrghonite riu ainda mais alto.

- Fiquem apenas de olhos abertos. Retornarei em algumas horas.

Para Valentin aquilo não parecia uma boa ideia, mas estava cansado demais para discutir com um orgulhoso guerreiro Drakkar ansioso por mostrar que se recuperara do pavor da última noite. Valentin preferiu se recostar em um tronco de árvore.

- Pode descansar aqui – disse à órfã. – Eu ficarei de guarda.

Dessa vez a menina olhou para ele, mas o que trazia nos olhos era ódio puro.

Manara deve ter percebido a situação incômoda, pois veio em auxílio. A jovem sentou ao lado da garotinha e, com o manto negro, a cobriu.

- Quando eu tinha a sua idade adorava acampar, sabia? – disse. – Vinha para a floresta e me imaginava como uma poderosa rainha élfica.

A feiticeira desandou a falar sobre sua infância e a contar fábulas antigas. Parecia levar jeito com crianças, coisa que Valentin jamais suspeitaria numa primeira vista. Ele também não teria suspeitado que a feiticeira se imaginava como uma rainha élfica, tampouco.

Ela é uma filha de Asfódelos, uma estudiosa das trevas, pensou. Nossos valores são tão diferentes. Enquanto eu louvo a parcimônia, as luzes e a humildade, essas feiticeiras não se envergonham dos prazeres da carne e do espírito.

Valentin jogou um olhar discreto em direção a Cão. O velho já ressonava, deitado sobre a relva. Com Manara entretida com a órfã, ele podia observá-la mais à vontade, sem medo de ser notado.

Manara se vestia de forma provocante debaixo do manto negro, exatamente o inverso do que ele fazia, com a pesada armadura e a capa branca a tapar cada pedacinho de pele. Mais de uma vez ele se surpreendeu olhando para o contorno esbelto do corpo da garota, para as meias-altas que abraçavam as coxas de musculatura bem delineada, para o rosto pálido, mas perigosamente belo. *Eu não deveria fitá-la dessa forma, ainda mais com tudo isso acontecendo.* Valentin desde cedo fora atraído pelos caminhos do combate e da Fraternidade Branca, tinha muito pouca experiência com mulheres.

Como se pudesse ouvi-lo, de repente a feiticeira virou a cabeça e o flagrou a observá-la. Os olhos se encontraram. Valentin sustentou o olhar por meio segundo antes de desviá-lo para a copa de uma árvore próxima. Sentiu as bochechas corarem.

Ouviu Manara rindo, antes de voltar a conversar com a garotinha:

- Como você se chama?

- Sara.

Foi a primeira vez que Valentin viu a menina dizer algo desde a morte do pai. Sentiu-se feliz.

Gawrghonite regressou após algumas horas, como prometido. Trazia raízes e duas lebres magras. Pouca comida para o grupo.

- A caça está ruim – disse ele. – Algo assustou os bichos.

Todos sabiam muito bem o que havia assustado os bichos.

Como já escurecia, decidiram acampar na mata. Era consenso que mortos-vivos não deviam ser muito interessados por florestas, embora Cão tenha contado sobre as lendas compartilhadas pelas guildas. Histórias de pragas de mortos-vivos que não descansavam enquanto não devorassem toda a vida.

- Nunca li nada parecido – disse Manara.

- Não guardamos livros nas guildas – respondeu Cão. – Guardamos apenas as histórias.

Fazia sentido que bandidos, ladrões e saqueadores não tivessem interesse em reunir documentos escritos sobre seu passado. Documentos escritos seriam provas materiais de seus crimes, um risco

que eles não assumiriam. Ainda assim, os contos de Cão eram fantásticos demais para terem algum crédito.

- Pelo que sei – disse Manara -, antes de ser proibida, a necromancia usava da feitiçaria para animar cadáveres. Seus praticantes transformavam os mortos, aos quais chamavam de *zumbis*, em servos para seus objetivos nefandos.

- Quem quer que seja o necromante por trás disso, é muito poderoso – disse Valentin.

- E com um objetivo muito grande.

Um ataque à capital do Reino, matando pessoas por meio de uma praga e as transformando em mortos-vivos? Poderia existir alguém com tamanha força? Se existisse, desejaria não menos do que uma guerra.

- Temos que chegar logo em Porto Marcaso – foi a última coisa a ser dita naquela noite.

Os dias se seguiram na dura rotina. Longas caminhadas, caça insuficiente e acampamento na mata. Houve situações em que Valentin podia jurar ter ouvido os sinistros gemidos, mas pela bênção do destino, nenhum encontro com mortos-vivos aconteceu.

Uma tarde encontraram restos de uma caravana. As carroças e vagões estavam parcialmente destruídos, alguns tombados. Os cavalos que os puxavam apodreciam ao sol, cobertos por moscas gordas que se banquetavam. Mas não foram só as moscas que provaram daquela

carne. As mordidas nos animais eram semelhantes àsquelas sofidas por Gawrghonite, as quais o bárbaro já cicatrizava.

Valentin sacou a espada. Gawrghonite também.

- Precisamos checar o interior – disse. – Pode ser que tenha alimento.

Valentin soltou a mão de Sara e a fez recuar alguns passos.

- Fiquem atentos – pediu a Manara e a Cão.

Com cautela, ele e o bárbaro se aproximaram de um dos vagões da caravana, um grande caixote sobre rodas, coberto por uma lona roxa, tombado para a esquerda.

A respiração de Valentin ficou pesada, sua percepção das coisas mais aguçada. Apertou firme o cabo da espada para interromper o tremor nas mãos. Olhou para o companheiro e fez que sim com a cabeça.

Gawrghonite ergueu um pedaço da lona e Valentin avançou com a espada em riste. Teria que ser ele a entrar, já que o bárbaro era grande demais para aquele espaço.

O interior do vagão estava um caos. Roupas e frutas espalhavam-se pelo piso, bem como pedaços de carne seca salgada. Um cadáver vestido à maneira tradicional dos mercadores, com chapéu de aba larga e capa curta, esparramava-se ao fundo, com um grande pedaço de madeira a empalá-lo.

Deve ter morrido com a queda do vagão, pensou Valentin.

Teve sorte.

Sem demora ele começou a juntar os pedaços de carne salgada e a passá-los para Gawrghonite. Enquanto trabalhava, aproveitou para comer um pouco. O estômago roncou em agradecimento.

- Há mais no fundo – disse o bárbaro.

Quando Valentin terminava de separar o alimento caído na parte de trás do vagão, sentiu algo a lhe apertar a perna. Ergueu a espada bem a tempo de impedir a mordida, colocando a lâmina entre si e o agressor.

O cadáver do mercador, antes imóvel, agora o atacava com uma força animalesca.

Valentin gritou.

Era difícil lutar na posição em que se encontrava, abaixado e num espaço tão apertado. Com a espada, mantinha os dentes do zumbi afastados, enquanto que com as pernas empurrava o corpo do maldito.

Ouviu vozes e movimentação lá fora. A lona do vagão foi cortada em vários pontos enquanto seus companheiros tentavam socorrê-lo. Foi Cão quem, com sua besta de mão, acertou um tiro na cabeça do morto-vivo. Valentin tratou de destruir o resto do crânio do oponente, por precaução.

Gawrghonite gargalhou.

- Você gritou como uma menina – disse.

Valentin se recostou no piso e, relaxando o corpo, também riu. A risada cresceu e contagiou o restante do grupo. Cão riu. Até mesmo Manara deu um riso baixinho. Era incrível que ainda tivessem essa habilidade e ele se permitiu aproveitar ao máximo.

Mas o bom momento não durou.

- Valentin – Manara gritou. – Valentin, a Sara...

Valentin se colocou em pé de um pulo. Destruindo o restante da lona, correu para fora do vagão e, com os olhos, procurou a órfã.

Manara apontou para longe, para a mata.

- Lá, ela fugiu naquela direção.

O jovem guerreiro disparou sem pensar. *Ela é minha responsabilidade. Meu dever.*

- Valentin, espere – ouviu Gawrghonite gritar, mas a essa altura já estava distante do grupo. – Espere.

Não. Não podia esperar. Ele sabia o que iriam dizer, que a noite se aproximava, que era perigoso, que agora estava claro que havia mortos-vivos pelas redondezas. Valentin simplesmente não ligava para nada disso.

Sozinho, entrou na mata.

21.

MANARA

- Ele está louco – urrou Gawrghonite. – Desde que matou o pai daquela pestinha perdeu a cabeça.

O bárbaro andava de lá para cá, vermelho de ira, com veias quase tão grossas quanto os dedos de Manara saltadas pelo corpo.

- Valentin tem um coração nobre e os ensinamentos de sua ordem não são suaves – explicou a feiticeira. – É um pecado o peso que aqueles malucos de branco obrigam seus membros a carregar.

- Eu não vou atrás dele – disse Cão.

- Eu vou – respondeu Gawrghonite.

Manara fitou o bárbaro e concordou com um leve aceno de cabeça. Sabia que Valentin não voltaria enquanto não encontrasse Sara. Ele precisaria de ajuda.

- Eu e Cão recolheremos o que pudermos da comida e tudo o mais que possa ser útil. Esperaremos por vocês.

Cão resmungou alguma coisa, mas ela já se acostumava à ideia de ignorá-lo em circunstâncias como aquela.

Gawrghonite bufou e correu em direção à mata, para onde

Valentin tinha ido. Manara e Cão ficaram parados, acompanhando em silêncio a trajetória do imenso guerreiro até ele sumir em meio à vegetação.

- Que desperdício de tempo e energia – disse o velho.

- Valentin sobreviveu conosco. Ele se provou valoroso em muitos momentos.

- E agora se prova um idiota. Aquela criança era um estorvo. Deveríamos estar gratos por ela ter sumido. Você só defende Valentin por que tem uma queda pelo santinho.

Manara franziu o cenho e colocou um dedo na cara de Cão.

- Não me provoque, velho.

Cão não era nem um pouco burro, Manara sabia que não. O homem ergueu as mãos como se pedisse desculpas, mas não tirou o riso nojento da cara enrugada.

- Vá – ordenou. – Comece a guardar os suprimentos.

Uma queda por Valentin! Era só o que faltava. Manara nunca teve tempo ou interesse por romance. É claro que partilhou sua cama com outros homens, alguns bem mais velhos, mas nunca sentiu necessidade de ter um ao seu lado lhe dizendo o que fazer ou como se portar. Não. Sempre preferira a liberdade de viver e estudar o que quisesse e isso a linhagem de Asfodelos lhe garantia.

Apenas tenho apreço pelo rapaz. Ele é jovem como eu e, tal

como eu, precisa superar as falhas da imaturidade por meio do talento e esforço. É o que ela dizia a si mesma. Tudo o que sinto por Valentin é mera identificação. No fundo, porém, não conseguia deixar de reparar que ele era corajoso e um pouco bonito também.

Manara sacudiu a cabeça e foi se juntar a Cão. Às vezes era melhor não se deixar perder em pensamentos.

O velho, como um verdadeiro cão de rua, havia fuçado pelos vagões em busca de espólios. Já usava um chapéu vermelho com uma longa pena de enfeite e trazia nos dedos anéis que antes não estavam lá. Manara fingiu não notar.

- O que encontrou?

- Os primeiros carregam comida. Frutas, grãos e carne salgada. Os de trás trazem tecidos e uma coisa em especial.

- O quê? – Manara estava sem paciência para adivinhações.

Cão fez sinal para que ela esperasse e, andando de forma engraçada, na ponta dos pés, sumiu atrás de um dos vagões. Regressou com uma garrafa de cerâmica.

- Esta se salvou. É um sinal dos deuses.

O velho abriu a garrafa, deu um longo gole e ofereceu a bebida a Manara.

- Não sabia que você era devoto – disse ela.

- Claro que sou. Acredito no dinheiro, em belas tetas, na sorte e na bebida.

Manara fez um aceno, recusando o trago. A recusa foi mais difícil de fazer do que ela gostaria de admitir. Certamente poderia desfrutar de uma pequena dose de prazer e relaxamento, mas não o faria com Valentin e Gawrghonite sozinhos na mata. Não com Sara perdida em terreno perigoso.

- Vamos voltar ao trabalho.

Os dois começaram a separar tudo aquilo que poderiam carregar e guardaram em um dos vagões: sacos aos quais encheram de alimento, cantis, corda, pederneira, pequenas tochas e óleo. Cão juntou um casaco e uma capa rosa à sua pilhagem e agora parecia um pavão. Depois foram para a beira da estrada e esperaram.

Esperaram.

- Eles estão demorando – disse Cão.

- Eles virão.

- A noite está para cair.

- Eles virão – repetiu Manara. – Nós vamos esperar.

Um raio cortou o céu e a chuva começou a cair fina.

- Podemos esperar dentro do vagão, pelo menos?

Manara gostou do fato dele ter perguntado. O homem tinha

idade para ser seu avô, mas era ela quem dava as cartas, era ela a cabeça do grupo. *Como sempre foi. Como deve ser.*

- Sim, podemos – disse.

E eles entraram. E esperaram. Cão bebeu e dessa vez Manara tomou um pequeno gole. Bem pequeno. *Apenas para aquecer o coração.* Não demorou até ouvirem barulho lá fora.

Valentin, pensou.

Ela se apressou em sair. O azul escuro começava a pintar o céu. Manara sorriu quando viu a capa branca, mas o sorriso, fácil como veio, foi-se.

Ouviu o barulho de uma corda sendo retesada. À sua direita um arqueiro apontava uma flecha diretamente para sua cabeça.

- Por que demoraram tanto? – perguntou Cão, saindo do vagão. – Ih, merda.

O velho ergueu os braços, em rendição. Havia mais um homem do outro lado do vagão, com uma espada erguida, pronto para atacar.

À frente, um guerreiro, o que usava a capa de Valentin, caminhou na direção deles. Deveria ser tão idoso quanto Cão, mas sua face séria trazia, além das rugas, diversas cicatrizes. Uma faixa branca com sangue coagulado envolvia parte do crânio e outros curativos eram visíveis pelo pescoço e braços. Uma barba branca crescia de seu queixo

e ele trajava pedaços de armadura prateada. Nas costas, a capa branca tremulava.

A capa de Valentin, pensou Manara, já imaginando o pior. Mas então o velho guerreiro se aproximou mais. *Não. Não é a capa de Valentin, a capa desse homem é ainda mais branca.*

22.

GAWRGHONITE

Eu detesto esses malditos heróis! Gawrghonite corria mata adentro, tentando encontrar o companheiro de grupo antes que algo pior acontecesse.

Os primeiros metros da floresta apresentavam árvores esparsas, mas, bastava se aprofundar em suas entranhas para se ver cercado por um mar de troncos, galhos e folhas. Uma pessoa desatenta ou com menor experiência em sobrevivência nas regiões selvagens poderia se perder facilmente, ainda mais com o céu escurecendo.

Mas Gawrghonite tinha experiência.

Ele passou por aqui, pensou o bárbaro, ao analisar galhos partidos. *Se ao menos eu tivesse mais tempo.*

- Sara! – Valentin gritou em algum lugar da floresta

Os berros ensandecidos do jovem guerreiro estavam sendo a principal ferramenta de Gawrghonite para encontrá-lo. Contudo, uma mata como aquela podia pregar peças. *Ele não está longe.*

O bárbaro voltou a correr. Avançava algumas dezenas de metros e parava, com ouvidos atentos, aguardando por mais um sinal.

- Sara – gritava Valentin. – Sara, estou indo.

Pelos diabos, homem, assim você vai atrair os mortos.

Gawrghonite se preparava para correr mais uma vez quando os ouvidos captaram algo mais, um som que ficara impregnado em sua essência e que ele não confundiria jamais: os gemidos mórbidos dos cadáveres animados.

Eles estão aqui.

O bárbaro desembainhou a espada curva e imediatamente procurou por uma área de mata não tão fechada, onde brandir a arma não seria tão difícil.

Pronto, venham desgraçados.

E eles vieram. Surgindo por entre os troncos escuros, camuflados pelas sombras que o pôr do sol trazia. Os rostos sem cor, contorcidos em caretas de gula e ira. Olhos desprovidos de brilho, como os do gladiador que ele matara na noite anterior. *Pelos infernos, parece que foi há anos.* Mas havia algo de diferente naqueles mortos-vivos, eles pareciam menos desajeitados e suas orelhas, bem, elas eram pontudas.

Elfos, concluiu. Elfos mortos.

Com passos nada cambaleantes, os monstros se aproximavam. Os gemidos macabros estavam lá, mas a musculatura parecia em ordem e os movimentos, certos. Nas mãos eles traziam espadas e pareciam saber como manejá-las. Aqueles eram os primeiros mortos-vivos a empunhar armas que Gawrghonite vira desde que tudo

começara.

Um dos monstros gemeu e abriu a bocarra, avançando. A visão era desoladora, quem sabe pelo contraste. Mesmo sem ter muito respeito pela raça, Gawrghonite não podia negar a pureza e antiguidade dos elfos. Vê-los corrompidos daquela forma era revoltante.

O golpe de espada passou rápido, à direita do bárbaro, assoviando em seu ouvido. Ele se esquivou com uma finta e acertou o oponente com um chute frontal. Não demorou para que os outros elfos mortos se juntassem ao combate.

Gawrghonite precisava prestar atenção. Enfrentar aquele novo tipo de morto-vivo não era a mesma coisa que atacar os cadáveres desengonçados de Martuk. Ele tinha que manter o foco.

Tomando cuidado para não deixar as costas expostas, o bárbaro se movia constantemente, desviando de golpes de espada e mordidas. Contra-atacava apenas quando tinha certeza de acertar o alvo. *Não devo desperdiçar golpes. O tempo é curto.*

- Sara – Valentin gritou de novo, de algum lugar da mata. Estava perto.

Os mortos também ouviram o grito e dois deles recuaram, abandonando a luta contra Gawrghonite.

Agente firme, rapaz.

Um elfo deu um passo comprido à frente, estocando com a

ponta da espada. O bárbaro anteviu o ataque e escapou dele por meio de um giro de corpo. Mesmo tendo se movido com rapidez, sentiu o fio da espada abrir um corte em seu flanco. Contra golpeou com a espada curva, cortando a cabeça do elfo morto-vivo pouco acima do nariz. O maldito tombou.

- Sara. Pelo amor dos deuses, onde você está? – Valentin continuava a gritar.

Merda. Estou perdendo muito tempo aqui.

Com um ataque corajoso, até mesmo imprudente, Gawrghonite avançou em carga contra dois mortos-vivos, derrubando-os. Escapou das lâminas por pouco, mas ao menos tinha aberto caminho. Deixou os oponentes para trás e correu na direção dos gritos de Valentin.

Estou indo, seu idiota. Aguenta.

Os gritos por Sara cessaram, mas Gawrghonite identificou outros sons na mata para guiá-lo. Metal contra metal. E os gemidos.

Valentin estava encurralado contra uma árvore, cercado por um grupo de mortos-vivos, elfos em sua maioria. *O que quer que tenha gerado essa praga, já tomou a floresta.*

Com um grito de batalha o bárbaro se juntou ao companheiro. A investida surpresa o ajudou a derrubar três monstros, mas não era o bastante e ele sabia que mais oponentes se aproximavam.

- Temos que ir, Valentin – disse. – Agora.

- Não posso. Sara.

- Ela já deve estar morta.

Gawrghonite aparou dois ataques com a espada e, com um soco certo, arrancou o maxilar de um dos mortos-vivos. A língua da criatura ficou dependurada como uma serpente rosa banhada em sangue

- Na árvore – disse Valentin. – Na copa da árvore.

- Essa não.

Lá no alto, agarrada a um galho, Sara assistia a tudo.

- Dessa daí, pirralha. Temos que ir – gritou o bárbaro.

- Não. Me deixem em paz – ela respondeu.

Mais mortos tombaram, mas outros elfos apareceram para tomar o lugar.

- Valentin, temos que ir.

- Sara – gritou o jovem guerreiro. – Por favor, precisamos ir ou vamos morrer.

- Eu quero que você morra, assassino.

O espaço ficava menor. Eles eram pressionados contra o tronco da árvore. *Não consigo golpear corretamente aqui. Não podemos ficar. Temos que partir já.*

- É agora – avisou.

Valentin desferiu um golpe no pescoço do morto-vivo contra qual lutava e se virou para a árvore, abandonando o combate e ficando exposto. O jovem estendeu os braços para o alto, para a garotinha.

- Venha comigo, Sara. Pule.

Aquilo tirava Gawrghonite do sério. Aproveitando a fúria que crescia como uma bola de calor em seu estômago e subia pelo pescoço, ele varreu corpos e troncos num golpe poderoso que exigiu muito esforço, até mesmo dele.

- Pule, Sara – insistia Valentin. – Eu não vou sem você.

- Então vai morrer – foi a resposta da pequena cretina.

Não hoje, pensou o bárbaro. *Ainda não*. E com um golpe do cabo de sua espada fez o mundo de Valentin se apagar.

23.

VALENTIN

A cabeça doía como se uma adaga em brasas tivesse sido enfiada no meio de seu cérebro.

Valentin abriu os olhos. Arrependeu-se.

A luminosidade que penetrou vista adentro causou uma dor tão aguda que ele quase desmaiou novamente. Fechou as pálpebras com força.

- Calma – disse uma voz ao seu lado, uma voz que ele não conhecia. – A feiticeira avisou que haveria dor.

Há dor. Há muita dor.

- Onde está Manara? E Gawrghonite? O que aconteceu?

- Não se apresse. Ela está bem. Todos os seus companheiros estão bem.

Valentin abriu os olhos, bem devagar desta vez. Um homem idoso coberto de curativos e vestido com capa branca o observava. Valentin reconheceu a capa.

- Você... você é da Fraternidade.

O velho concordou com a cabeça.

- Chamo-me Artur, um irmão de princípios.

Eles estavam em uma tenda improvisada com pedaços de lona, uma barraca pequena e tosca, mas limpa e organizada.

- O que aconteceu comigo?

- Você levou um golpe na cabeça, mas o bárbaro o carregou por todo o caminho – respondeu Artur. – Manara usou magia e garantiu que você ficaria bem, mas cheguei a temer que o bárbaro tivesse usado de muita força.

Muita força? O que ele quer dizer? A última coisa que Valentin lembrava era de estar na mata, enfrentando mortos-vivos diferentes, mais ágeis, mais perigosos. Eu tinha encontrado Sara, ela estava em uma árvore, mas os monstros nos cercaram e...

E Gawrghonite apareceu.

Não. Ele não fez.

- Onde está Sara? Onde está a menina?

Artur não desviou o olhar. O rosto de feições duras e longa barba branca continuou a encará-lo, mas nenhuma palavra foi proferida. Não foi necessário.

Valentin se ergueu de pronto. O mundo girou, mas ele conseguiu manter o equilíbrio.

- Não faça isso, você ainda não está bem – disse Artur.

Valentin o ignorou. Rumou direto para fora da tenda, para uma clareira onde um acampamento fora montado. Diversas pequenas barracas de lona roxa se espalhavam ao redor. Valentin reconheceu a cor. Eram os restos das carroças e vagões que havia encontrado pouco antes de Sara sumir.

Sara. Não pode ser verdade. Ele não faria isso.

Lá estava Gawrghonite, sentado de costas sobre um tronco caído. Calmamente devorava um pedaço de carne.

- Onde está a menina? – Gritou Valentin – O que fez com ela?

Quando o bárbaro se virou, ainda estava com a boca cheia. Gordura escorria do queixo quadrado. Valentin acertou-lhe o soco mais forte que podia.

- Valentin – gritou Manara, correndo por entre as tendas em sua direção. – Não.

Gawrghonite recuou um passo, mas, de resto, não pareceu muito abalado. Cuspiu um bolo de carne mastigada misturado com o próprio sangue, encarou Valentin de cima a baixo e levou mais comida à boca.

- O que fez com a menina? Onde ela está?

Valentin sabia a resposta para aquela pergunta, mas era como

se a realidade pudesse ser alterada, como se a vida e a morte estivessem em suspenso. Enquanto alguém não lhe dissesse com todas as letras que Sara fora deixada para trás, ele precisava continuar lutando.

- Onde ela está? Onde ela está, seu desgraçado?

Finalmente a tontura o dominou e ele caiu no chão. Um círculo de pessoas já o rodeava e acabou por testemunhar quando ele explodiu em choro.

Gawrghonite deu-lhe as costas.

Manara lhe abraçou.

- Calma, está tudo bem – disse a feiticeira.

- Onde ela está?

- Tudo vai ficar bem, tudo vai ficar bem.

Valentin não falou com ninguém pelo resto do dia. Como o acampamento ficava às margens de um lago, preferiu se afastar e refletir sobre o ocorrido. Manara tentou puxar conversa por duas vezes, mas nem mesmo a companhia da feiticeira trazia conforto. Valentin queria ficar só.

Eu falhei mais uma vez. Matei o pai da menina, tirei dela tudo que lhe era mais importante e depois a abandonei em meio ao inferno. Que belo herói.

O jovem guerreiro, em um impulso, quase partiu mata adentro. Digladiava-se com a ideia. Mentia para si mesmo que Sara ainda poderia estar viva, mas seu lado racional sabia que era tarde demais.

Meu pai estava certo, a Fraternidade é um sonho, uma piada. E agora, com essa praga de mortos-vivos, se tornou uma piada de mau-gosto.

- Importa-se se eu lavar minha capa aqui?

Valentin se assustou com a interrupção abrupta de seus pensamentos.

Artur se aproximava, trazendo a capa branca dobrada em mãos. Ele ficava diferente sem a armadura. Vestido daquele jeito simples, coberto por ataduras, chegava a dar pena.

- O lago é grande – respondeu Valentin. – Eu realmente quero ficar sozinho. Procure outro ponto.

Artur o ignorou e deu alguns passos para dentro do lago, ficando com a água escura na altura dos joelhos. Inclinou as costas magras, submergiu toda a capa e começou a esfegá-la.

Assim ficaram por muitos minutos, Artur a lavar a capa e Valentin a observá-lo trabalhar. Guerreiros da Fraternidade em idade tão avançada não eram uma coisa comum de se ver. *Será que ele é um irmão antigo? Talvez tenha se juntado à ordem recentemente, buscando reparar uma vida sem sentido.* Valentin suspirou. Não

conseguiu evitar a simpatia pelo homem de aparência frágil que esfregava o tecido branco com tanta seriedade.

- A sua também precisa ser lavada – disse Artur, de repente.

- Para quê? Qual o sentido?

- A capa branca simboliza uma vida de princípios. Lavá-la é uma mensagem de inspiração e esperança para os outros.

- Eu sei o que a capa branca significa – respondeu Valentin, secamente. - Mas de que adianta lavá-la num mundo como esse?

Valentin tirou a própria capa. Estava escura, com manchas de sangue e lama por todos os lados.

- Minha capa está suja, tal como a minha consciência. *E vai continuar assim.*

Artur continuou a trabalhar em silêncio por mais alguns instantes. O homem tratava sua capa com muito cuidado, executando a lavagem com a maior atenção possível. Mesmo com o corpo coberto de ferimentos, ele não parecia sentir dor ou incômodo. Mantinha uma postura austera, firme, apesar da aparência debilitada.

- O mundo de fato mudou – disse. – Tudo parece se manchar de negro e escarlate. Todos os dias, toda a vez que baixamos a guarda. Em tempos assim, as pessoas são tentadas pela escuridão que carregam no peito.

- Os deuses nos abandonaram. Há desgraça e morte por todos

os lados e você perde tempo lavando a capa?

- Os deuses podem estar mortos, mas nunca dependemos deles. Angelus servia para nos inspirar. Contudo, são os princípios que devemos seguir, antes de qualquer divindade.

Como esse homem pode falar em princípios? Está tão ferido que parece mais morto do que vivo e o restante de seu grupo transborda terror por todos os poros.

- Você sabe o porquê de usarmos as capas, rapaz? – disse Artur.

- Já disse que sei o que significa.

- Mas sabe por que as usamos? Por que as mantemos limpas, colocamos sobre os ombros e as vestimos todos os dias?

- Para inspirar os outros.

Artur o encarou e Valentin sentiu os ossos gelarem. Era como ser um novato mais uma vez, um rapaz estúpido no início do aprendizado.

- O branco das nossas capas é uma metáfora das vidas corretas que tentamos levar – disse o velho. – Haverá sujeiras e manchas. Sempre haverá manchas, ainda mais numa situação como esta em que nos encontramos, mas cabe a nós limparmos. Sempre que necessário.

Sempre que necessário. Mas é tão difícil. Ninguém pode lidar com tanta sujeira.

- As coisas mudaram e nem tudo irá parecer aceitável para você, mas é preciso se adaptar e fazer o melhor possível – continuou Artur. – A garotinha abandonada não quis ser salva. Você e o bárbaro tentaram. Ela está morta agora.

Doía ouvir a realidade dita daquela forma, mas Valentin permaneceu firme.

- Morta por minha causa.

- Morta por causa do mundo, rapaz. Você teve participação? Claro. Por isso sua capa está manchada. Cabe a você limpar. Pode ser que fiquem resquícios para te lembrar dos erros, mas você deve continuar limpando.

Artur sacudiu a própria capa no ar, estava impecavelmente branca, a não ser por pequeninas marcas levemente mais escuras em alguns pontos.

- A Fraternidade não nos pediu que nunca sujássemos as capas. Ela apenas nos pediu que fizéssemos o melhor para mantê-las limpas – continuou ele. – Se nossas capas ficassem guardadas, estariam sempre impecáveis, mas ninguém as veria.

- Está me dizendo para viver com a culpa? Para aceitar meus erros? Aceitar a morte de Sara?

Artur saiu do lago, caminhou até Valentin e colocou a mão sobre seu ombro.

- Hoje só estou dizendo para você lavar sua capa. Se conseguir, talvez possa me ajudar com uma importante missão.

O velho irmão partiu em direção ao acampamento, com passos cansados e sem pressa. No caminho, estendeu a capa e a colocou, mesmo úmida, sobre os ombros. Valentin o acompanhou com os olhos até ele entrar novamente em sua tenda.

Fazer o melhor para mantê-las limpas.

Valentin entrou no lago.

24.

MANARA

- Tem certeza que não vai conosco? – perguntou Manara. *Eu quero que você venha conosco. Quero que venha comigo.*

- Encontrarei vocês depois – respondeu Valentin. O rapaz parecia melhor. Não exatamente em paz, mas um pouco mais leve. Ficava bonito daquela forma, com os cabelos lavados e a capa limpa. Chegou até mesmo a esboçar um rápido sorriso. – Assim como você, eu assumi uma responsabilidade.

Sim, Manara havia assumido uma responsabilidade, fruto do acordo que fez com Artur.

Depois do tenso primeiro encontro, Artur a levou para o acampamento – bem como os suprimentos que haviam recolhido - onde ela foi alimentada e tratada. Ainda tinha grandes preocupações quanto a Valentin, Sara e Gawrghonite, sozinhos na mata, mas o velho a assegurou que seus amigos seriam encontrados. E não faltou com a palavra.

O modesto acampamento era composto, em sua maioria, por sobreviventes de ocasião. Pessoas comuns que tiveram a sorte de encontrar Artur pelo caminho. O velho assumiu o papel de líder e fez o

possível para ajudar aquelas almas desgraçadas, mas ele sabia que não poderia fazer muito mais.

- Teremos que sair daqui em breve – ele disse. – Os mortos nos visitam com cada vez mais frequência.

Manara lhe explicou sobre o plano de ir até Porto Marcaso e Artur aprovou a ideia, embora a tenha advertido a não criar grandes expectativas.

- A morte viaja rápido, você deve ter cuidado.

Naquela noite Gawrghonite chegou com Valentin nos ombros e Manara soube de imediato que Sara estava perdida para sempre. Apesar da tristeza natural que sentiu pela morte de uma criança, lamentou ainda mais toda a dor que aquilo traria ao jovem guerreiro. *O bobo que leva a culpa do mundo nas costas, como pode ser tão ingênuo?*

Ela cuidou de Valentin, usou feitiçaria para tratar seus ferimentos, bem como o das outras pessoas do acampamento. Até se ofereceu para curar os machucados de Artur, mas ele não quis.

- Não desperdice comigo. Esses rasgos não se fecharão. Esses rasgos foram causados por *elas*.

Artur parecia saber muitas coisas sobre os mortos-vivos e, para obter esse conhecimento, Manara acabou aceitando o acordo.

- Posso responder suas perguntas, mas há algo que deve fazer

por mim.

Ela disse sim e agora teria que partir carregando os sobreviventes do grupo de Artur consigo. Todos a caminho de Porto Marcaso. O velho ficaria para trás, junto de Valentin.

Espero que o conhecimento valha a pena. Na verdade, ela sabia que valia. Conhecimento sempre valia a pena e através de Artur ela descortinou um pouco mais do mistério daquela praga zumbi.

A doença dos mortos-vivos infectava todas as raças. Artur relatou ter visto não apenas humanos contaminados, mas também elfos e até goblinóides naquelas matas. O que quer que fosse a causa, trazia decadência a tudo que tivesse vivido. Além das próprias vítimas dos mortos-vivos se erguerem como bestas esfomeadas, a praga também atuava sobre cadáveres mais antigos, levantando-os de suas sepulturas para amaldiçoar a terra.

- É a morte cobrando sua dívida – ele dissera. – Eles nos sentem, a nós, os vivos. Eles nos farejam e nos devoram. Suas garras e dentes causam danos difíceis de cicatrizar e nem sua magia, Manara, pode acelerar a cura. Eles estão vindo. É preciso sair daqui.

Era preciso partir e Manara deveria liderar.

- Disse adeus a Cão? – perguntou para Valentin.

- Sim.

- E a Gawrghonite?

Desde a morte de Sara a relação entre o guerreiro e o bárbaro estremeceu. *Logo entre eles, que estavam se dando tão bem.* Mesmo com a influência positiva de Artur, ela temia que os dois companheiros nunca mais fossem recuperar o que morrera naquela mata, junto da garotinha órfã.

- Sim – disse Valentin. – Falei com ele, à minha própria maneira.

O silêncio constrangedor entre homem e mulher se instaurou. O mesmo silêncio o qual ela aprendeu a ignorar logo que seu corpo passou a atrair atenção. Manara era da linhagem de Asfodelos, ela não temia sua sexualidade, sua feminilidade. Julgava-se tão importante quanto os homens, até mais importante e, para ela, isso significava nunca ficar à mercê deles. E sentimentos a deixariam à mercê.

- Eu gostaria que você viesse – disse, encarando-o meio de lado.

As bochechas de Valentin ficaram vermelhas e ele não tirava os olhos dos próprios pés.

- Eu gostaria de ir... com você – ele disse. – Mas fiz uma promessa.

Promessa idiota. Talvez ela devesse ficar então. Gawrghonite poderia liderar o grupo até Porto Marcaso em sua ausência. Ela ficaria para trás e depois, junto de Valentin, os encontrariam. Ela era uma

feiticeira, afinal de contas. Suas habilidades seriam inestimáveis para o jovem guerreiro.

Deu voz aos pensamentos, mas de forma um pouco mais fria:

- Você pode morrer sem mim. Meu conhecimento será necessário.

- Seria útil, com certeza, mas fizemos uma promessa – disse Valentin. – E aquele grupo precisa de você. Embora Gawrghonite seja um grande lutador, ele não é um líder. Eles precisam de você, Manara.

Os olhos de Valentin se ergueram quando ele disse seu nome. Eles a fitaram com uma intensidade até agora não demonstrada. Pelo menos não diretamente.

- Eu vou me apressar – ele continuou. – Quero me juntar a você o mais rápido possível.

Foi a vez de Manara corar.

Valentin ergueu a mão e sorriu.

- Até breve, tome cuidado e faça uma boa jornada.

Ele não iria com ela. *Eu só o conheço a poucos dias, por que estou tão abalada?* Ele não iria com ela. *Estou parecendo uma donzela estúpida, uma daquelas filhas de camponeses que sonham com um cavaleiro branco.* Ele não iria com ela. *Ah, para o inferno com tudo isso.*

Manara se atirou nos braços de Valentin e o beijou nos lábios, um beijo terno, para não assustar o ingênuo guerreiro. Os lábios se tocaram por longos segundos e ela sentiu braços fortes a envolverem. Então os lábios se abriram e as línguas se envolveram, como se os dois quisessem se unir ali mesmo.

Poderia ter durado uma vida.

Quando acabou, ela se virou e, sem olhar para Valentin, caminhou em direção ao restante do grupo. Onde homens e mulheres cansados e assustados a esperavam. Onde Gawrghonite afiava sua espada. Onde Artur a observava com um olhar de confiança. Durante todo o trajeto ela não olhou para trás. Nem uma vez.

Sou sábia. Sou poderosa. Não irei sofrer mais.

- Estão todos prontos?

As pessoas murmuraram respostas afirmativas. Tinham medo da viagem e do desconhecido no fim da jornada.

- Eu os levarei para Porto Marcaso. Eu, Manara, da linhagem de Asfódelos.

Sem esperar mais nada, ela assumiu seu lugar na dianteira do grupo, ao lado de Cão e do bárbaro. Seus seguidores pegaram o máximo de suprimentos que podiam carregar e então seguiram em frente.

Não olhe. Não sofra.

A clareira ficava para trás e as árvores se tornavam mais e mais frequentes. Valentin deveria estar olhando para ela, deveria estar pensando nela.

Venha logo.

Manara sentiu o coração apertar. Coisa que, mesmo com todo o seu conhecimento, ela não conseguiu controlar. Os lábios tremiam e um leve enjoo subiu pelo estômago.

Manara não olhou para trás.

25.

GAWRGHONITE

- Proteja tantos quanto puder – disse Valentin quando eles se despediram. E Gawrghonite pretendia fazer a vontade do outrora companheiro.

Eles não ficaram em bons termos desde que foram obrigados a abandonar Sara. O soco sofrido na manhã seguinte ainda ecoava em sua memória, bem como o distanciamento e frieza de Valentin. Na despedida, ao menos, a situação pareceu se aliviar.

Vou ajudá-los. Por sua causa. Em sua homenagem.

Gawrghonite não gostava da ideia de servir de ama para aquelas pessoas magras e assustadiças. Para ele, ou você consegue cuidar de si mesmo, ou está apenas ocupando espaço no mundo. No entanto, via aquele favor como uma forma de honrar e fazer as pazes com o jovem Valentin.

Gawrghonite gostava de Valentin.

O coitado só é burro.

O bárbaro tinha plena noção de si mesmo. Era um grande guerreiro, um sobrevivente, um predador. Ele prevaleceria contra o que quer que os demônios e deuses mandassem em sua direção. Valentin

não era assim. O rapaz vivia perdido, querendo fazer o bem, mas sem entender nada da vida real. Sua reação à morte de Sara foi exagerada, imatura, fraca.

Espero que nos encontre em breve. Mas os instintos de Gawrghonite diziam o contrário. Em seu íntimo alguma coisa avisava: *é a última vez que verei Valentin.*

Por isso decidiu fazer o possível para atender ao pedido do amigo. *Amigo.* Sim, ao menos de sua parte, era assim que considerava.

- Não parem de correr – gritou para o grupo à sua frente. – Quem ficar para trás morrerá.

Mortos-vivos avançavam atrás deles. Por sorte nenhum daqueles cadáveres élficos ligeirinhos deu as caras, mas os zumbis comuns já eram dor de cabeça suficiente. Embora fossem desengonçados, logo ficou evidente que não se cansavam jamais. Simplesmente continuavam a perseguição como se não houvesse amanhã.

Gawrghonite diminuiu o passo e decepou dois dos mais avançados, que começavam a preocupá-lo.

- A horda aumenta – disse Cão. O velho ladino fazia questão de ficar ao seu lado, dizia se tratar de uma medida cautelosa. – Não teremos como proteger todos.

Lá na frente, liderando, Manara apertava o passo. A garota

usou de sua feitiçaria para aumentar o vigor do grupo, mas eles eram um bando grande, com velhos e enfermos. Alguém eventualmente ficaria para trás.

- Será impossível percorrer todo o caminho assim. Sempre que paro para matá-los, outros aparecem para ocupar o lugar – disse Gawrghonite.

- Talvez devêssemos ir mais rápido. Eu e você. Deixá-los sob os cuidados de Manara. Ela sabe o que faz.

Do ponto de vista prático, a proposta de Cão fazia muito sentido. Em apenas dois atrairiam menor atenção e viajariam mais depressa, além de que Manara realmente já se provara uma líder inteligente, mesmo para alguém tão nova. *Mas não posso deixá-la. Valentin não iria querer.* O jovem guerreiro tinha uma evidente atração pela feiticeira, coisa que ficou clara ao bárbaro muito cedo – e foi motivo para que ele próprio não fizesse investidas, apesar do corpo luxurioso da garota.

- Não – respondeu.

Cão deu de ombros e continuou a correr do seu lado.

Uma hora se passou, talvez pouco mais, talvez pouco menos. O primeiro membro do grupo caiu. Uma mulher corpulenta, de bochechas vermelhas. Gawrghonite a agarrou sem interromper a corrida.

- Você está bem? – perguntou.

- Sim, foi uma tontura.

- Precisa beber água. – O bárbaro alcançou o próprio cantil, que pendia do cinto, e ofereceu à mulher. – Beba. Depois corra adiante, até perto de Manara.

Ele a colocou de volta no chão e a observou correr adiante.

- Essa aí tem belas tetas – disse Cão.

Gawrghonite não sabia por que, mas não achou graça.

- Corra mais rápido, avise a todos para avançar o máximo possível.

Cão já sabia o que ele iria fazer e por isso obedeceu de pronto.

Gawrghonite fincou os pés na terra da estrada e se virou para trás. Os mortos e seus gemidos nojentos caíram sobre ele. E encontraram a destruição.

O mais engraçado de se aniquilar aquelas criaturas era que quase não se sentia nenhum prazer. A lâmina curvada de Gawrghonite abria talhos do tamanho de um anão nos cadáveres ambulantes, decepava braços, pernas, cabeças. Tripas e sangue voavam longe, mas, se os golpes não fossem dados com força o bastante, os inimigos continuavam a avançar e a gemer.

Gawrghonite erguia e descia os braços em grande velocidade. Ele estava bem agora, curado dos ferimentos e com os músculos

ansiando por uma carnificina. A cada movimento seu, um morto-vivo era estraçalhado.

Eles são todos iguais, pensou enquanto destruía mais um deles. Obviamente os mortos-vivos não eram todos iguais. Havia cadáveres de mulheres, cadáveres de crianças, de elfos, de velhos e jovens. Aquele o qual ele acabara de acertar pertencia a uma garota não muito mais velha que Manara. Os cabelos longos presos em uma trança desgrenhada. Contudo, de um modo bizarro, eles pareciam todos iguais. *Os mesmos olhos opacos. As mesmas bocas escancaradas de dentes quebrados. A mesma fome.*

O bárbaro macetou mais alguns e retomou a corrida. Não queria se distanciar demais do grupo.

Isso irá detê-los por algum tempo.

E deteve. Mas logo os gemidos se fizeram ouvir ao longe novamente. Logo alguém do grupo caiu.

- Vamos, não parem de correr. - Gawrghonite ajudou o velho caído a se erguer. – Continuem.

A corrida não tinha fim.

Uma outra pessoa caiu, e outra. O velho se atirou ao chão novamente.

- Não podemos continuar – disse uma mulher de lenço na cabeça. – Deve haver outro jeito.

As pessoas começaram a interromper a corrida e a chorar. Estavam cansadas, se entregando.

Fracos.

- Não parem – ele ouviu Manara gritar lá na frente, mas ninguém lhe dava ouvidos.

Os mortos estão vindo. Não podemos parar.

- Levantem-se – gritou. – Andem.

- Não somos fortes como você – disse o velho caído. – Nos salve.

Nos salve. Gawrghonite detestava ouvir aquilo.

Bem à sua frente três pessoas – o velho, a mulher de lenço na cabeça e um homem segurando um arco - o encaravam como se ele devesse defendê-las. Será que era assim que viam Artur? Como ele aguentava?

Proteja tantos quanto puder, as palavras de Valentin ecoaram em sua cabeça. Ele não poderia proteger todos, era impossível. *Proteja tantos quanto puder.*

Atrás, os gemidos ficavam mais claros.

Gawrghonite olhou para as três pessoas caídas à sua frente. Os três fracos mais próximos. *O do arco poderá lutar no futuro. A mulher ainda é jovem e parece saudável.*

Gawrghonite desceu sua lâmina sobre o velho caído, abrindo um talho em diagonal que ia da clavícula à base da bacia. O líquido vermelho espirrou em seu rosto, criando a mais terrível das pinturas de guerra.

- Puta que o pariu – berrou Cão.

Gritos de comoção e surpresa tomaram a todos.

- O que você está fazendo? – disse Manara, furiosa.

Os gemidos estavam mais próximos. Precisavam partir.

Agora.

- Mexam-se, vermes – Gawrghonite urrou com toda a potência de sua garganta. – O próximo que parar eu mesmo matarei.

As pessoas pularam de onde estavam e correram para longe do bárbaro. Manara reassumiou a liderança e até mesmo Cão se afastou.

Tantos quanto eu puder.

26.

VALENTIN

- Não deve demorar muito agora – disse Artur.

Os dois sentavam-se à beira do lago, próximo aos restos do acampamento. Pedacos de lona das tendas vazias tremulavam com a leve brisa. Artur trajava apenas um manto simples, com a capa branca cobrindo-lhe os ombros. Não usava a armadura. Esta fora dada a Valentin como um presente de despedida.

O irmão da Fraternidade fraquejara a olhos vistos, pouco lembrando o guerreiro de dias atrás. Olheiras escureciam sua face e uma expressão cansada maculava até mesmo o sorriso carismático. Os ferimentos não cicatrizavam. Artur explicou que as mordidas e arranhões dos mortos eram diferentes, resistentes à feitiçaria. Para vencê-los era preciso força... e ele não passava de um velho cansado.

- Quando acontecer, não hesite – disse ele. – Quero partir o quanto antes.

Valentin fez que sim com a cabeça. Admirava a forma plácida com que Artur encarava a situação. Na Fraternidade Branca eles aprendiam o valor da luz, aprendiam a rejeitar e enfrentar a escuridão da morte, mas agora um de seus membros estava ali, prestes a ser vitimado pela pior das pragas.

E a morte não é nada se comparado ao que ocorrerá depois.

Será que, numa situação semelhante, Valentin teria a dignidade do velho? Será que teria resistido à tentação de acabar com a própria vida? O suicídio era um dos maiores anátemas dentro da Fraternidade Branca e foi por esta razão que Artur lhe pedira aquele favor.

- Quando eu me for – disse Artur –, não demore aqui. Corra para Porto Marcaso o mais rápido possível.

- Eu o farei.

- Ela sente a sua falta. Manara.

Valentin sentiu o coração acelerar. Não gostava de falar naqueles assuntos, principalmente com um irmão de Fraternidade à beira da morte.

- Aproveite as benesses da vida – continuou o velho. – Vocês são jovens.

Dito isso ele fechou os olhos e não voltou a abri-los.

Valentin desembainhou a espada e a apoiou sobre as coxas, esperando.

A respiração de Artur se modificou. Primeiro se tornou profunda e barulhenta, logo depois o homem passou a ofegar, com uma clara dificuldade em puxar o ar. A cena lembrou Valentin do rapazote doente o qual tentara ajudar no caminho de Martuk, antes de todo o inferno vir à tona.

A respiração de Artur continuou difícil até que finalmente se acalmou. O ritmo diminuiu. Os movimentos do diafragma do velho foram rareando, rareando. Até que pararam.

- Vá em paz, irmão.

Valentin segurou firme no cabo da espada.

Foi mais rápido do que esperava.

Artur – ou o que antes fora Artur – escancarou os olhos.

Olhos opacos. O morto-vivo abriu a boca de uma forma horrenda, deformando a já sofrida face, e esticou os braços para frente. Valentin o acertou com a espada no meio do crânio. Pedacos de cérebro vazaram pela rachadura e algumas gotas de sangue espirraram, sujando seu manto.

Artur voltou a morrer, mas dessa vez permaneceu em paz.

Valentin se levantou, limpou a espada com um pedaço de lona e a embainhou. Pegou o cadáver do falecido irmão no colo e o transportou até uma cova previamente preparada. *Deuses, como ele é leve.* Tapou a cova com a terra escura e orou.

Valentin já havia preparado os suprimentos que levaria consigo. Estava quase pronto para seguir viagem, faltando apenas um detalhe.

Tirou a capa dos ombros e foi até a beira do lago. Ajoelhou-se. Pegou um pouco da água fria nas mãos e derramou sobre as

manchas frescas de sangue. Elas sumiram facilmente, sem oferecer resistência aos esfregões. *Nenhum pecado aqui*, pensou Valentin.

Seguiu viagem.

A estrada não era segura.

Embora sua jornada solitária atraísse pouca atenção, ele foi forçado a parar e lutar um punhado de vezes. Por sorte não foi abordado por nenhum grupo grande de mortos-vivos, mas os gemidos que vinham da floresta eram quase onipresentes.

Comia pouco. Dormia menos ainda. Sempre sobre os galhos de árvores. Sabia que aquela medida não seria de grande eficácia contra os mortos-vivos élficos, mas o que poderia fazer além de torcer por uma noite tranquila?

Andava o mais rápido que podia, partindo sempre antes do sol nascer e seguindo até quando a luz das estrelas e lua permitissem. Testemunhou sinais de luta e tragédias. Enormes manchas de sangue lavando o solo. Restos de cadáveres parcialmente devorados deixados aos insetos e abutres. *Proteja-os, Gawrghonite. Por favor, proteja-os.*

De tempos em tempos identificava silhuetas humanoides no horizonte. Após observar com cuidado, concluía, pelos movimentos corporais, que na maioria das vezes se tratavam de grupos errantes de mortos-vivos. Vez ou outra, porém, tinha certeza se tratarem de outros sobreviventes. Sempre que tentava contato, no entanto, as silhuetas

fugiam.

Sua jornada era solitária.

Por isso ele ficou tão surpreso naquele entardecer.

Sobre um cadáver apodrecido jazia uma figura encapuzada, mexendo no morto, aparentemente a procura de itens que pudessem ser úteis. Assim que a figura percebeu Valentin, levantou-se assustada e recuou.

- Calma – disse Valentin. – Não quero lhe fazer mal. Sou apenas um sobrevivente como você.

A figura não respondeu, mas não fugiu. Permanecia parada no meio da estrada, com o capuz baixo, fazendo o possível para esconder o rosto barbado.

Não se sobrevive ao inferno sem cicatrizes, concluiu

Valentin

- Meu nome é Valentin, sou um membro da Fraternidade Branca.

- Yor.. Yorak – respondeu o outro, com uma voz arranhada pela poeira da estrada.

Valentin puxou seu cantil e ofereceu ao viajante, que recusou com um aceno de mão.

- Não siga por aqui – disse Vaentin. – Martuk foi dizimada e

os mortos rondam os arredores da cidade.

- Há muitos?

- Milhares.

Yorak balançou a cabeça, demonstrando entendimento. O homem não era muito de conversa, mas para Valentin era bom ver alguém vivo, poder conversar e baixar a guarda por um instante que fosse, por isso insistiu:

- Vou a Porto Marcaso. Sabe alguma informação sobre aquelas bandas?

Yorak fez que não com a cabeça.

- Vim dos Lagos.

- Dos Lagos? Das vilas?

- Sim.

Valentin deu mais uns passos adiantes. Notou, debaixo do capuz, a boca seca de Yorak, com dentes amarelados. As roupas que ele usava estavam largas, como se uma criança tivesse decidido brincar com as roupas do pai. *Não são apenas os mortos que nos atacam*, concluiu Valentin. *A fome matará muitos também.*

Tirando a mochila das costas, Valentin começou a procurar por um pedaço maior de carne salgada para oferecer a Yorak. Enquanto o fazia, perguntou:

- Há sobreviventes por lá? Algum vestígio de sociedade?

- Não exatamente. Ao menos não uma que você queira participar.

Valentin achou melhor não se aprofundar no assunto.

Lembrou das pessoas atacando umas às outras em Martuk. Os roubos, estupros e assassinatos.

Situações de calamidade podem transformar homens simples em verdadeiros demônios, pensou. O que quer que tivesse forçado Yorak a fugir, a preferir arriscar a vida em meio a mortos-vivos a permanecer em sua terra natal, não poderia ser algo fácil de se falar a respeito.

Valentin ainda não encontrara a carne que procurava. Apoiou a mochila no chão e se abaixou ao lado, para procurar melhor.

- Você pode seguir comigo a Porto Marcaso, se quiser.

Yorak não respondeu, mas chegou mais perto. Valentin notou sua aproximação pelo cheiro forte de sujeira que o homem exalava.

- Ah, aqui está. – Valentin pegou a carne e estendeu o braço, oferecendo-a, mas Yorak não deu sinais de que pegaria o alimento. – E então, o que me diz?

- Desculpe.

A mão de Yorak cortou o ar como um borrão, em direção ao peito de Valentin, mas este conseguiu enfiar o próprio braço no meio

do caminho. A dor do corte alcançou seu cérebro e sangue escuro gotejou.

- Está louco?

Valentin forçava a faca para longe de seu corpo, mas Yorak era muito mais forte do que aparentava.

- Desculpe. Desculpe – repetiu ele, antes de cravar os dentes no pescoço de Valentin.

A dor foi diferente de tudo o que já sentira na vida. Um ardor gélido e quente ao mesmo tempo, que formigava, como se milhares de minúsculas aranhas venenosas corressem por sua carne, despejando veneno todas ao mesmo tempo.

Valentin conseguiu arrancar a faca de Yorak. Girou-a no punho e a enfiou fundo na barriga do homem.

Yorak continuava a mordê-lo.

A visão tornou-se turva. Valentin enfiou a faca mais uma vez.

Yorak passou a mastigar.

Gritando de dor, sentindo o próprio sangue a afogá-lo, Valentin enfiou a faca de novo. E de novo. E de novo.

27.

MANARA

E agora, o que devo fazer?, pensava Manara. *Não podemos voltar para a estrada.*

Metade do grupo de Artur havia tombado pelo caminho. Os que restavam mal podiam se manter de pé. Não existia a mínima possibilidade de eles voltarem a caminhar. A morte esperava por eles em Porto Marcaso.

O que devo fazer?

Porto Marcaso não era grande como Martuk, mas seus portos levavam e traziam, diariamente, milhares de pessoas de diversas partes de Romeryon, o que tomava a cidade mais movimentada que a capital. Ali a riqueza e a miséria conviviam lado a lado, escancaradas nos palácios e posses dos nobres mercadores - detentores de acordos com as Cidades Burguesas do sul – e na vida dura dos servos, pescadores e mercenários. Não era um local bonito. Pinturas ofensivas e pornográficas, feitas pelo povo, tomavam conta dos muros de madeira que cercavam a cidade e uma lama fedida transbordava das ruas sempre movimentadas.

Ao menos era assim que Porto Marcaso costumava ser.

Manara liderou o grupo por entre um enorme rombo no muro

de madeira. Aliás, o muro de pouco serviria agora, pois estava repleto de danos. O incêndio havia destruído boa parte da estrutura.

- Cuidado – disse para as pessoas que vinham logo atrás.

- A praga viaja rápido – disse Cão. – O mortos destruíram tudo por aqui também.

- Com os muros destruídos, é provável que os zumbis tenham se espalhado pela região. Talvez a cidade não esteja infestada.

Cão soltou uma risada cínica e cruel, que irritou Manara.

- Pode haver sobreviventes – disse ela.

Cão riu de novo. Manara o puxou pela gola da roupa ridícula.

- E o que você quer que eu faça? Não temos condições de seguir viagem – disse a feiticeira. – Sei o que você pensa, mas não podemos abandonar essas pessoas.

Alguns dos viajantes estavam perto o bastante para ouvir a bronca, mas nada comentaram. Se realmente escutaram algo, guardaram o pessimismo e desespero para si mesmos.

- Encontraremos abrigo aqui.

Gawrghonite avançava no meio do grupo. A diferença de tamanho dele para as pessoas normais não parava de espantar Manara. Seria possível avistar o bárbaro a centenas de metros de distância. Ele

parou na frente dela.

- O que você quer fazer? – perguntou.

Manara fitou um casal ali perto. O homem jogava todo o peso do corpo sobre a perna esquerda, como se a direita estivesse doída demais para tocar o solo. Ao seu lado, uma mulher lhe oferecia apoio. Ela trazia uma expressão dolorosa, carregada de medo e ansiedade.

- Temos que montar abrigo aqui – disse a Gawrghonite. – Talvez, se dermos sorte, possamos encontrar suprimentos.

O bárbaro olhou por cima dela, como se avaliando a situação da cidade.

- Os mortos rondam as ruas. Eu os ouço.

- Eles também rondam as estradas.

Ele fez um aceno de cabeça e puxou a espada da bainha.

- Vamos logo, então.

O grupo continuou pelas ruas de Porto Marcaso. Rápidos, temerosos e o mais furtivo possível. Como ratos.

Ao contrário do que Manara testemunhara em Martuk, ali parecia ter havido uma certa resistência organizada. Barricadas foram erguidas. Ruas bloqueadas. Armadilhas de pontas espalhadas em vários locais estratégicos.

Cadáveres apodrecidos apareciam a cada esquina dobrada,

com suas cabeças esmagadas ou então com corpos tomados por lanças e flechas.

- A cidade resistiu o quanto pode – disse o bárbaro.

O gemido então tomou o espaço, causando certo reboiço entre o grupo.

- Calem-se – disse Manara. – Todos para trás de mim.

Gawrghonite assumiu a dianteira e não perdeu tempo quando três mortos-vivos cruzaram uma rua lateral na direção deles.

Mortos-vivos lerdos, cambaleantes. Não como os zumbis élficos da floresta. *Graças aos céus.*

- Não podemos ficar parados – disse o bárbaro, depois de fazer o serviço. – Para onde?

Manara não sabia. Detestava admitir, mas o mundo ainda trazia muitos assuntos sobre os quais deveria debruçar seus estudos. Guerrilha de sobrevivência era um desses assuntos. *Se ao menos eu não tivesse gastado toda a minha feitiçaria com eles.*

- Manara? – insistiu Gawrghonite.

As pessoas a encaravam, na expectativa. Algumas davam sinais de que começariam a chorar.

Maldição. Por que esperam que eu faça tudo? Por que ficam aí, como ovelhas, apenas seguindo? Eu não sei o que fazer. Ela abriu

a boca para dizer. Queria admitir de uma vez, tirar o peso das costas, mas era difícil. Ela sempre fora tão inteligente, tão preparada. *Eu não sei. Eu não sei.*

- Eu já sei – gritou Cão.

Demorou alguns segundos até ela localizar o velho ladino sobre um telhado próximo, bastante danificado e manchado de negro, como tudo ao redor. Cão esticava-se todo, como se espiasse alguma coisa.

- Ali. Parece ser um corredor atrás daquela barricada – disse ele. – Os sobreviventes devem ter construído passagens.

Ela nunca imaginou que pudesse ficar tão feliz com algo dito por Cão.

- Temos como passar pra lá?

- Parece bastante sólido, mas nada que possa me segurar.

Novos gemidos apareceram ao longe. Mais altos. Em maior quantidade.

- Merda – disse. – Vamos logo então.

Gawrghonite suspirou e caminhou para a frente do grupo, como se aquilo já fosse a coisa mais natural do mundo. Manara tomou seu lugar ao lado dele. Não havia muito o que pudesse fazer com tão pouca energia mística, mas ao agir com segurança pelo menos encorajaria os demais.

Então um estrondo se espalhou às suas costas. Ela girou nos calcanhares e viu que o telhado onde Cão estivera acabara de desmoronar. Correu naquela direção.

- Cão. Cão!

Não houve resposta.

- CÃO.

- Pelo rabo dos deuses – ouviu, debaixo dos destroços. –

Estou preso.

Ela tentou erguer parte dos destroços, mas seria impossível sem feitiços. *Se eu salvá-lo, ficarei esgotada. E mesmo assim não sei se conseguirei.*

Cão gritou. Não um grito de dor, mas de medo.

- Socorro. Pelo amor dos deuses, socorro.

- Calma, nós vamos tir..

- SOCORRO, tem mortos-vivos aqui embaixo.

Então ela ouviu os gemidos abafados.

Trêmula, olhou na direção de Gawrghonite. Ao fundo os zumbis se aproximavam em uma horda de tamanho razoável.

- Gawrghonite – gritou. – Cão... – Não conseguiu terminar a frase.

O bárbaro olhou para ela, depois para os mortos-vivos e para ela mais uma vez. Baixou a arma e veio praguejando.

- Dará tempo? – disse ele, frio.

- Claro que dá, desgraçados – gritou Cão, debaixo dos destroços. – Tirem-me daqui.

Manara correu para a frente do grupo.

- Quem puder lutar fica comigo, o resto ajuda Gawrghonite.

Além dos gemidos furiosos, os mortos também faziam um estranho ruído molhado conforme caminhavam, como se suas tripas sacolejassem dentro dos corpos alquebrados.

- Rápido – pediu. – Eles estão vindo.

- Preciso de mais tempo – gritou Gawrghonite em resposta.

- Socorro. Pelo amor dos deuses – os berros de Cão tomavam os arredores.

Os mortos-vivos estavam quase com eles. Manara pegou um pedaço de pau do chão e se preparou para o combate. Dois homens do grupo fizeram o mesmo.

O som de madeira rachando tomou os ouvidos da feiticeira e então mais gemidos se seguiram. E vieram os gritos.

Atrás de Manara o grupo havia entrado em desespero. Mortos-vivos surgiram por entre os destroços e atacaram de surpresa.

Uma senhora de idade tombou. Três zumbis avançaram sobre seu corpo e cravaram os dentes na carne flácida enquanto ela ainda implorava por ajuda.

Nós vamos morrer.

Gawrghonite abandonou o socorro a Cão e saltou em meio aos mortos-vivos. Enquanto isso, ao lado de Manara, os dois homens com pedaços de madeira enfrentavam a primeira horda que finalmente os alcançara.

- Socorro – cão continuava a gritar.

Eles vão morrer. Todos vamos morrer. Não era hora para economizar feitiçaria.

Manara fechou os olhos e sussurrou palavras sombrias.

GAWRGHONITE

- Ir lá é suicídio.

- Não pra mim – respondeu Gawrghonite.

A mulher com a perna de pau tentava, a muito custo, acompanhar o ritmo do andar do bárbaro.

- Nós te salvamos uma vez, não vamos salvar de novo.

Gawrghonite interrompeu o caminhar e baixou a cabeça, para encará-la.

- Você salvou aos outros, não a mim. Não preciso ser salvo.

Quando a situação complicou nas ruas de Porto Marcaso o bárbaro pensou que testemunharia um massacre. As pessoas comuns que os acompanhavam não teriam chances. Cão morreria debaixo dos escombros e Manara, sem energia, provavelmente cairia também. *Mas eu não*. Ele sabia que seria o sobrevivente, aquele a ficar de pé depois que o sangue escorresse.

Por um capricho do destino não foi assim.

Manara causou uma explosão mística que destróçou mortos-vivos e arremessou outros a metros de distância. Então desmaiou.

Apesar do esforço da feiticeira, Gawrghonite sabia que aquilo não seria o suficiente.

Mas de repente surgiram as flechas.

Uma passagem se abriu e mulheres socorreram o grupo. A mulher com a perna de pau era a líder, e também uma feiticeira, como Manara.

Pelo que Gawrghonite pôde notar, aquele bando de mulheres embrutecidas era o que havia restado da resistência de Porto Marcaso. Viviam em pequenas áreas barricadas, limpas de atividade morta-viva, contentando-se com as sobras do que fora sua cidade. Saíam muito pouco, apenas para procurar por suprimentos, e demonstravam um pavor horrendo da simples ideia de tudo o que existia além de seus muros improvisados e passagens ocultas.

- Manara parece melhor. Ela debaterá com você – disse o bárbaro para a mulher com a perna de pau. – Eu não sou muito de conversa.

- Você poderia nos ajudar.

- Tem um monte de gente aí pra te ajudar.

Na verdade não era um monte de gente. Do grupo que partiu do acampamento de Artur, menos da metade sobreviveu à viagem, mas estes pareciam mais do que contentes em passar o resto da vida se esgueirando por corredores improvisados, cantos escuros e portas secretas.

- Venha comigo – disse Gawrghonite, virando-se na direção de Cão.

- Olha, eu prefiro ficar por aqui. Minhas pernas ainda doem

...

- Venha.

Cão mancou em sua direção.

- Retornaremos em algumas horas – finalizou o bárbaro, seguindo em direção a uma das portas ocultas.

- O que você quer aqui? – perguntou Cão. – Vamos voltar. Estou assustado.

O ladino devia estar traumatizado com a queda do telhado, pois o número de mortos-vivos encontrados pelo caminho nem tinha sido tão grande. Gawrghonite lidara com eles quase sem suar.

Bando de covardes, pensou, lembrando do medo da mulher com a perna de pau e comparando-a com as mulheres da própria tribo. *Eu as verei novamente. Em breve.*

- Preciso checar os barcos – disse.

A área portuária mostrava-se bastante danificada. Incêndios castigaram os galpões próximos e muitos corpos boiavam na água. Alguns destes, presos a destroços flutuantes, tinham voltado à vida como monstros.

Gawrghonite riu.

- Eles ficam inchados.

Cão não pareceu achar graça.

Dezenas de embarcações estavam à vista. Muitas delas fora da água, em reparos. Gawrghonite caminhou entre elas, relembrando dos sonhos que teve enquanto lutava com a febre. *Os dragões me chamaram.* Se antes havia alguma dúvida do que fazer, agora não restava sombra dela. Porto Marcaso caiu, o que significava que a praga tinha se espalhado para outros pontos também, talvez para o mundo todo.

Ou quase todo. A ilha me aguarda.

Restos de naus brotavam da água do mar, destruídas por manobras imprecisas de capitães desesperados. Abaixo do nível das águas devia haver ainda mais embarcações.

- Gawrghonite – disse Cão. – Mortos.

Um pequeno grupo aparecia muito ao longe, cambaleando na direção em que se encontravam. Gawrghonite deu de ombros e avançou por um comprido cais, Cão o seguiu.

- Aquele ali parece bom.

Apontou para um barco de madeira escura e velas recolhidas. Não era grande demais, mas também não muito pequeno. Uma figura sombria enfeitava sua proa, uma mulher com seios fartos, mas com

cara de dragão.

Perfeito.

O bárbaro saltou para dentro da embarcação. Sinais de luta, mas nada muito destruído. Redes de pesca. Porão de boa capacidade. *Com um pouco de esforço talvez eu possa manobrá-lo.* Muitos anos se passaram desde que ele se aventurara com mercenários navais e coisas importantes foram esquecidas, mas ele tinha seus instintos para guiá-lo.

Um baque surdo soou na frente da embarcação. Cão subindo à bordo.

- Está pensando em partir para o mar?

Gawrghonite fez que sim com a cabeça.

- Grande ideia – disse Cão, olhando ao redor como se entendesse alguma coisa de navegação marítima. – Podemos pegar quatro ou cinco fêmeas, as mais voluptuosas, para nos ajudar no dia a dia. A pesca nos manterá. A maior preocupação seria água doce. É possível viver bem assim.

O bárbaro andou pelo convés, criando na mente uma série de tarefas e reformas para tornar a empreitada possível. Precisaria de cordas, de um pequenino barco auxiliar, mapas estelares. Precisaria lembrar como usá-los também. E precisaria de um estoque inicial de comida.

Atrás dele, Cão explorava, animado. O velho abria portas e balançava os braços enquanto falava seus planos para o futuro.

O som de água esparramada, como se muitas pedras caíssem no mar, atraiu Gawrghonite até a beirada do barco. Os mortos-vivos, tendo percorrido todo o cais, atiravam-se estupidamente ao mar, numa tentativa inútil de alcançá-los.

- Eu disse, grande ideia – insistiu Cão.

Sorridente, o ladino entrou na cabine de comando e saiu lá de dentro com o chapéu do capitão na cabeça.

- Que tal? – perguntou.

Ficava ridículo. Talvez não existissem duas coisas no mundo que combinassem menos. Gawrghonite começou a rir. Cão também riu, antes de subitamente ser atingido por algo.

- Ah... socorro – gritou.

Um morto-vivo atacou o velho pelas costas e permanecia agarrado a ele, tentando mordê-lo. As mãos magras de Cão seguravam o mostro pelo pescoço, pela carne podre que já se desprendia. Os resmungos de fúria e fome correram pelo convés da embarcação.

Gawrghonite não usou a espada. Prendeu bem a mão em torno do cinto de couro usado pelo morto-vivo e, em um único movimento, atirou-o para o mar. Cão recuou alguns metros com as mãos e jogou o chapéu de capitão para longe, como se a vestimenta

fosse a responsável pelo seu azar.

Gawrghonite caminhou lentamente até ele e se abaixou, para ficar na mesma altura do velho.

- Por que eu levaria você comigo? – perguntou.

- Ei, nós somos parceiros – disse Cão, ainda trêmulo.

Gawrghonite manteve o olhar fixo, sem nada dizer.

- Posso ajudar, sou útil no mar – continuou o ladino.

- Não acho que seja.

Cão se levantou, com uma expressão séria.

- Eu sou útil no mar. E você não irá sem mim.

- Quer apostar?

Então o velho ergueu a manga da camisa e mostrou a pele para o bárbaro. Uma marca se destacava, a cicatriz de uma queimadura a ferro, um grande e inconfundível P.

Cão já tinha sido um pirata.

29.

VALENTIN

Preciso chegar. Manara, preciso chegar.

Valentin cambaleava pela estrada o mais rápido que podia. Com uma mão ainda segurava firme a fâca de Yorak e com a outra apertava o ferimento no pescoço.

A noite caíra, mas a lua alta permitia-lhe enxergar o caminho. Contudo, manchas embaçadas surgiam em sua visão e um ardor começava a tornar difícil manter os olhos abertos.

Valentin tombou.

A perna direita simplesmente não respondera ao comando de seu cérebro. Um novo tipo de frio a congelara.

Com dificuldade, o guerreiro se ergueu e continuou caminho, mancando, apoiando todo seu peso na outra perna.

Enquanto avançava, Valentin tentava entender o que tinha lhe acontecido. Yorak o atacou como um dos mortos-vivos, tentou devorá-lo. Só depois de ter a cabeça perfurada pela adaga foi que finalmente tombou. *Mas o homem falava, pensava como uma pessoa normal, como isso é possível?*

O estranho frio da perna subiu e tomou conta do estômago,

ocasionando enjoo. Valentin caiu de novo e, na hora que seu corpo chocou-se contra o solo, acabou expelindo uma imensa quantidade de líquido rubro. Os jatos saíam com força, empoçando o chão e fazendo um fedor pútrido tomar o ar. Vomitou pelo que pareceram horas e, quando finalmente se reergueu, sentia-se fraco como nunca estivera.

Ainda assim avançou.

Sentiu o frio envolver os pulmões, como um abraço de gelo. Puxar o ar tornou-se uma tarefa quase impossível, exigindo concentração e esforço tremendos.

Ainda assim avançou.

A perna esquerda, já sobrecarregada, ardia como se um sol queimasse dentro de sua carne. A cada passo os tremores ficavam mais fortes. A cada passo a distância que conseguia percorrer era menor.

Então o ardor foi substituído pelo frio.

Não, deuses, não.

Quando Valentin caiu, dessa vez não foi capaz de se erguer. Continuou adiante se arrastando. Pensou em desistir, mas identificou a chama de uma tocha a frente e por isso ergueu um braço o mais alto que podia e acenou.

A chama veio em sua direção.

Exausto, com dores excruciantes e mal conseguindo respirar, ele finalmente se permitiu tombar. Rolou sobre o corpo e ficou de

fente para o céu estrelado.

Continuava igual.

Apesar da morte de homens e deuses, apesar da morte da vida, o céu continuava igual.

- Ainda está vivo? – ouviu alguém dizer.

- Sim, mas não vai durar muito.

Um homem pequenino, de cabeça raspada, se debruçou sobre ele e avaliou seu estado. Sua expressão não foi animadora.

Valentin tentou falar, mas a garganta já não obedecia. Tudo o que conseguia fazer era, muito lentamente, puxar o pouco ar que os pulmões armazenavam.

Mais duas figuras surgiram ao seu redor, um homem de ombros largos e um elfo.

A mente de Valentin viajou até Manara. A feiticeira estava esperando por ele. Até mesmo naquele momento criticou a si mesmo, lutou com a própria moral. Não deveria ele elevar seus pensamentos aos valores de sua ordem? Não deveria refletir sobre Angelus e tudo o que o deus representava?

- Carrega algo de útil? – disse o homem de ombros largos.

Os olhos do homem pequenino se moveram velozes.

- A armadura tem peças que podemos adaptar – disse ele. – O

pobre diabo também carrega uma espada que parece bem forjada. Note nos detalhes da empunhadura.

- Eu fico com a espada – respondeu o outro.

A espada foi um presente de seu pai. Uma das poucas coisas que ele lhe deu quando o guerreiro finalmente recebeu a capa da Fraternidade. *Nisso aqui você poderá confiar. Ao menos nisso.*

O que será que o pai diria se o visse naquela situação? O repreenderia por ter escolhido o caminho das virtudes? Por ter escolhido o caminho errado?

- Nenhuma comida ou item de utilidade – continuou o pequenino. – A roupa não é lá grande coisa, mas a capa é grossa, pode ser útil.

Valentin tentou protestar, mas a voz havia morrido. Forçou os olhos a se arregalarem, mas mesmo eles desobedeciam.

- Deixe a capa onde está – interrompeu o elfo. – Ninguém toca na capa.

Os outros não discutiram.

O serviço foi feito com velocidade. Afinal, não era seguro ficar parado muito tempo no mesmo lugar, ainda mais com aquela tocha. A espada foi retirada de suas costas e as peças de armadura com encaixes e fivelas sumiram dentro das mochilas do grupo. Ninguém tocou na capa, contudo.

O homem pequenino e o de ombros largos terminaram o serviço e então se afastaram. O elfo se aproximou e se ajoelhou ao lado.

- Sinto muito – disse ele. – Mas você não vai precisar dessas coisas agora.

A dor aumentava. O congelamento tomava conta de cada parte de seu corpo. Valentin queria gritar, queria chorar, mas não podia.

- Não deixarei que tomem sua capa – continuou o elfo. - E vou enterrá-lo, como é a tradição da Fraternidade.

Valentin sentiu verdadeira gratidão pelo elfo. Receber um ritual fúnebre, mesmo que improvisado, era muito mais do que podia esperar, ainda mais ali, sob risco de um ataque de mortos-vivos.

- Pode pensar no seu deus, se você quiser.

Valentin teria fechado os olhos. Concentrou-se o melhor que podia diante de tanta dor e pintou a figura alada de Angelus em sua mente. Tentou visualizar a luz para onde diziam que ele iria quando morto, mas ela logo apagou. Trevas era tudo o que havia. Sombras pesadas, frias, quase palpáveis.

Estou sozinho, pensou.

Mas então as sombras começaram a dançar e uma figura surgiu do meio delas. As trevas se tornaram cabelos, olhos e manto.

Manara apareceu para ele.

O elfo se ergueu e desembainhou uma espada fina e longa.

- Fique em paz – disse.

A imagem de Manara derramou uma lágrima.

A ponta da espada perfurou sua garganta.

Não houve luz.

As trevas o tomaram.

30.

MANARA

Manara acordou subitamente no meio da noite, puxando o ar como se estivesse privada dele há séculos. Uma agonia apertava seu coração e, assim que abriu os olhos, as lágrimas inundaram o rosto.

- Shhh, calma, calma – disse uma mulher de negro ao seu lado. – Você está bem.

Mas ela não estava bem. Na verdade nunca estivera tão mal. Que sentimento era aquele que a fazia se sentir pequena dentro de si mesma? Aquela profunda dor no peito, como se uma parte da alma tivesse sido roubada?

- Valentin – sussurrou.

Ela sonhou com ele. Não um sonho comum, mas um sonho recheado de simbolismos no qual ela sabia estar a verdade. Viu o guerreiro caindo em um abismo de trevas, mas não as trevas com as quais ela se acostumara.

As trevas de Valentin eram sólidas, implacáveis. Não traziam nada. Nem conhecimento, nem conforto, nem descanso. Nada.

- Ele morreu.

Vertia uma cachoeira de lágrimas. Os lábios tremiam

incontrolavelmente, bem como as mãos.

A mulher de negro a puxou para o colo e acariciou seus cabelos.

- Tudo vai ficar bem. Já passou, já passou.

O que passou? O que acabou de morrer aqui dentro?, pensou Manara. Sua mente tão fria e rápida estava confusa, incapaz de entender onde estava e o que tinha acontecido. Também não se importava. *Valentin morreu. Não. Foi algo pior que a morte.*

Pela primeira vez na vida não conteve a estranha sensação da fraqueza emocional. Entregou-se a um choro ainda mais dolorido. Encharcou o manto negro da mulher com suas lágrimas e saliva. Somente após muitos minutos foi que seu corpo relaxou e ela pôde concluir o que acabara de ocorrer.

Meu coração está partido.

Manara amaldiçoou a si mesma. Como foi se deixar cativar por um rapaz tão imbecil? Pior. Como, depois de cativada, permitiu que ele morresse? Ainda fraca de todo o pranto, fez uma promessa.

Nunca mais.

Desfez-se do abraço da mulher de negro e limpou o rosto.

- Quem é você? – perguntou friamente.

- Você precisa descansar – disse a mulher. – Está esgotada

pelo uso da feitiçaria e parece que há dias vem abusando de sua energia. Haverá tempo para resposta depois.

Manara se ergueu. Ela não voltaria a dormir, não tinha a menor vontade de dormir... ou sonhar.

- Quem é você.

A mulher suspirou e também se levantou. Uma de suas pernas era de madeira.

- Sou Marys, uma filha de Asfódelos como você.

Manara ergueu uma sobrancelha. Afóra o manto negro, que agora era pouco mais do que um trapo, a mulher não lhe parecia como uma feiticeira de sua linhagem.

- Bem – Marys continuou -, não sou exatamente como você. Nunca fui muito talentosa.

Manara olhou ao redor. Pessoas de seu próprio grupo dividiam um alojamento improvisado e escuro com mulheres de várias idades. Água e comida estavam estocadas em um canto. O que mais lhe chamou a atenção, contudo, foi a existência de uma certa decoração doméstica no lugar; ao menos a tentativa de uma decoração doméstica.

- Você me parece com os talentos certos – disse. – Onde está Gawrghonite?

- O grandalhão? Eu tentei impedi-lo, mas ele insistiu em ir até os portos e levou o velho desagradável com ele. Devem estar

mortos.

- Não estão.

Então Cão sobreviveu, concluiu. E Gawrghonite deve desejar partir daqui através do mar.

Ela não podia repreender o bárbaro. Ele nunca disse que permaneceriam como um grupo após Porto Marcaso. E bem, já que Porto Marcaso também havia caído, ele não tinha motivos para ficar. *Essas pessoas não significam nada para ele. Seus valores tribais o fazem vê-las como meros estorvos.* Gawrghonite faria o que acreditava que nasceu para fazer: ser o mais forte.

Eu também devo cumprir o meu papel.

- Não dormirei – disse Manara. – Conte-me tudo o que sabe.

Pelas horas que antecederam o amanhecer as duas filhas de Asfódelos conversaram. Marys relatou a queda de Porto Marcaso bem como de suas feiticeiras irmãs.

- Escapei pois estava limpando os artefatos. As outras faziam um ritual quando a nossa matter enlouqueceu.

Manara adivinhou o resto.

A conversa continuou com Marys descrevendo o caos generalizado na cidade, a tentativa de resistência e a diminuição gradual dos sobreviventes. Até que apenas aquelas mulheres restaram.

- Tive que assumir a liderança – disse Marys. – Tentamos manter um perímetro seguro nessa parte da cidade, mas o preço é alto.

Manara espiou a perna de pau da mulher.

- Alguma notícia de outras partes do Reino ou das Cidades Burguesas?

- Muito pouco, mais boatos do que qualquer informação confiável. – Marys baixou os olhos. Seus ombros subiram e desceram numa respiração profunda antes que ela continuasse: - Mas antes de a situação piorar, irmãos de outros pontos conseguiram transmitir conhecimento.

- Continue.

- A praga se espalhou por toda Romeryon. Não há mais Reino, nem cidades independentes. Nem mesmo temos uma linhagem mais.

A mente de Manara voltou a se transformar em gelo. As engrenagens de seu cérebro complexo operavam em capacidade máxima, traçando planos e fazendo conexões.

- Fale sobre os boatos.

Ela falou sobre o necromante. Ao que parecia, um homem havia dominado as esquecidas e proibidas artes da feitiçaria dos mortos e criado um feudo de terror para si mesmo.

- Dizem que ele tem acordo com os mortos-vivos, que oferece

carne humana em troca de poder.

Um necromante? A história não é de todo absurda. Se existe algum conhecimento que pode jogar luz sobre a praga que devasta Romeryon é a necromancia. E para dominar a necromancia é preciso uma mente aguçada.

- Onde ele está? – perguntou Manara.

- Em algum lugar da região dos lagos. Chamam seu feudo de Necrópole.

Manara caminhou até a pilha de mantimentos e começou a separar certas coisas. Não podia ficar parada. Não podia se permitir perder o propósito.

- O que está fazendo? – disse Marys.

- Vou atrás dele.

- Mas é só um boato. Além disso, eu preciso de sua ajuda aqui.

Manara não parou seu trabalho. A emoção não podia mais movê-la, apenas a lógica.

- Você é a líder desse grupo. Eu tenho outro papel.

- E quanto a seus amigos?

Gawrghonite. Devo aguardá-lo? Não. Ele apenas se irritaria com a minha fraqueza.

- Não são meus amigos – disse.

Marys não respondeu. Manteve-se ali ao lado, de pé, silenciosa, como se procurasse algum argumento capaz de convencer Manara.

Ela não encontraria nem em um milhão de anos.

- Vou atrás do conhecimento.

É tudo o que me resta.

– Se eu aprender o suficiente sobre necromancia, talvez possa lutar contra esse mal.

A imagem de Valentin voltou a invadir seus pensamentos. Manara não a excluiu, não lutou contra ela. Ao invés disso, a transferiu para um canto escuro da mente onde a guardaria até o momento certo.

E com conhecimento sobre necromancia poderei ressuscitar os mortos.

31.

GAWRGHONITE

- Ela avisou que você não morreria.

- Onde ela está? – perguntou Gawrghonite, se sentando em um banco tosco de madeira.

O bárbaro estava coberto de suor, sangue e pedaços de tripas.

O caminho do porto até o esconderijo barricado da mulher com a perna de pau não foi fácil e por mais de uma vez ele precisou recuar. Ficou grato de ninguém ter testemunhado, já que Cão permanecia na embarcação. Mas ele sabia da verdade, e a verdade o incomodava.

Eu odeio esse mortos desgraçados.

- Manara partiu cedo, logo que o sol nasceu.

Gawrghonite permaneceu imóvel. Ele não refletia sobre as informações, apenas as absorvia.

Manara era o primeiro assunto que tinha para tratar. Um assunto resolvido. O outro assunto era mais delicado e o incomodava. Ele não era bom com pessoas, a não ser que fosse para matá-las. Nisso ele era bom.

- Você está ferido – disse a mulher com a perna de pau.

- Não é nada.

Algumas mordias e arranhões, nada que ele já não tivesse enfrentado antes.

- Ela disse alguma coisa antes de ir? – perguntou, voltando ao assunto “Manara” para evitar pensar muito no outro assunto.

- Não. Simplesmente foi embora, me deixando responsável pelos sobreviventes do grupo de vocês.

Gawrghonite resmungou.

Estranhou o comportamento da feiticeira. Poderia jurar que ela aguardaria por Valentin ali, até mesmo por muito tempo, se fosse necessário. *Pensei que eu seria o primeiro a deixar o grupo. Acabo sendo o último.* No fundo ele aprovava a partida de Manara. Seus instintos o avisaram que Valentin não voltaria e, sem ele, por que a mulher ficaria ali, junto daquele povo alquebrado que se escondia em casas fêdidas e rastejava por corredores apertados? Em silêncio ele lhe desejou uma boa jornada.

- Eu também partirei – disse.

- Você parece um bom guerreiro, poderia nos ser útil. Ajudar de verdade.

Pro inferno com a ajuda. Não compartilharei território com essas bestas cadáveres por nem mais um dia. Dragões me esperam.

- Cão vai comigo.

A mulher deu de ombros. Não emitiu uma palavra sequer, mas manteve o olhar fixo, intenso, como se a alma do bárbaro fosse algo a se analisar, como um porco assado no banquete de um rei.

- O que é? – ele disse.

- O que você quer?

- Como assim?

- Você estava nos portos – disse ela. – Se fez todo o caminho de volta, foi para ver Manara. Eu já disse que ela partiu, mas você continua aqui, o que significa que quer mais alguma coisa.

Gawrghonite coçou o queixo quadrado. Não se sentia confortável em prejudicar a mulher que ajudara seu grupo, mas o mundo é dos fortes.

- Levarei algumas pessoas comigo – disse. – E suprimentos.

- Não.

Ele se levantou, quase alcançando o teto da pequena construção amarronzada em que se encontravam.

- Como assim, *não*?

- Eu preciso de mais pessoas aqui. Para limpar a área, para procurar por abrigos melhores nas redondezas, para escalar os telhados.

- Não vim pedir sua permissão – disse Gawrghonite, caminhando para a estreita área externa. – Vim avisar e levar quem quiser me acompanhar.

Os passos irregulares da mulher o seguiram. Ela parou na porta e fez sinal para que ele entrasse novamente.

- É proibido fazer barulho aqui fora – disse. – Os mortos podem estar ouvindo.

Gawrghonite quase discutiu, mas passara a noite toda trabalhando e matando zumbis. Mesmo ele estava cansado demais para aquilo.

- Escute – ela continuou. – Não vou simplesmente entregar essas pessoas a você. Pode ser que nenhuma queira sua companhia, para início de conversa.

Gawrghonite franziu o cenho e abriu a boca para falar, mas a mulher levantou um dedo em riste, impedindo-o. *Pelos diabos, será que toda feiticeira é assim? Ou Manara a instruiu sobre como agir comigo?*

- Contudo, se alguém quiser partir com vocês, tenho uma proposta – disse a mulher.

- Continue.

- Existe um velho galpão aqui perto, um espaço perfeito para um novo abrigo. É amplo, bem localizado e de rocha sólida. Se

tomaria uma casa segura com poucas reformas. Mas está infestado por mortos-vivos, e você parece levar jeito com eles.

Gawrghonite já sabia o que ela iria pedir. A mulher desejava que ele fizesse uma limpeza no tal galpão em troca dos suprimentos e das pessoas que aceitassem acompanhá-lo mar adentro.

A proposta era justa.

Pode me tomar muito tempo, no entanto. Seria mais fácil esbofetear essa aleijada, ameaçar um ou dois dos medrosos de braços magros e partir agora mesmo.

Gawrghonite olhou em volta, para duas mulheres que trabalhavam concentradas nos reparos da barricada. Mais ao longe, através do umbral da porta, via um rapaz recolhendo dejetos em um saco de pano. Aquelas eram pessoas quebradas, vazias, quase tão mortas quanto os monstros do lado de fora, mas ali tentavam sobreviver de forma minimamente decente.

Sobrevivem como covardes, mas como será que eu viveria se tivesse nascido fraco desse jeito?

- Fale-me sobre o galpão.

- Não vai ser fácil – disse a mulher. – Há uma chance real de você morrer.

Gawrghonite sorriu.

Então seria o galpão.

32.

O MORTO

Ele abriu os olhos e só havia trevas. As mesmas trevas que ele tanto temia. As trevas contra as quais ele lutou e onde até agora estava mergulhado. Ao abrir os olhos ele teria aceitado ver qualquer coisa, menos aquelas trevas.

Os olhos ardiam como se tivessem sido mergulhados em areia. Ele piscou algumas vezes para tentar melhorar a situação, mas a ardência continuava forte como antes.

- Pelos deuses, onde estou? – a voz saiu num sussurro meio gorgolejante e um líquido gelado escorreu pela garganta. Ele quase não reconheceu sua própria voz. O som tinha mudado, a gravidade, o timbre. Aquela era uma voz sinistra, velha. A voz da morte.

O que fizeram comigo?

Ele não era burro, suspeitava do que havia acontecido. No entanto, o menor pensamento naquele sentido era o suficiente para desesperá-lo e, por isso, como um covarde, ele ordenou que a mente vagasse em outra direção.

A mente não obedeceu.

Por favor, não. Qualquer coisa, menos isso. Por favor.

Tentou se mexer, mas percebeu que estava imobilizado. Um grande peso pressionava seu corpo, mas a sensação física era estranha, faca, abafada. Os sentidos pareciam entorpecidos e a pele captava poucos estímulos. Ele não sabia se estava quente ou frio, se o corpo apresentava ferimentos ou não. Tudo lhe soava pálido, desbotado, sem profundidade.

Gritou por ajuda e ouviu aquela mesma voz estranha, o sussurro sinistro que, ele sabia, jamais atingiria os ouvidos de alguém. Mesmo assim gritou. Gritou até a pouca voz que possuía finalmente desaparecer e deixar apenas uma dor arranhada no lugar.

O desespero aumentou a ponto de enlouquecê-lo e então ele começou a se agitar. Sacudia o corpo com violência, forçava os braços para os lados e o abdômen se contraía incansavelmente. Ouviu o som de tecido se rasgando e então algo úmido se derramou pelo seu corpo e rosto. Ele reconhecia o cheiro. Terra.

Horas se passaram. Horas se contorcendo na terra molhada, sentindo vermes e baratas passearem sob a pele. Muitas vezes ele chorou, embora lágrima nenhuma escorresse. Ele continuou cavando, continuou rastejando para cima até sentir a mão cansada brotar do solo e ser beijada pelo vento forte. Chovia acima da terra.

Ele puxou o resto do corpo. Não foi fácil. Espremeu-se para fora do solo negro como uma criança deixando um ventre sombrio para um mundo ainda mais sombrio. Não havia luz por perto, nada além da lua azulada e brilhante.

Deixou o corpo desabar sobre a terra e a chuva limpá-lo do barro. Puxava o ar em grandes golfadas, mas logo notou que aquilo era desnecessário. Seus pulmões não mais lhe exigiam que respirasse.

Isso é impossível. Eu estou sonhando, tendo um pesadelo – disse a si mesmo.

Rolou na terra e procurou por algo ao redor, qualquer coisa serviria. Encontrou pedras empilhadas. Na maior delas conseguiu ver, mesmo com a pouca iluminação da noite chuvosa, um desenho feito a lâmina: um círculo com uma cruz dentro.

- Não! – gritou, atirando a pedra longe. – Não, não, não...

Ele levou as mãos aos olhos. Pensou em rezar, mas nenhum deus lhe ouviria. Era uma abominação, uma afronta, a escuridão personificada.

Ele estava sozinho.

Ele estava morto.

Valentin, por instinto, levou a mão ao cabo da espada, mas não encontrou nada. Lembrou-se que a arma tinha sido levada pelos homens que o encontraram às portas da morte.

E o que eu faria com a espada?, pensou. *Nenhum inimigo aqui para ser morto. O inimigo já está morto. O inimigo sou eu.*

Poderia acabar com a própria vida, esmagar o próprio crânio

de forma tão brutal que nem aquela praga negra o traria de volta. Olhou para as pedras que formavam sua sepultura.

Levantou-se. Estava à beira da estrada. A chuva o encharcava, mas ele mal podia senti-la. O cabelo se transformara em uma casca dura de barro e sujeira, as juntas do corpo ardiavam e cada movimento era feito como se estivesse amarrado a algo. A capa branca continuava sobre seus ombros, como o elfo prometera.

A capa não é mais branca, reparou. Manchas marrons a cobriam praticamente toda e a água da chuva pouco fazia para melhorar a situação. Valentin não sentiu nenhuma vontade de limpar a capa.

Eu não posso viver assim. Sentiu como se tudo o que um dia acreditou fosse uma mentira. Não havia luz após a morte, não havia paz nem dignidade nem glória. Só o vazio. *Como pudemos estar tão errados?*

O rosto do pai lhe veio à cabeça, as palavras desencorajadoras que dissera quando o filho decidiu qual caminho trilharia.

Desgraçado. Você estava certo, seu desgraçado.

Valentin foi até as pedras. Separou duas delas: a maior, que havia arremessado em fúria, e a mais chata. Deitou no chão e pousou a cabeça sobre a pedra chata. Viu a chuva caindo na noite enluarada. Com os braços lerdos e doloridos, ergueu a outra pedra sobre si.

Se ainda vivesse, provavelmente os braços e mãos tremeriam incontrolavelmente, mas não estava vivo e por isso nenhum tremor lhe

acometia.

Estava prestes a encerrar a própria jornada, a cometer o maior pecado contra a Fraternidade Branca. Ele iria interferir nos fios do destino.

Pensou em Artur e em sua fé até o fim. O velho não foi como ele. Mesmo diante da terrível situação, se mostrou crédulo aos preceitos da ordem. *Mas como ele pôde acreditar? Como um deus permitiria uma aberração como eu?* Mortos-vivos animados por magia Valentin até entendia, mas cadáveres pensantes, donos de todas as faculdades mentais, semelhantes aos seres sagrados do universo? Não. Era a prova que os deuses não existiam. Nunca tinham existido.

- Desculpe, pai.

Fechou os olhos. Esticou os braços, levantando a pedra o mais alto que podia. Teria que puxá-la sem hesitação, com toda sua força.

O pai continuava atormentando as lembranças. Conselhos, reprovações, mas também algo a mais.

Valentin urrou e atirou a pedra para o lado.

Prove que estou errado, dissera o pai na última vez que se viram.

E Valentin ainda provaria. Mesmo morto, poderia mostrar que os princípios heroicos não eram idiotices; se não aos deuses, pelo

menos à memória do pai.

Sentou-se na lama. Centenas de poças d'água se espalhavam pela estrada, com círculos infinitos se formando em seus interiores, causados pelas gotas de chuva.

Não cometerei suicídio, pensou. Descobrirei mais sobre a praga, mais sobre mim mesmo, e então darei fim a toda essa loucura.

Levantou-se. Tinha a estrada e Porto Marcaso a frente. E Manara.

Imagens do beijo de despedida lhe ocorreram.

A garota era uma feiticeira, uma feiticeira talentosa, poderia ajudá-lo em sua busca. *Mas não quero que ela me veja assim.*

Yorak, o morto que o atacou, falou algo sobre a região dos lagos.

É um golpe no escuro, mas a única pista que tenho.

Valentin puxou a capa amarronzada sobre o corpo, cobrindo-se o melhor que podia, e partiu. Um espectro na noite chuvosa.

33.

MANARA

Com a adaga em mãos ela entrou nos restos da vila, deslizando de uma sombra para outra. Sua respiração criava uma fumaça branca no ar gelado da manhã. Não vestia mais as roupas negras, mas um manto esfarrapado cinzento sobre vestes de uma aldeã comum.

Asfodelos só existia em sua mente agora, não era necessário nem prudente chamar a atenção de sobreviventes que por ventura viesse a encontrar. Em um mundo de caos, os mortos não eram os únicos perigos.

Encostada junto ao muro de uma casa parcialmente destruída, ela perscrutou os arredores com calma e frieza. Ouviu o som dos mortos-vivos, mas não avistou nenhum.

A vila em que se encontrava parecia deserta, com as construções simples bastante danificadas. Ruelas de terra exibiam cadáveres de animais e de pessoas já em avançado estado de putrefação.

Correu para a próxima casa, aguçou os ouvidos e então entrou.

Mesmo usando de feitiçaria para aumentar sua resistência e força, Manara estava cansada. Tinha percorrido uma grande distância

nos últimos dias e, apesar de viajar sozinha e de forma furtiva, não conseguiu evitar alguns combates com zumbis errantes. Ela ajeitou um banco caído e se sentou. Esboçou um sorriso ao sentir o formigamento nas pernas.

Eu estava mesmo precisando de um descanso.

Puxou o saco de lona que carregava e de lá pegou o queijo embolorado e o cantil. Comeu tudo sem ligar para as manchas verdes do alimento.

A jornada já durava quase uma semana. Ela adentrou a região dos lagos na noite anterior, mas até agora não havia encontrado nenhum vestígio de grupos organizados, apenas destruição, mortos-vivos e restos de pessoas devoradas. *Será que deixei algo escapar? Mas Marys falou sobre uma Necrópole, uma vila de mortos. O que quer que isso signifique, não pode ser tão pequeno a ponto de passar despercebido.*

Manara tomou um longo gole de seu cantil e até se permitiu o luxo de desperdiçar um pouco da água para molhar os cabelos negros.

Preciso ficar mais atenta às pistas, pensou. Não posso perder mais tempo.

Manara esticou as pernas e esperou até a dor nas solas dos pés ir embora. Juntou as mãos à frente do corpo e, com os dedos, fez um desenho no ar. Sussurrou mais um feitiço.

Imediatamente os sons ao redor se expandiram e a visão foi tomada por explosões cromáticas que dançavam conforme os diferentes ruídos.

Manara foi até a porta quebrada da casa, a abriu e se prostrou ali, imóvel, toda ela voltada à percepção de seus órgãos sensoriais, agora expandida pela feitiçaria.

Ouviu o zumbido de moscas obesas, agitadas com tanta refeição. *Explosões verde-escuras.*

Um corvo bateu asas sobre um telhado desconhecido, a trinta metros dali. *Roxo.*

Um morto-vivo cambaleava em busca de comida. Seus gemidos continham, além da fome eterna, uma fúria incompreensível. *Preto.*

Então explosões amarelas tomaram a vista, seguidas de manchas vermelhas. Gargalhadas. Gargalhadas acompanhadas de um choro desesperado.

A feiticeira recolheu suas coisa e correu na direção daquele som. A magia não tinha uma duração longa então era importante chegar ao local o mais depressa possível.

Ouviu as gargalhadas novamente. Pareciam pertencer a mais de uma pessoa. A mais de um homem. Eram homens rindo.

O choro continuava e agora se mesclava a mais alguma coisa.

Gemidos.

Manara correu de trás de uma cabana de madeira para uma carroça de feno. Agachou junto à grande roda e ficou ali, escondida. Os sons estavam perto.

- Ela está excitada – disse uma voz. – Aposto que nunca trepou com um desses antes.

Gargalhadas.

- Não, por favor – pedia uma mulher, entre soluços.

Manara se manteve estática, tentando controlar a respiração e não emitir barulho algum.

Uma mulher surgiu de trás de escombros. Usava um vestido rosa, rasgado, bastante decotado nos seios e sujo de terra. Ela corria olhando para trás, mas tropeçou e caiu, gerando novas gargalhadas.

- Por favor, eu faço o que vocês quiserem, só me levem com vocês.

Dois homens apareceram de onde ela tinha vindo. Usavam peças variadas de armadura e ambos portavam espadas. Um deles foi até a mulher e a ergueu pelos cabelos.

- Pra quê te levar com a gente? Já vimos tudo o que você podia fazer. Não é nada demais.

Ele a atirou na lama novamente.

- Lá vem o namorado dela – disse o outro, ocasionando mais das risadas sádicas.

Pelos deuses. Não acredito nisso.

Um morto-vivo enorme surgiu, trôpego, desengonçado, lento. Devia pesar quase duzentos quilos e era claro que caminhar lhe era uma tarefa complicada. A criatura estava nua, exibindo um pênis grande e arroxeadado que balançava no ritmo do caminhar.

- Veja, ele está no ponto – disse um dos homens.

Isso é doentio demais.

Manara teve o ímpeto de ajudar, avançar sobre homens e zumbi com sua feitiçaria. Poderia atacá-los de surpresa, atordoá-los com a onda de vácuo e então cortar suas garganta. Eles nem saberiam o que os atacou. *Mas e depois?* Sua racionalidade dizia que ela não devia se intrometer, que seria melhor guardar a energia para as dificuldades da jornada.

- Não. NÃO!

A mulher berrou mais alto quando os homens a empurraram para perto do morto-vivo.

Merda. Não posso permitir isso.

Manara desnudou o antebraço esquerdo e puxou a adaga. Faria um feitiço de sangue.

- Vocês prometeram – implorava a mulher. – Pelo amor dos deuses, vocês prometeram que me levariam para a Necrópole, por favor...

Manara interrompeu o feitiço. *Ela disse Necrópole. Esses homens sabem sobre o necromante. Posso segui-los.* Guardou a adaga.

A mulher continuava a chorar, mas já não tinha forças para se levantar. O vestido estava rasgado, o corpo coberto de lama. Uma saliva grossa escorria da boca trêmula.

O morto-vivo a alcançou. Desabou o corpanzil sobre ela, impossibilitando qualquer chance de fuga ou luta, e se preparou para a refeição.

Manara fechou os olhos.

Desculpe.

O som molhado de carne sendo dilacerada lhe alcançou, unido a gritos roucos de dor e pavor.

Por minutos a mulher gritou. Com toda a força no princípio, mas logo com menos ímpeto, até, enfim, se calar. O barulho das mordidas continuou. Dentes quebrados destroçando o alimento. E as gargalhadas. As gargalhadas estiveram lá o tempo todo.

Desculpe.

Manara sabia que uma hora precisaria abrir os olhos, mas adiaria o momento o máximo possível. Então ouviu uma nova voz.

- O que está fazendo aí?

Outro homem lhe apontava uma besta.

34.

GAWRGHONITE

- Bom trabalho – disse Gawrghonite, ao ver o resultado da pesca de Mima. – Separe alguns para comermos, o resto vai para o tanque.

A mulher balançou a cabeça e continuou o trabalho. Gum ajudava.

Ele não havia conseguido quatro esposas jovens e bonitas como Cão inicialmente desejou, mas ao menos aqueles dois que embarcaram com eles não eram completos inúteis.

Mima, madura e de mãos grandes, disse que o pai tinha sido um pescador e que, se era pra morrer, então preferia morrer no mar. Já Gum não gostava da ideia de viver escondido em ruínas. O homem até que sabia disparar um arco, mas era menos guerreiro do que imaginava.

Espero que mostrem valor quando for necessário, pensou o bárbaro. *Pois não custaram barato*. Gawrghonite abriu e fechou a mão esquerda várias vezes. A dor ainda estava lá.

Cão, ao leme, se transformava numa figura séria e compenetrada, o que se revelou uma bênção naqueles dias ao mar. Ele mantinha o curso indicado pelo bárbaro e não atormentava o resto da

tripulação.

- Vou para a cabine – disse Gawrghonite. – Avise quando contornarmos a península.

Cão fez uma saudação, levando dois dedos ao chapéu de capitão que ele voltara a usar.

Dentro da cabine tudo era mais escuro e a temperatura caía. Gawrghonite pegou a jarra simples de água sobre a mesa e tomou um longo gole. Sentou-se.

A mão latejava, fruto da mordida. Ele sabia que não havia ninguém a culpar além de si mesmo. Marys lhe dissera que limpar o armazém não seria fácil, mas ele estava confiante demais, seguro demais.

Idiota.

Assim que sentiu os dentes entrando em sua carne, Gawrghonite foi tomado por uma fúria bárbara que o fez transformar, com o próprio punho, o crânio do morto-vivo em uma pasta grudenta. Depois varreu o local em uma carnificina digna do deus da guerra.

Mas de que adiantava? A mão continuava a doer. Na verdade doía mais do que antes.

O bárbaro aproximou a mão ferida do rosto. Uma faixa escura a envolvia. Dali saía um cheiro azedo que causava náusea.

Ele removeu a faixa e analisou a situação. O dedo mínimo e

anelar estavam totalmente negros e inchados, bem como a parte mais macia da mão. *Não está cicatrizando.*

Com a outra mão ele apertou o negrume. O ferimento estava frio ao toque, mas a dor que vinha dele era viva e aguda. Pus brotava dos poros.

- Bosta.

Olhou na direção do pequeno braseiro que aprontara anteriormente. As brasas brilhavam alaranjadas, bem como a lâmina da adaga que ele deixara lá dentro.

Abriu e fechou a mão mais uma vez. Dor. Não poderia lutar direito daquele jeito, mas, sem os dedos, sua empunhadura também seria mais fraca.

Não enrole, ordenou a si mesmo. Você sabe o que precisa ser feito.

A dor seria excruciante. Ele deveria pedir ajuda a um dos outros, mas não queria alarmá-los. Também detestava pedir qualquer coisa a quem quer que fosse.

Foi até o braseiro e, usando a faixa fedida para não se queimar, pegou a adaga fumegante. Voltou à mesa e estendeu a mão ferida sobre o tampo de madeira.

- Bosta – disse mais uma vez.

Enfiou a ponta da adaga no meio da mão até sentir a ponta

sair do outro lado. A visão sumiu por um segundo e o braço todo parecia em chamas. Os músculos do braço e pescoço se comprimiram, apertando os colares e fitas artesanais que usava. Gawrghonite mordeu os lábios e, num movimento firme, decepou praticamente metade da mão. Sangue escuro correu, apesar da cauterização.

Passos se aproximaram da porta da cabine e ele baixou a mão imediatamente, escondendo-a embaixo da mesa.

- Gawrghonite – disse Gum, abrindo uma fresta na porta. – Precisamos de você.

O bárbaro ainda segurava a lâmina incandescente contra o corte, para que a queimadura impedisse qualquer chance de hemorragia. Seus olhos estavam arregalados e as narinas dilatadas.

Gum deu um passo atrás e baixou a cabeça.

- Precisamos de você – disse, gaguejante.

Gawrghonite afastou a adaga e mexeu a mão. Muita dor. Mas a dor era diferente, mais *normal*. Ergueu os olhos.

- Qual é o problema?

- Piratas à frente. Cão diz que podemos escapar se...

Gawrghonite se ergueu de súbito.

- Não desviaremos a rota.

Puxou a espada da bainha e testou a empunhadura. Diferente.

Pior. Mas ele era Gawrghonite. Mesmo em desvantagem, ainda não existia ninguém mais forte que ele.

Nem um segundo de paz, pensou. Mas paz, afinal, não serve aos guerreiros.

- Preparar para o combate.

O MORTO

Valentin avançou lentamente no princípio, ainda se acostumando ao novo corpo. Os tendões e músculos, endurecidos pela morte, se recusavam a funcionar como deviam e apenas após muito esforço foi que a nova forma de existir foi sendo absorvida até se tornar natural.

Existiam também vantagens.

Os pulmões estavam mortos e por isso não puxavam ar. Ar que não era mais necessário e, sendo assim, o guerreiro morto-vivo não perdia o fôlego. Os músculos não atingiam a exaustão, permitindo que ele caminhasse por longos trajetos sem jamais se cansar. Não precisava mais dormir. Não precisava mais defecar ou urinar. Não precisava mais comer. Ao menos não os alimentos tradicionais.

A fome estava lá. A fome pelo que era vivo. Não no estômago, não na carne, mas em algum lugar mais profundo, como se tivesse ocupado o lugar onde antes a alma esteve.

Valentin lutou contra a fome o máximo que aguentou, mas eventualmente sucumbiu. Devorara uma raposa magra com a qual cruzara por sorte. Comeu a carne crua, dilacerando o animal com os dentes e unhas. Comeu mais do que achou ser capaz e por pouco

tempo teve paz. Mas a fome voltou. Pior dessa vez.

Sua cabeça doía como se fosse esmagada por mãos gigantes.

Não consigo seguir assim. Preciso comer.

O dia amanhecia de forma melancólica, com uma névoa branca cobrindo o solo e um sol fraco nascendo no horizonte. Desde que morrera, tudo lhe parecia mais triste, com menos cor.

Seguindo pelos campos que levavam à região dos lagos, Valentin aguçou os ouvidos e a visão atrás de algum bicho ou cadáver, então ouviu.

- Socorro. Alguém me ajude.

Já tinha ouvido gritos semelhantes antes, normalmente próximos a vilas ou agrupamentos, mas sempre pareciam longe demais de seu caminho para que ele se importasse. Mas dessa vez era diferente. Dessa vez o grito vinha de logo após a colina. Apertou o passo.

No campo à sua frente um homem corria de cinco mortos-vivos. Estava cansado e ferido, como as roupas ensanguentadas deixavam claro. A cada poucos passos caía, então levantava, corria mais um pouco e caía novamente. *Fome*. O homem caiu e não se levantou mais. Os mortos o alcançaram. Tudo se manchou de vermelho.

Fome.

Valentin correu em direção a eles.

Quando chegou a poucos metros do banquete cruel, sentiu o cheiro antes de ver com clareza. Sangue, tripas, fezes. A carne era rasgada e o som das mandíbulas funcionando seguiam em ritmo constante, como um moedor de grãos. Os mortos comiam. Comiam tudo.

Valentin pegou uma pedra no chão e esmagou o crânio do primeiro morto-vivo que alcançou, levando-o ao chão. Golpeou mais duas vezes. Os outros nem sequer notaram que ele estava lá.

O monstro que havia acabado de matar trazia uma espada na cintura, algo que deveria portar quando foi tomado pela doença e que nunca mais usou.

Valentin puxou a espada.

Com golpes limpos e rápidos decepou todos os outros mortos-vivos, clamando para si o alimento.

O homem caído estava parcialmente esfaляado. A barriga foi aberta e os intestinos escorriam para os lados. Muitas mordidas cobriam o pescoço, pernas e braços. Mas por um motivo que não saberia explicar, as atenções de Valentin foram todas para a cabeça.

Valentin se ajoelhou ao lado do cadáver. Uma expressão de pavor ainda dominava aquele rosto jovem e por isso Valentin fechou seus olhos. Depois, com uma pedra, abriu um buraco no crânio. O cheiro do cérebro entrou doce pelas narinas.

Deuses, eu preciso comer isso.

Sentiu como se fôsse chorar, mesmo que isso não fosse mais possível. Olhou para os céus num misto de agonia e revolta. O cheiro doce ficou ainda mais forte.

Seria tão mais fácil se eu fosse um desses mortos-vivos abobados, sem mente, sem nenhuma noção do homem que tinham sido. Por que eu me lembro? Por que permitem que eu ainda seja Valentin?

O pensamento era desesperado e infantil. No seu íntimo Valentin sabia que não existia mais nenhum deus para lhe ouvir. Simplesmente sabia disso. Todavia, velhos hábitos são difíceis de matar; mesmo quando seu dono já morreu.

Valentin procurou se acalmar. O cérebro do homem tomava conta de todos os seus sentidos agora. Tudo desaparecia, menos a massa acinzentada que o atraía como um farol no escuro.

Não sou mais Valentin, sou algo a menos. O Morto Valentin.

Enfiou a mão pelo buraco no crânio e de lá trouxe a carne quente. Colocou na boca e permitiu escorrer goela abaixo. Sentiu-se vivo novamente. A dor de cabeça aliviou. Comeu mais um pouco e a dor desapareceu como que por feitiçaria.

Naquele instante o Morto Valentin entendeu o que precisaria fazer para continuar a existir. Não bastava consumir carne, consumir a vida como outros mortos-vivos. Ele precisaria devorar mentes de tempos em tempos ou sua própria mente o torturaria.

Então ele comeu. Comeu tudo. E acabou tão rápido.

Ainda com fome, o Morto Valentin se debruçou sobre a cabeça de um dos mortos-vivos que eliminara e provou de seu cérebro também. A carne era gelada e nem de perto tão doce como a que comera antes, mas mesmo assim ela o nutriu.

Valentin comeu até se sentir saciado, depois pilhou os cadáveres. Tomou a espada para si, um manto com gorro – que o ajudaria a esconder a face morta -, um cachecol – para ocultar o ferimento no pescoço – e um saco de tecido, o qual encheu com as cabeças restantes.

Suprimentos para a viagem.

Ajeitou a nova espada na cintura, jogou o saco de cabeças sobre o ombro e retomou o caminho. Havia aprendido um pouco mais sobre si mesmo e sua condição, mas, conforme caminhava, uma dúvida passou a acompanhá-lo:

O que farei quando encontrar uma pessoa viva? Serei capaz de matar como um monstro?

36.

MANARA

- Chegaremos amanhã à tarde – disse Baldur, oferecendo uma pedaço da lebre assada. – Com um pouco de sorte teremos o resto do dia só para nós.

Manara pegou a comida com as mãos, deu uma mordida e fitou o homem da forma mais sensual que podia. Deixou a gordura da carne de lebre escorrer pelos lábios, para que ficassem brilhantes, depois os lambeu e sorriu.

- Mal posso esperar.

Baldur afastou os cabelos loiros, escuros de tanta sujeira, sorriu seu sorriso banguela e se inclinou para beijá-la.

- Mas agora você deve ir ficar com seus companheiros e montar guarda. – Ela passou uma das mãos no rosto bruto, escapando do beijo.

Baldur olhou por sobre o ombro, para o pequeno acampamento onde os dois outros comiam de forma ruidosa. Uma fogueira ardia no meio deles e, ao redor, dezenas de pedaços de carne humana se espalhavam. Braços, pernas, intestinos. Segundo o grupo, aquilo servia para escondê-los dos mortos-vivos.

- Eles dão conta sozinhos – disse Baldur, avançando sobre Manara e agarrando um de seus seios.

- *Vá* ficar com eles – disse ela.

Baldur parou a investida, fez que sim com a cabeça e a deixou em paz.

Manara ajeitou suas roupas, comeu o resto da carne, cobriu o corpo e se deitou. *O encantamento enfraquece a cada hora. Precisamos chegar logo, antes que...*

Ela não quis imaginar o resto.

Baldur foi o homem que a surpreendeu na vila, quando ela testemunhou a tortura desumana que o grupo impôs àquela pobre mulher. Ele a teve sobre a mira da besta e poderia tê-la matado ali mesmo, ou feito pior, não fosse a feitiçaria.

Por meio de feitiços de encantamento misturados a técnicas de atuação manipulativas, Manara havia sido capaz de, não apenas escapar da maldade dos homens, mas também de convencê-los a levá-la com eles para a Necrópole.

A jogada era arriscada, mas ela não teve muito tempo para arquitetar algo melhor. Teria que seguir com aquele plano até o fim.

Se pudessem, já teriam me possuído e talvez despejado meu corpo em uma poça de lama qualquer, pensou. Manipular seus instintos animalescos é perigoso, um caminhar no fio da navalha.

Não posso perder o foco.

Aqueles eram homens cruéis, o tipo de gente que sobrevive e prospera quando o mundo ao redor afunda em perdição. Não tinham o menor escrúpulo em matar ou torturar e a nova e dura realidade acabou por embrutecê-los ainda mais. Só alcançavam o prazer por meio da perversão, só se sentiam satisfeitos quando alguém caía diante de sua ira.

Manara puxou a coberta até os olhos e discretamente fitou o grupo. As mãos rudes e sujas que destroçavam comida. Os dentes amarelos moendo o alimento. Podiam muito bem ser mortos-vivos. *Não, são piores. Os mortos não têm consciência. Baldur, Rasque e Rubem sabem muito bem o que fazem. Eles escolhem fazê-lo.*

A feiticeira cerrou as pálpebras e sussurrou as palavras que manteriam seu feitiço de encantamento até a manhã seguinte. Sua temperatura corporal caiu. As mãos e pés gelaram de imediato e um rápido tremor a tomou. Gastava mais energia do que deveria.

Acordou com algo – ou alguém – sobre si, a comprimindo junto ao solo.

Dormi demais. A feitiçaria está cobrando o preço nas minhas forças.

Não era Baldur, mas um homem mais largo, mais fétido. Rubem.

- Saia daqui – ela disse –, ou gritarei por Baldur.

- Vá em frente, piranha. Eles foram cagar. Estamos só nós dois aqui.

Uma ponta fria a cutucou na altura do rim.

Rubem abriu um sorriso escuro, maculado pelo mau cheiro dos dentes podres e da gengiva inflamada. Mexia a língua de forma lasciva.

- Uma metidinha rápida é só o que eu preciso – disse ele, colocando o membro para fora e o forçando contra Manara.

- Não.

Ela tentou se livrar de Rubem, mas ele era muito mais forte e seu peso a prendia naquela posição. Manara sentiu a ereção do homem contra suas coxas e a ponta da adaga entrando em sua carne.

- Quietinha. É outra coisa que quero enfiar, não o aço – disse Rubem. – Mas se você dificultar, te furo inteira.

Para escapar da situação seria preciso gastar mais energia e recorrer à feitiçaria, mas ela não ligava. Faria todo o possível pra fugir da violação. *Um feitiço. Mas qual?* O encantamento seria inútil com Rubem naquele estado de excitação, um ataque direto faria com que os outros dois se voltassem contra ela. Manara poderia matá-los também, mas aí como acharia a Necrópole?

Rubem afundou a cara contra o pescoço da feitiçeira,

chupando e lambendo com violência. A barba por fazer arranhava a pele branca, deixando marcas de irritação. A ponta do pênis achou seu caminho.

- Não.

Manara quase chorou. Com um impulso conseguiu dobrar o corpo e atrapalhar a penetração do homem, que não ficou nem um pouco feliz.

A faca entrou alguns centímetros.

- NÃO!

Sussurros antigos invadiram sua boca como que por instinto.

Tentáculos de sombra saltaram das reentrâncias do manto esfarrapado e explodiram contra o corpo de Rubem, atirando-o alguns metros para trás. O homem pousou num baque surdo.

Manara se ergueu num pulo, batendo no corpo repetidas vezes com as mãos, como se tentasse se livrar de um enxame de insetos. Lágrimas escorriam do rosto e os joelhos tremiam tanto que ela achou que não seria capaz de se manter em pé. Ao se acalmar, viu o que tinha acontecido a Rubem.

O desgraçado se esparramava no chão, desacordado, pernas e braços abertos e o membro nojento ainda de fora, flácido e murcho. Ela se aproximou e então notou, sob a cabeça dele, uma pedra pontiaguda exibindo manchas vermelhas.

- Não, não, não – Manara correu até ele. – Por favor, não, seu maldito. Não.

A parte de trás do crânio do homem exibia um afundamento, bem como um grande corte, por onde sangue vertia. Manara segurou o local com ambas as mãos e realizou seu feitiço de cura. O corte se fechou, mas Rubem não se mexeu.

- Acorde, miserável.

Manara o socou uma, duas, três vezes, mas ele não esboçava nenhuma reação. A feiticeira levou o ouvido ao nariz dele. Não respirava.

E agora, o que deveria fazer? Baldur e Rasque não demorariam muito mais. Todo o plano, todo o esforço, tudo ruía diante dela. Fitou o corpo moribundo de Rubem e tentou agir como sempre agira na vida. Tentou pensar.

Não basta curá-lo. Preciso mexer com sua memória. Ela sabia o feitiço, mas também sabia o preço. Suas energias já estavam no limite há dias, se fizesse aquilo, então os riscos aumentariam de forma assustadora.

Manara olhou para trás, de onde imaginou que Baldur viria. *Seja forte.* Ela abriu o manto na altura do tórax, expondo os seios pequenos, as costelas salientes e a barriga lisa. Um risco rubro, onde Rubem enfiara a faca, vertia um pouco de sangue. *Seja forte.* Ela pegou a faca, ainda na mão do porco maldito, e encostou a lâmina na própria barriga. *Seja forte.* Inspirou profundamente e, após um suspiro,

entalhou sua carne.

Mordeu o lábio para não gritar.

37.

GAWRGHONITE

Os dragões, dúzias deles, voando contra um céu avermelhado. Baforadas explodiam em chamas a cada segundo e o rugido ensurdecedor tomava toda a terra. Eles atacavam uns aos outros, como filhotes de gatos brincando, mas cada movimento das garras de um dragão seria suficiente para aleijar um deus.

Dragões, as mais imponentes, selvagens e poderosas criaturas a já terem pisado sobre a terra. E Gawrghonite descendia deles. Gawrghonite carregava seu sangue.

De repente o céu escurecia e a única luz vista era a que vinha dos sopros de fogo dos lagartos alados. Os rugidos aumentavam, se tornavam mais agressivos. Sangue escorria. Os dragões se feriam em uma loucura furiosa. Então notavam Gawrghonite.

O sangue do bárbaro corria rápido nas veias, gerando vermelhidão e calor no rosto coberto de tatuagens e cicatrizes. O mesmo sangue que os dragões levavam no coração.

Eles sabem que estou aqui. Eles me querem aqui.

Gawrghonite não sabia ao certo o que fazer ou como se portar. Permaneceu estático, agarrado ao cabo da espada, lutando contra os próprios instintos combativos.

Os dragões batiam as gigantescas asas em sua direção. A cada movimento o ar se deslocava, ocasionando um ruído amedrontador.

Um rugido quase deixou o bárbaro surdo.

Estão perto. Estão sobre mim.

Abriu bem os olhos.

- Gawrghonite.

Foi sacudido na cama.

- Gawrghonite, acorda. O sol vai nascer.

O bárbaro se sentou na cama dura, esfregou os olhos e, na falta de luz que entrava, reconheceu Cara-de-Bagre.

- Acorde os outros – disse a ele. – Estarei no convés em alguns minutos.

Cara-de-Bagre se retirou sem nenhuma cerimônia.

Aquele era um dos sobreviventes do combate recém-travado. Inclusive fora Cara-de-Bagre quem enfiara meio metro de aço na barriga de Gum. Quando a luta atingiu seu ponto mais crítico, porém, o pirata – bem como muitos outros – soube a hora de baixar as lâminas, aceitar a derrota e entregar o barco. Ninguém venceria Gawrghonite.

O bárbaro se espreguiçou, envolveu a mão aleijada com uma faixa, equipou-se com a espada e foi lá pra fora. Piratas já trabalhavam no convés e o cumprimentaram. Gawrghonite se inclinou sobre a

balaustrada e mijou demoradamente. Ouviu Cão se dirigindo ao leme, reclamando, como sempre.

Gawrghonite inspirou o ar salgado da manhã que nascia. Não havia resquícios do odor de morte e sangue que lavara a madeira daquela embarcação há tão pouco tempo. *O sal limpa tudo*. Caminhou para o leme, passando pela cabeça decepada de Vanur, o antigo capitão do *Chaga do Mar* e homem responsável por tê-lo atacado e destruído sua antiga embarcação. Perdeu a vida e o barco, o imbecil.

Gawrghonite subiu as escadas de madeira e encontrou seus subordinados reunidos ao redor do leme.

- Pra que tão cedo? – grunhira Cão, com um novo chapéu sobre a cabeça. O velho ladino tinha um dos braços presos em uma tipoia, mas isso não parecia afetar em nada sua habilidade de criticar absolutamente tudo.

Gawrghonite encarou os outros convocados. Cara-de-Bagre, Üngardson e Tok-Tok. Todos antigos piratas sob o comando de Vanur. Agora sua tripulação voluntária.

- Estamos no limite da Baía do Furto, como você ordenou – disse Cara-de-Bagre. – As ilhas ajudam a nos escondermos, por enquanto.

O bárbaro fez que sim com a cabeça, mas não disse nada.

- No leste temos algumas vilas. Podemos atacá-las e pegar provisões... e mulheres – disse Cão.

Mais cabeças balançando em concordância.

- Podemos também esperar barcos passarem ou explorar as ilhas menores – sugeriu Üngardson, com sua voz gutural de anão. – Muitos barcos pra cima e pra baixo ultimamente.

Gawrghonite abriu e fechou os dedos restantes da mão esquerda. Olhou para o horizonte, para o sol que nascia atrás das águas calmas da manhã.

- O que há ao sul, nas Cidades Burguesas?

- Caos – disse Cara-de-Bagre. – Os mortos também despertaram por lá e as ruas antes decoradas com ouro agora servem de depósito de carne podre. Nem mesmo os bem-pagos mercenários puderam proteger os ricos mercadores quando os escravos começaram a voltar do mundo dos mortos.

- Fizemos uma boa pilhagem, mas depois ficou perigoso – acrescentou Tok-Tok, estralando os dedos, fazendo o ruído que lhe dava nome.

Então a praga havia tomado o mundo. Das terras do Reinado de George até as ricas cidades-estados comerciantes, passando pelas florestas élficas e – segundo o próprio Üngardson – as Montanhas Gongolin dos anões, tudo fora tomado pelos mortos. Teriam os bárbaros sobrevivido?

- E as Terras Mortas? – perguntou Gawrghonite.

Seus homens deram de ombros. Ninguém sabia sobre a região selvagem.

- É minha vontade ir ao sul – decretou.

Cão riu alto, pelo nariz.

- Você gosta de flertar com a morte, só pode ser – disse. –

Não ouviu o que nossos colegas lobos do mar disseram? Depois da praga, quem tinha condições se alçou às águas. O Mar do Leste deve estar fornado de concorrentes atrás de comida ou de piratas sedentos por uma última batalha. Temos é que ficar na suavidade, sem riscos.

- Não é uma boa ideia, Gawrghonite. Melhor atacar barcos menores e pescar – disse Tok-Tok.

Gawrghonite virou a cabeça na direção de Cara-de-Bagre e Ûngardson, como se solicitasse suas opiniões. Fechava as mãos, tanto a boa quanto a aleijada, em punhos.

- O Mar do Leste realmente está movimentado – disse o primeiro.

- E há histórias sobre navios tripulados pelos mortos, sedentos por carne de piratas – interrompeu Ûngardson. – Dizem que tritões mortos-vivos e sereias cadáveres também estão por aí, apenas esperando viajantes.

- Eu não iria para o sul – continuou Cara-de-Bagre – a menos que exista um bom motivo.

Gawrghonite deu as costas aos seus homens e caminhou até a beira do convés.

Não queria explorar o Mar do Leste. Pelo contrário, seu povo ocupava a margem oeste de Romeryon, além dos Picos Redondos, pra lá das Terras Mortas. Mas para chegar lá deveria circundar todo o norte e depois descer, o que lhe tomaria meses. Ou então navegar para o sul, enfiar a *Chaga do Mar* nas águas velozes e doces do Rio Flecha e cruzar o continente na horizontal.

Os dragões o chamavam. Ele tinha que encontrá-los.

Será que adiantará de algo? Até agora ninguém foi capaz de vencer essa peste, nem mesmo grandes cidades, pensou o bárbaro. *Mas meu povo é forte e nossa terra cruel. Talvez.*

Gawrghonite se virou para os homens, estufou o peito e disse:

- Vamos para o sul.

Ninguém argumentou mais nada.

38.

O MORTO

Sou mais do que isso. Tenho que ser.

O Morto Valentin, sentado na grama alta, rodava uma cabeça decepada em suas mãos, notando todos os mórbidos detalhes. Não sentia nojo, ânsia, medo ou qualquer outra coisa. Apenas a admirava com curiosidade.

A cabeça fedia. Os olhos, voltados para o alto, não possuíam brilho algum. Pelo contrário, era como se uma camada de leite espesso os cobrisse. A boca entreabria, deixando à mostra a língua inchada e os dentes partidos e escuros. Vermes brancos despontavam da carne aqui e ali. Sangue negro envolvia o corte na base do crânio, como uma crosta de lama que tivesse secado ao sol.

- Você já parou para pensar que somos parecidos com essa cabeça, Joh?

Joh, é claro, não respondeu. O morto-vivo estava em pé, na frente de Valentin, encarando-o com olhar abobado, sem dar a menor mostra de vontade ou consciência. De vez em quando andava a esmo, mas levava uma corda amarrada ao pescoço e presa à mão de Valentin. Sempre que a corda se esticava, o morto voltava.

- É falta de educação não responder perguntas.

Joh continuava sem se mexer.

Afora Yorak, Valentin ainda não encontrara mais nenhum morto-vivo pensante como ele. Dezenas de mortos estúpidos cruzaram seu caminho, sempre ignorando-o, mas nenhum demonstrou o menor resquício de inteligência. Nem mesmo Joh.

Principalmente Joh.

Valentin não sabia muito bem porque decidira amarrar a corda ao redor da criatura e carregá-la consigo. Talvez se sentisse sozinho. Talvez precisasse constantemente ver algo ainda mais monstruoso que si próprio. Ou talvez fosse apenas a semelhança que o cadáver ambulante tinha com um antigo colega de Fraternidade, Joh. Na verdade o monstro e o amigo eram tão parecidos que poderiam ser irmãos.

- Você não é Joh de verdade, é?

O morto-vivo usava vestes simples, de tecido rudimentar. Não carregava armas, insígnias, símbolos ou capa. Nada que remetesse à Fraternidade Branca. Mas quem poderia saber, ao certo? De uma forma estranha e até mesmo consoladora, todos acabavam ficando parecidos na morte.

Valentin, com o cabo da espada, macetou a cabeça que segurava, expondo a massa encefálica. Antes precisaria de dois ou três golpes, agora conseguia quebrar o osso na primeira tentativa. O cérebro já estava escuro e apodrecendo.

- Nenhuma iguaria, Joh, mas quebra o galho.

Ele jogou um punhado de miolos para o morto-vivo, que se agachou e começou a comer como um cão de rua. Um segundo punhado foi para si mesmo.

Como previra, o gosto não era agradável. Amargo, rançoso, gelado. Mas, mesmo morto e podre, o cérebro humano aliviava as dores de cabeça e ajudava-o a pensar mais claramente. Aos poucos, Valentin aprendia sobre seu estado.

Não sou como Joh. Não sou um morto-vivo comum. A doença deve estar sofrendo mutações.

Lembrou-se dos elfos cadáveres que enfrentou na floresta, quando perdeu a pequena Sara. Eles se moviam diferente, como se detivessem a memória muscular de quando eram vivos. Uma mutação. Uma evolução do morto-vivo tradicional.

Além de serem estúpidos, sem nenhum resquício de humanidade, mortos como Joh comem sem parar. Devoram a vida – e tudo o que já teve vida - com uma gula irracional. Eu não sou assim.

Valentin não tinha ganas de acabar com toda forma de vida que encontrava, muito menos devorá-las. Eram os cérebros que lhe atraíam. Os cérebros e a paz que causavam.

Joh terminou de comer e voltou a encará-lo com a expressão idiota.

Valentin enfiou a mão dentro do crânio e retirou o resto de carne que lá havia, comeu tudo, lambeu os dedos e então jogou a cabeça para Joh. O morto-vivo a agarrou ainda no ar e cravou os dentes na face.

Craaahck. O som de dentes contra ossos. Valentin não conseguia se acostumar com aquilo.

Yorak falou de uma sociedade, lembrou. Uma sociedade aqui, na região dos lagos. Talvez a mutação tenha acontecido por essas bandas. Talvez existam outros como eu, com mais conhecimento, mais experiências.

Valentin sabia muito bem que, se queria vencer a doença, precisaria antes conhecê-la o melhor possível. Descobrir mais sobre os mortos-vivos era sua única escolha.

Preciso encontrar essa sociedade, mas como? É como procurar uma agulha no palheiro.

A região dos lagos se estendia por amplas planícies, com vastos campos de plantação e criação de gado. Numerosas vilas competiam pelas colheitas e pelo direito de usar terras nobres para criar animais. Qualquer uma delas poderia ser o marco zero. Qualquer uma poderia esconder a sociedade dos mortos.

Pense, inútil. Pense.

Joh largou a cabeça e se levantou. Soltou um gemido macabro e cambaleou adiante, esticando a corda.

- Quietos, Joh. Estou tentando me concentrar aqui.

Joh chegou ao limite da corda, ponto no qual costumava regressar. Não dessa vez. Forçou o passo adiante, obrigando Valentin a segurá-lo com força.

- Ei, o que está fazendo?

Valentin ergueu a cabeça. Ao longe, uma horda de mortos-vivos seguia em direção sudoeste, juntos, agregados, como se formassem um grupo de viagem. Era curioso como, mesmo sem mente, aquelas criaturas buscavam umas às outras, como sentiam a presença das vítimas e como nunca deixavam de persegui-las. Devia ser algo em seu instinto.

Instinto.

Valentin pulou do chão e caminhou em direção à horda. Joh ao seu lado.

É isso. Os mortos-vivos mais primitivos não possuem mente, não possuem consciência ou qualquer coisa que possa guiar seus atos. Somente instinto. E o instinto os estava levando em alguma direção.

- Uma cidade, mesmo que morta, abriga gente. E gente atrai todo tipo de coisa, Joh.

O morto idiota grunhiu em resposta.

- Vamos – disse Valentin. – Vamos ver até onde seus amigos

nos levam.

39.

MANARA

Ela caminhava mais apagada do que acordada. Os pé seguiam em frente, incertos, tropeçando a cada tantos metros. Era difícil manter os olhos abertos e toda sua vista revelava um borrão, fruto da exaustão. Mantinha a cabeça baixa, se concentrando para não demonstrar a própria fraqueza. Agarrava o manto sujo junto ao peito, ocultando os cortes que infligira no próprio tórax. Também rezava em silêncio.

Ajudem-me. Ajudem-me. Implorar socorro a divindades não era comum a feiticeiras e muito menos a Manara, mas ela tinha perfeita consciência de que seu feitiço de encantamento acabaria e ela não possuía mais energia alguma para recarregá-lo. *Acabará e então eles virão. Ajudem-me a aguentar.*

Baldur e Rasque caminhavam logo à sua frente, atento aos arredores. Rubem ia ainda mais avançado, como o batedor do grupo. Por ora eles tinham outras preocupações. Por ora ela estava a salvo. Mas não demoraria muito mais.

Manara caiu de joelhos, soltando um gemido de dor. Permitiu-se ficar ali, jogada, para descansar. Baldur e Rasque pararam. O primeiro veio em sua direção.

O coração de Manara disparou.

- Tudo bem aí? – disse ele, com um risinho no canto da boca.

- Sim, apenas tropecei.

- Levanta. Vem ver uma coisa.

Ela inspirou profundamente e se ergueu. Seguiu o homem por alguns metros, até uma colina onde Rasque aguardava.

Graças aos deuses, pensou. Mas logo o alívio deu lugar ao choque.

- Essa é a Necrópole?

- Casa – respondeu Rasque.

A visão causava uma inquietação, uma sensação ruim que embrulhava o estômago. A Necrópole não era uma cidade, não era nem mesmo uma vila. Era algo diferente, algo não natural.

A Necrópole era uma prisão.

Alguns quilômetros adiante uma edificação amarronzada, tosca, se erguia aos céus, em uma pálida imitação de torre. Ao seu redor, um pequeno campo terroso e então o que parecia ser um largo fosso cavado no solo. O fosso separava a torre do resto, da verdadeira Necrópole.

Adiante, dezenas de cabanas, casas simples de barro e palha, palafitas de madeira e mobília diversa se espalhavam ao relento,

formando um grande assentamento de cadáveres ambulantes.

- Os mortos, eles... eles... – não conseguiu terminar a frase.

- Eles ficam no canto deles e a gente fica no nosso – disse

Baldur.

O grupo continuou em direção a um posto de guarda abandonado. Pelo menos aparentemente abandonado. Conforme se aproximavam ela percebeu carroças-jaulas, do mesmo tipo usado para transportar escravos nas Cidades Burguesas. Bois pastavam ao redor e Rubem conversava com dois homens envoltos em mantos pesados. Elmos fechados e capuzes cobriam suas cabeças.

- Entre na carroça – disse Baldur, enquanto erguia o braço, saudando os homens de elmo.

Manara obedeceu, sempre prestando o máximo de atenção ao que acontecia.

Baldur, Rasque e Rubem pegaram um dos bois e o ataram à frente da carroça. Ofereceram a guia a um dos homens de elmo e então se juntaram a ela, do lado de dentro das grades.

- Bem-vinda à Necrópole.

O homem de elmo atçou o boi e eles começaram a se mover em direção a prisão no meio da cidade dos mortos.

A carroça se movia lentamente, num balançar que dava sono, mas Manara não conseguiria dormir naquele momento, não com tudo

aquilo ao redor. Bastou se aproximarem da Necrópole para que mortos-vivos avançassem sobre eles, enfiando os braços podres grade adentro e mordendo as jaulas de ferro. Ninguém lhes deu muita atenção. Rasque, Baldur e Rubem cochilavam enquanto o homem de elmo, com um pedaço de pau, apenas impedia que os cadáveres avançassem sobre o boi.

Nenhum morto-vivo jamais atacou o homem de elmo.

Chegaram à beira do fosso, onde uma ponte foi baixada. A carroça seguiu em frente e algumas pessoas, munidas de lanças longas, impediram que as aberrações invadissem. Do lado de dentro do fosso todos pareciam humanos, vivos.

As grades da carroça foram abertas. Manara tropeçou quando tentou sair e desabou no chão lodoso. Não conseguiu levantar. Nem mesmo tentou. Apenas agarrou o manto para não mostrar os cortes ritualísticos em sua carne.

- O que diabos aconteceu com você? – disse Baldur.

- Estou fraco.

Rubem se aproximou e lhe lançou um olhar de cima a baixo. Virou a cabeça para o lado, cuspiu e ajeitou o membro por sobre a calça. Manara detectou a mais pura maldade no gesto.

Eu o curei. Apaguei sua memória. Não é possível que ele lembre de algo.

Baldur a ergueu na marra e chamou dois rapazes muito jovens que trabalhavam separando sacos de provisões.

- Levem essa daqui para Olerya. Se alguém perguntar, ela pertence a Baldur.

Os jovens balançaram a cabeça, em afirmação, e a carregaram para dentro da torre.

O local era todo de madeira, abafado, escuro e fêdido. Manara não imaginava como algo assim podia se manter em pé. Parecia que toda a estrutura balançava e reclamava a cada passo dado na escada irregular. Quando chegaram a um quarto repleto de beliches, no terceiro andar, ela agradeceu aos céus pela coisa toda não ter ido abaixo.

- Deixem-na aqui – disse uma mulher por volta de quarenta anos, com sardas no rosto.

Os jovens a soltaram em uma cama pequena e sumiram dentro da torre.

Manara fechou os olhos.

- Se tocar nela, ela pode morrer – ouviu a mulher de sardas dizer. – Está fraca. Precisa de descanso e tratamento. Quer vê-la curada logo? Então me arranje mais panos limpos, mais água, sabão.

Manara abriu os olhos e identificou a figura da mulher. Ela discutia com Baldur, colocando-se entre ele e o restante da enfermaria.

Ele veio por mim. Quer me usar agora.

Baldur tentou passar, mas a mulher se intrometeu na frente dele mais uma vez.

- Preciso falar com o Rei? – perguntou.

Baldur reclamou e xingou, mas não tentou mais avançar.

- Estou há dias na estrada. Preciso me aliviar.

Sem falar mais nada, ele pegou a mulher de sardas pelo rabo-de-cavalo e a fez se inclinar sobre uma das camas. Ergueu suas vestes, abriu as pernas e a possuiu. A mulher não reclamou. Não emitiu nenhum som.

O ato foi vigoroso, agressivo, mas curto. Baldur alcançou seu prazer, ergueu as calças e saiu. A mulher puxou um pano sujo e se limpou.

- Ele queria a mim – disse Manara. – Você não precisava ter feito isso.

- Não é a primeira vez – respondeu a mulher. – E eu não estava mentindo. Ele poderia matá-la se a possuísse agora. Você está fraca, ele ficou dias na estrada e bem... você é novidade. Eles abusam das novidades.

Manara se ajeitou na cama, elevando o tronco. A ardência estava lá, mas havia diminuído. Espiou debaixo dos lençóis. Os ferimentos tinham sido tratados e bandagens os envolviam.

- Obrigada, de verdade.

A mulher se sentou na cama. Tinha uma expressão dura, guerreira, mas as olheiras revelavam o seu cansaço.

- Sou Olerya.

- Manara.

Por horas elas conversaram. Manara não possuía energia para nenhum de seus feitiços, mas usava a inteligência para conseguir o máximo de informações possíveis. Descobriu que a Necrópole perseverava em uma relação simbiótica com os mortos-vivos, que os protegiam de grupos rivais. Descobriu que os mortos nunca atacavam os homens de elmo. E descobriu sobre Valtimor, o Rei Caveira. *O Necromante.*

Valtimor.

Manara tinha certeza já ter ouvido aquele nome antes, um nome sombrio e velho, apenas rapidamente mencionado em suas tutelagens de Asfódelos. *Com o que estou lidando aqui?*

O Rei Caveira era tratado como uma divindade em Necrópole. Todas as suas vontades eram atendidas, ninguém o desafiava, ninguém o questionava. Dele era o poder de controlar os mortos-vivos ou então de transformar homens em cadáveres obedientes. Uma guarda de guerreiros sinistros sempre o acompanhava. Os habitantes de Necrópole viviam para servir ao Rei.

Manara sempre foi uma pessoa fria, mas, conforme ouvia os relatos sobre o governo do tal Rei Caveira, o sangue dentro dela fervia. Teria sido o quase estupro? Teria sido a brutalidade se sobressaindo diante do conhecimento? Ou estaria ela também sendo mudada pela nova ordem das coisas?

Esses porcos todos mereciam a morte, mas vivem como lordes, abusando dos outros, pensou, apertando os punhos tão forte que as unhas entravam na própria carne. *Enquanto isso os bons, os heróis, morrem.*

Ela não queria, mas pintou o retrato de Valentin em sua mente. A face imberbe. Os olhos esperançosos. A capa branca. *Por que você tinha que morrer, estúpido?* Imaginou o rosto bonito do jovem guerreiro apodrecendo, sendo devorado por vermes até que só a caveira restasse.

Caveira. Rei Caveira. Necromantes eram a mais baixa estirpe de feiticeiros e esse ousava se proclamar um rei. Como podia alguém simplesmente aceitar isso?

- Sei como deve soar – disse Olerya, em resposta aos questionamentos indignados da feiticeira -, mas o mundo acabou lá fora. Ao menos aqui temos uma sociedade, uma chance de nos reerguermos e viver.

- Estupro, escravidão. Isso não é vida, é sobrevivência, quando muito.

Olerya desviou o olhar e suspirou. Os olhos marejaram.

Manara sentiu vergonha de questionar a mulher daquela forma, mas não soube como melhorar a situação.

- Descanse – disse Olerya. – Você está mal. Poderemos conversar melhor em outro momento.

Manara demorou a pegar no sono.

Pela segunda vez no mesmo dia ela foi acordada bruscamente.

Uma mão grossa lhe tapava a boca e braços ágeis a puxaram no escuro. Ela foi carregada pela torre, por escadas e cômodos do que, para ela, era um labirinto de madeira. Foi atirada ao solo e sentiu algo lhe acertar o estômago. Todo o ar deixou seu corpo e a tosse tornou impossível falar.

- Já descansou demais, vadia. - A voz não era de Baldur, como ela pensara, mas de Rubem. De novo Rubem. – Baldur não é homem suficiente pra uma coisinha apetitosa como você. Pode deixar que você vai gostar mais comigo.

Manara se concentrou nas energias místicas, mas ainda estava fraca demais. Além disso as tosses não a deixavam sussurrar os mantras certos.

Mãos a ergueram e a prensaram contra uma parede. Ela chutou e se sacudiu como pôde. Dois socos vieram em resposta, ambos na boca do estômago.

Manara cuspiu sangue. Vômitou. Por um segundo achou que fosse morrer afogada.

- Covv... co... var... de – conseguiu gemer.

Um novo soco a atingiu sobre o olho direito, lançando sua cabeça para trás, fazendo-a se chocar contra a parede. Os joelhos viraram gelatina e ela tombou.

Rubem e os outros riram.

O resto foi uma confusão. Ela ouviu o tecido de suas roupas serem rasgados antes de efetivamente sentir os puxões. Dedos impiedosos exploravam o seu corpo, se espalhando como um líquido amaldiçoado sobre sua pele alva, sobre os ferimentos no tronco, sobre os seios pequenos, sobre sua intimidade.

A cabeça girava, mas ela percebeu quando a viraram, deixando-a de bruços no chão. Agarravam-na pelos quadris. Forçavam-na a abrir as pernas.

Eu vou matar vocês. Vou matar todos vocês.

Manara foi uma das mais jovens feiticeiras de Asfodelos. Sempre se mostrou inteligente, talentosa e destemida. Sobreviveu em um mundo tomado pelos mortos e, sozinha, foi capaz de encontrar um necromante. Enfrentou todos os momentos até ali com coragem e com uma desenvoltura muito além do que ditava sua idade.

Naquele momento, contudo, Manara teve medo.

40.

GAWRGHONITE

- Baixas? – gritou Gawrghonite.

- Quatro, senhor – respondeu Tok-Tok, cortando a garganta de mais um adversário.

Quatro. O que eram quatro baixas perto da carnificina que a tripulação do *Chaga do Mar* impusera aos oponentes? Gawrghonite e seus homens mataram cinco vezes mais do que isso. Havia sido uma boa luta e todo aquele com um mínimo de coragem reconheceria tal fato.

- Peguem tudo o que eles possuíam, toda a água, toda a comida, armas e valores. Joguem os corpos no mar.

Os piratas ergueram os braços e soltaram um grito de guerra. A embarcação concorrente fora totalmente dominada. Sangue lavava seu convés, onde a maior parte da batalha acontecera. Os sobreviventes - mulheres e jovens - se atiravam ao chão, de joelhos, implorando por piedade.

- Tragam as mulheres – berrou Cão, lá do leme do *Chaga do Mar*.

Gawrghonite foi até Cara-de-Bagre e ordenou que os

sobreviventes fossem levados para a outra embarcação e mantidos prisioneiros, pelo menos por ora. Enquanto isso seus homens, às gargalhadas, atiravam os cadáveres ao mar. A água logo se manchou de vermelho. Foi uma linda visão.

- Bom trabalho – disse o bárbaro aos seus comandados. – Bom trabalho.

Eles o saudavam conforme sua imponente figura desfilava pelo convés parcialmente destruído. Ganhava ainda mais respeito entre eles e, caso ainda houvesse alguém que não o respeitava, certamente esse alguém o temia.

- Peguem a bandeira e a figura de proa, coloquem-nas junto das outras – disse. – Que todos que cruzarem o nosso caminho vejam o que lhes espera.

Mais brados e vivas.

Gawrghonite gostava da ideia de decorar o *Chaga do Mar* com espólios roubados de suas vítimas navais. Desde que fincara a cabeça do ex-capitão Vanur na balaustrada, mais três haviam se juntado a ela.

A pilhagem continuou, enchendo o grupo de alegria. Gawrghonite já tinha separado barris de óleo para incendiar a embarcação rival assim que se retirassem e agora só aguardava que os piratas terminassem a limpeza, como abutres sobre um corpo morto.

Então veio o cheiro.

Seus instintos bárbaros perceberam a mudança no aroma. Além do sal marinho, além do ferro do sangue que escorria pela madeira e cobria as águas próximas, um odor pútrido se anunciava.

Carne podre, mas não carne humana.

Não. Era um cheiro ainda mais forte, um cheiro que o lembrava dos mercados de pesca das regiões costeiras. Cheiro de peixe velho, estragado.

O bárbaro fechou os olhos para que o olfato se apurasse. Foi a audição, no entanto, que lhe chamou a atenção.

Gemidos.

Gemidos melódicos que, por conta do estranho afinamento, traziam em si uma morbidez ainda pior que os já comuns grunhidos dos mortos-vivos. Pareciam lamentos, réquiens para heróis.

Gawrghonite arregalou os olhos.

- Para o *Chaga do Mar*, Rápido.

Os homens não entenderam seus berros de retirada, não até a morte saltar de dentro da água sangrenta.

Como um borão, algo pulou do mar e agarrou um dos piratas que se sentava na balaustrada. Novos borrões carregaram mais homens ao mar. Então as criaturas tomaram o convés.

- São sereias – urrou Üngardson, com sua voz característica

de ano. – Sereias cadáveres.

Gawrghonite já tinha percebido isso ao ouvir o canto sinistro. Ao invés da excitação e fascínio normalmente gerados pelo canto das belas do mar, aqueles gemidos que elas agora soltavam levavam uma angústia e desespero ao coração. Mas mesmo os gemidos não eram nada se comparados ao que a visão das criaturas causava.

Os corpos inchados pela água tinham uma coloração arroxeada, com feridas pútridas estourando em diversos pontos. Veias azuis ficavam à mostra, indo dos pescoços aos braços, multiplicando-se por trás dos seios, onde ficavam os pulmões, como uma enorme teia de aranha escura. Nas caudas de peixe era onde a podridão mais atacava, gerando um odor forte que tonteava e fazia o estômago revirar.

Tomados pela surpresa, os homens de Gawrghonite hesitaram. E pagaram o preço.

As sereias caíram sobre todos eles como piranhas em um boi sangrando. Moviam-se com rapidez, ainda mais velozes que os mortos-vivos élficos, com ataques em botes longos, saltando por metros.

- Lutem, imbecis. Lutem.

Gawrghonite desembainhou a espada curva em um movimento circular, cortando ao meio uma sereia que acabara de saltar das águas. Sem perder tempo correu adiante, golpeando como se não houvesse amanhã. Isso despertou os piratas.

Com brados de batalha, os mais bravos se atiraram contra os mortos-vivos marinhos enquanto outros lutavam para voltar ao *Chaga do Mar*.

Cão, ciente do que acontecia, afastava a embarcação alguns metros e por isso muitos despencavam para as ondas, onde sereias com dentes pontiagudos esperavam para comer.

- Usem as cordas – alguém gritou.

Eles estão desesperados, pensou Gawrghonite. São homens que passaram a vida sobre as ondas e se acostumaram a ser o que há de mais assustador nesse ambiente. Não estavam preparados para essa profanação. Não estavam preparados para serem as presas.

O bárbaro saltou para o centro do convés e executou seu golpe giratório, limpando a área. Golpeava à direita e à esquerda, tentando chegar até os barris de óleo que, por causa da confusão e do mar bravio, rolavam de lá pra cá.

- Cara-de-Bagre, vá para o *Chaga*.

O pirata fez que sim com a cabeça e gritou para os companheiros mais próximos.

- Vão, saiam daqui – Gawrghonite dizia. – Vou queimar essa merda inteira.

Dentes afiados penetraram a carne de sua panturrilha. Gawrghonite urrou. Com um murro afundou o crânio da sereia,

partindo ao meio os dentes que o feriam. A sereia foi ao chão e o bárbaro esmagou o resto da cabeça com o pé.

Um barril de óleo rolou ao lado e ele quase o alcançou, mas as sereias saltavam em volta, formando um círculo de ataque. Cada vez que tentava chegar ao barril tinha que recuar e usar a espada para golpear uma das malditas. Corpos começaram a se empilhar ao redor e o fedor de peixe podre foi tanto que o bárbaro foi obrigado a empurrar o próprio vômito garganta abaixo.

Elas se movimentam em grupo, como um cardume. Estão me encurralando.

De súbito ouviu o rugido gutural. Üngardson caiu golpeando sobre duas sereias e rolou para junto dele, ajudando na guarda.

- Pegue o barril – disse o anão.

Avançando em conjunto, o bárbaro e o anão foram capazes de repelir as sereias por tempo o suficiente para Gawrghonite explodir o barril com a espada. Óleo negro escorreu em todas as direções, juntando-se ao sangue, vômito e à água marinha.

Gawrghonite virou a cabeça para o *Chaga do Mar*, pronto a dar ordens, mas, como se pudessem ler seus pensamentos, uma flecha em chamas riscou o ar e acertou o convés sujo de óleo. O fogo acendeu de imediato.

- Parece que Cão está atento.

- Vamos sair daqui – disse Üngardson.

Os dois guerreiros corriam entre as chamas, lutando por equilíbrio em meio ao balanço do barco e aos ataques das sereias. A balaustrada estava logo adiante.

Gawrghonite saltou, esticou a perna para a frente e, usando o beiral como apoio, se alçou no ar. Ouviu Üngardson dizer alguma coisa no idioma anão, mas não entendeu o quê.

Em pleno ar, balançando as pernas como se pudesse caminhar no vazio, o bárbaro notou a sereia surgindo da espuma rubra das águas. Fez a lâmina descer, mas errou o alvo. A morta-viva o agarrou e ambos caíram no mar, engalfinhados.

O sal ardia nos olhos e atrapalhava a visão. O ataque surpresa não permitiu que o bárbaro puxasse ar e por isso ele sabia que tinha pouco tempo. A sereia se enroscava ao seu redor e o tamanho descomunal de sua própria espada tornava um ataque submerso praticamente impossível.

As águas ficam mais geladas. Ela está me levando pra baixo.

A ação mais lógica seria largar a grande espada curva e fazer o possível e o impossível para nadar à superfície, mas Gawrghonite não era um homem lógico. E ele amava sua espada.

Com a mão livre, a mão aleijada, o bárbaro agarrou o pescoço escorregadio e apodrecido da criatura. Rangeu os dentes e

começou a apertar. Os músculos reclamavam do esforço absurdo, mas ele não aliviava. Sentiu a carne da sereia ceder e se deformar e então apertou mais ainda. Cãibras dominaram o antebraço, mesmo assim ele não aliviou. Apertou até sentir que chegava aos ossos da coluna da oponente. Continuou até o limite das forças. Gritou embaixo da água, soltando inúmeras bolhas de ar. A cabeça ficava leve, como se estivesse a ponto de desmaiar. Mesmo assim ele não aliviou.

Então sentiu o rachar e a cabeça da sereia cadáver foi arrancada. O corpo dela amoleceu. Gawrghonite bateu as pernas e nadou para cima, para o ar e para a vida. Emergiu puxando uma grande golfada de oxigênio.

- A corda – a voz de Cão dizia. – Pegue a corda.

Mesmo com a vista afetada ele encontrou o pedaço de cânhamo e o envolveu no braço. Seu corpo deslizou sobre as águas e bateu contra o casco do *Chaga do Mar*, então começou a subir. Estava sendo puxado.

Gawrghonite desabou sobre o convés da sua embarcação e vomitou água salgada. Levantou. Os homens abriram espaço. Cão estava ali, bem como Cabeça-de-Bagre, Tok-Tok e muitos outros. Mas não Üngardson.

- O anão? – perguntou.

Cabeças baixas lhe deram a resposta.

Gawrghonite correu até o beiral do barco. O *Chaga do Mar*

navegava, se afastando cada vez mais das chamas e das sereias mortas-vivas. Ainda pôde identificar membros de sua tripulação nadando no mar, gritando. As manchas vermelhas de sangue crescendo ao redor deles.

O bárbaro franziu o cenho, cerrou as mãos em punhos e assistiu, impotente, enquanto mais da metade de sua tripulação era transformada em comida.

41.

O MORTO

A paciência não aumenta com a morte, Valentin logo descobriu.

Sua horda de mortos-vivos era o mais estúpido tipo de companhia possível. Fediam pior do que o esgoto de Martuk. Caminhavam lentamente, tropeçando a cada poucos metros. Gemiam sem parar, assustando todos os animais nas redondezas. E, o pior, desviavam do caminho ao menor sinal de vida. Pequenos grupos se desgarraram para devorar ovelhas, vacas e cadáveres humanos frescos.

Uma pequena parte, no entanto, seguiu adiante. Valentin foi com eles.

- Se isso se mostrar uma perda de tempo – Valentin disse a Joh – eu ficarei muito irritado.

O morto-vivo o ignorou, seguindo com os passos incertos.

Valentin ia mais atrás, segurando a corda de Joh e observando o que acontecia com a horda reduzida. Caso encontrassem humanos, não queria estar na dianteira, não sabia como agir, tinha medo que o atacassem. Além disso, a dor de cabeça voltara a martelar seu crânio.

Preciso comer. Puxou o saco gosmento de crânios que

carregava às costas e de lá puxou a última cabeça. A carne tinha se esverdeado por completo e incontáveis vermes desfilavam sobre a pele. *Está podre demais, não irá me nutrir.*

Valentin precisava devorar um novo cérebro. Um cérebro fresco.

Joh se agitou e apertou o passo, esticando a corda atada à mão de Valentin. O morto-vivo de estimação não fora o único a mudar de atitude. Lá na frente o pequeno grupo iniciava uma corrida tosca.

Encontraram algo.

Valentin largou a corda de Joh e saiu em disparada, ultrapassando muitos dos mortos. Após alguns instantes foi capaz de ver o que causara a comoção em seus companheiros cadáveres.

Parou.

- Pelos deuses, não.

Em meio aos campos verde-escuros seguia uma fila de pessoas dispostas uma atrás da outra. Tentavam correr na direção contrária a dos mortos-vivos mas os passos eram curtos e atrapalhados, fazendo com que muitas delas caíssem apenas para serem arrastadas pelo resto.

Elas estão presas, percebeu Valentin. Estão acorrentadas umas às outras.

Os mortos-vivos o ultrapassaram, urrando em celebração à

refeição anunciada. Valentin sacou a espada. Mas então uma flecha cravou-se na cabeça de um dos mortos, levando-o ao chão.

O que diabos está acontecendo? Valentin assumiu posição de batalha. Por reflexo conseguiu desviar de um tiro que mirava em seu crânio. *Atacam pelos flancos também.*

Sim, à direita e à esquerda da horda morta-viva arqueiros descarregavam ataques constantes. Valentin se agarrou ao primeiro morto que passou ao seu lado e o usou como escudo. Duas flechas imediatamente se cravaram no corpo apodrecido.

Os mortos agora se dividiam em três grupos: um ia para a direita e outro para a esquerda, em direção aos arqueiros, enquanto que o terceiro continuava em frente, para onde estavam as pessoas acorrentadas.

Ainda agarrado a seu escudo morto-vivo, Valentin correu, desviando das flechas. Não podia deixar aquelas pessoas à mercê dos cadáveres canibais. Então ouviu o familiar som de metal cortando carne.

Um homem com um machado infiltrara-se no meio da horda e, com bastante calma, decepava a cabeça dos mortos-vivos que tentavam se aproximar das pessoas acorrentadas. Nenhum dos mortos tentou atacá-lo. Nem uma vez sequer. Na verdade nenhum dos mortos demonstrou qualquer sinal de ter percebido o atacante.

Mais flechas atingiram o escudo morto-vivo de Valentin, tomando-o um peso inútil. O guerreiro soltou o cadáver, tentando ficar

atento a todos os acontecimentos do combate, mas a velocidade com que tudo acontecia unida à dor de cabeça que só aumentava tornava difícil se concentrar.

Por muito pouco conseguiu esticar o corpo para trás e desviar do golpe de machado. Ergueu a espada, aparando mais um ataque. Rodou sua lâmina nas mãos, em um movimento elegante, e atirou o machado longe. Mais uma chuva de flechas e um incômodo tomou seu ombro direito e coxa esquerda. Caiu.

- Inferno – disse, rangendo os dentes de raiva.

- Não atirem – o homem que lutava com o machado gritou.

Sua voz era rouca e profunda.

Ao redor, todos os mortos-vivos haviam caído. Muitos nem se mexiam enquanto outros lamentavam aos pedaços. Os arqueiros deixaram seus esconderijos e se puseram a terminar, com longas adagas, o que haviam começado com as flechas. Valentin ergueu os olhos a tempo de ver Joh ter a cabeça perfurada pela comprida lâmina de metal de um dos arqueiros.

- Desculpe. Não percebi a princípio.

O homem do machado lhe oferecia a mão em auxílio.

Valentin e tomou e se colocou de pé. Arrancou a flecha da perna enquanto o outro fazia o mesmo com a flecha do ombro. A sensação incômoda sumiu embora o buraco deixado tenha feito um belo estrago.

O homem jogou os cabelos para trás, revelando um rosto

pálido-azulado. Os lábios eram negros e os olhos leitosos.

- Você está morto – disse Valentin, surpreso.

- Não exatamente – o homem respondeu. – Como você.

Ele se virou para os arqueiros e ergueu uma mão, chamando a atenção.

- Recolham as cabeças mais frescas – ordenou. – Tivemos baixas?

- Apenas uma. Frann.

- Tragam-me sua cabeça também.

Então voltou a se virar para Valentin e o puxou pelo braço.

- Venha, preciso checar os prisioneiros – disse, indo em direção aos acorrentados.

Prisioneiros? Valentin não estava entendendo mais nada.

Podia jurar que o homem morto-vivo e os arqueiros protegiam as pessoas do ataque das criaturas. Por que haveriam de fazer prisioneiros?

- Perfeito. Ao que parece não temos nenhum prejuízo – disse o homem morto-vivo.

Um dos arqueiros se aproximou carregando uma cabeça decepada, com o cérebro já devidamente exposto. Não havia sinais de putrefação e o cheiro adocicado fez a dor de Valentin piorar ainda mais,

como se sinos de angústia soassem dentro de seu crânio.

O homem morto-vivo levou a cabeça decepada à boca e provou dos miolos. Sangue escorreu pelo queixo e caiu em seu peito. Então ele ofereceu a cabeça, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo, como se compartilhassem um mero pedaço de pão.

Sem pensar, sem nem mesmo refletir sobre tudo o que acabara de acontecer, Valentin aceitou a cabeça e cravou os dentes na carne macia e suculenta. O mais puro mel dominou seus sentidos, se espalhando por toda a língua e escorrendo garganta abaixo. A dor sumiu. A névoa ébria deixou seus pensamentos e ele se sentiu vivo por alguns segundos. Deu mais uma mordida antes de devolver a cabeça para o homem morto-vivo. Os arqueiros já se agrupavam ali perto.

- Preparem-se para partir. Ainda temos um bom tanto a andar antes do sol se por.

Os arqueiros fizeram que sim com a cabeça, da mesma forma que os soldados faziam ao receber instruções de seus superiores. *Esses homens não apenas aceitam o morto-vivo entre eles como recebem ordens dele.*

- Desculpe, mas quem são vocês?

- Perdão. Com toda essa mudança acabo esquecendo os bons costumes. Meus homens me chamam de Mão-Azul, mas meu antigo nome era Sir Gowl Mut.

-Você é um cavaleiro?

- Era, meu caro, era. As coisas andam diferentes. Hoje sou um humilde mercador.

Valentin olhou para as pessoas acorrentadas, magras, vestidas com trapos. Pareciam mais mortas que alguns mortos-vivos com quem viajara. Mais mortas que Joh, com toda a certeza. Aquele homem, aquele antigo cavaleiro vendia pessoas?

- Você não me disse seu nome - disse Mão-Azul, interrompendo os pensamentos de Valentin.

- Pode me chamar apenas de O Morto.

- Você demonstrou alguns bons movimentos agora há pouco, era um escudeiro ou algo assim?

- Algo assim.

- Poderia se juntar ao meu grupo. Uma vaga acabou de aparecer.

Os arqueiros se aprontavam para seguir em frente. Alguns limpavam as armas, outros conversavam tranquilamente ou checavam os corpos das pessoas acorrentadas.

- Procuro uma cidade – disse Valentin.

- Claro. A Necrópole.

Necrópole. O nome faz sentido. Só pode ser esse o local ao qual Yorak se referiu.

- Estão indo para lá? – perguntou.

- Não por algumas luas. A colheita ainda está pequena. Quero oferecer um lote maior e conseguir uma boa negociação, mas esses danadinhos se escondem cada vez melhor. – Mão-Azul riu, apontando para as pessoas nas correntes.

Isso não pode estar acontecendo, pensou Valentin. Um cavaleiro escravizando pessoas, usando-as como mercadoria para barganhar com mortos. Levou a mão ao cabo da espada, coisa que não passou despercebida a Mão-Azul.

- Você está bem, companheiro? – disse o outro morto, desfazendo o sorriso.

Valentin não compreendia. Como aquele homem podia mudar de comportamento tão facilmente? Como podia abandonar todos os ideais pelos quais se comprometera. Havia feito um juramento, afinal. Um juramento para toda... *vida*.

Valentin baixou os olhos e vislumbrou, por baixo do manto esfarrapado que vestia, a capa, o símbolo da Fraternidade Branca. Estava imunda, escura, coberta de sangue coagulado e terra.

Será esse o novo rumo das coisas? Teriam a bondade e os bons costumes morrido junto com nossos corpos? Valentin não sabia como agir, não sabia o que era certo ou errado. Dentro dele uma voz lhe dizia para lutar, para sacar a espada, decapitar Mão-Azul, matar todos os arqueiros e libertar aquelas pobres pessoas. Mas não seria isso um mero eco de uma consciência que não deveria mais existir? Uma

tentativa desesperada de se agarrar a uma vida encerrada? Talvez devesse realmente esquecer Valentin. Talvez devesse aceitar que era, de uma vez por todas, O Morto. E agir como tal.

Olhou para os acorrentados uma última vez. Eles não o encaravam de volta. Pelo contrário, desviavam os olhos vermelhos e brilhantes de lágrimas como se fossem algo inferior.

Na Necrópole está a resposta. Na Necrópole eu saberei como agir.

- Preciso chegar em Necrópole o mais rápido possível – disse. – Pode me ajudar?

Mão-Azul colocou uma mão sobre seu ombro, como um camarada mais experiente faria com um guerreiro novato, e apontou para o horizonte. Explicou-lhe o caminho.

O Morto ouviu com atenção.

O Morto agradeceu.

O Morto partiu, sem mais olhar para as pessoas que tão desesperadamente precisavam de Valentin.

42.

MANARA

- O que aqueles desgraçados fizeram com você? – disse Olerya, vindo em seu socorro.

Manara continuava largada sobre o chão, usada. O rosto latejava pelos socos e tapas sofridos. Arranhões espalhados ao longo das coxas faziam as pernas arderem. Sangue escorria por entre elas.

Olerya a abraçou gentilmente, com medo de tocá-la.

- Desculpe – disse. – Eu tive que cumprir com... obrigações. Desculpe.

Quanto tempo o castigo durou? Pareceu que séculos, mas era mais provável que fossem apenas algumas horas. No princípio Manara tentou gritar por socorro, inutilmente. Depois chorou. Até que enfim se rendeu. O corpo foi violado, abusado, coberto por imundície.

- Venha, vamos sair daqui – disse Olerya.

A mulher a ajudou a caminhar de volta à enfermaria, até uma cama mais ao fundo, o mais longe possível da porta, próxima a dois outros pacientes que dormiam. Olerya alcançou panos e uma bacia com água. Limpou o rosto da feiticeira e depois levou o tecido úmido até o meio de suas pernas.

Manara agarrou a mão dela.

- Não.

- Está tudo bem, querida. Sou eu. Vou cuidar de você.

- O sangue fica. A imundície deles fica.

Manara havia sido estuprada. Repetidas vezes Rubem e seus companheiros a violaram de diferentes formas, derramando a semente maldosa dentro dela. Houve dor, desespero, fraqueza. Mas, depois de cruzar o véu de todos esses sentimentos, Manara atingiu algo mais poderoso. *Eles dominam e profanam meu corpo, mas a mente é forte e dela só eu tenho controle. Eles não podem profanar minha alma,* pensou.

Durante boa parte da violência ela se dedicou à concentração. Existia poder no sangue – as cicatrizes em sua pele estavam lá para provar -, mas existia poder no sexo também. Sem perceber, seus atacantes forneceram a ela toda a energia que precisava.

- Você disse que estava cumprindo com obrigações – disse Manara. – Eu senti o álcool no hálito dos homens. O que está acontecendo?

- Você precisa descansar. Eles não voltarão hoje. Eu não vou deixar.

Manara puxou Olerya pelo manto e a encarou nos olhos.

- O que está acontecendo?

- Celebrações. A cidade prospera e o Rei premia seus fiéis.

Manara não ouvia música ou a bagunça tradicional das festividades. Ou Olerya mentia ou Valtimor, o Rei Caveira, habitava outro local.

- É no subterrâneo – explicou Olerya. – Após a escada espiral. O Rei nunca sai de lá, ele e sua guarda. Apenas os bravos são convocados. Os bravos e as mulheres.

Não era preciso falar mais. Manara entendeu tudo o que havia para entender.

- Isso quer dizer que esta torre está menos vigiada esta noite. Que os principais homens desfrutam dos mimos do seu Rei.

- Não sei o que você está pensando, mas abandone esses pensamentos. É impossível ir contra o Rei Caveira.

Manara olhou ao redor, pousando a vista sobre os instrumentos usados por Olerya para ajudar aos enfermos. Linha e agulha, ervas, sabão. Uma faca.

- Alcance-me a lâmina.

Olerya hesitou um instante, mas a intensidade na voz de Manara não dava alternativa senão a obediência. Ela alcançou a faca.

A feiticeira cortou o próprio antebraço. Não um corte fino e superficial como costumava fazer, mas profundo e dolorido. Muito sangue jorrou.

- Você enlouqueceu – disse a mulher?

Em resposta, Manara sussurrou. O sangue correu sobre a pele como uma tatuagem vermelha e viva. Ela se levantou da cama.

- Reúna quantas pessoas puder e fuja daqui – disse.

Olerya mexia a boca, mas não emitia som algum. Os olhos arregalavam-se e as mãos subiam e desciam na frente do corpo, sem saber o que fazer.

- A Necrópole não existirá depois desta noite. Pegue o que precisar pegar, avise quem quiser avisar, salve quem puder salvar, mas saia daqui. Você tem uma hora.

Sem esperar pela reação de Olerya, Manara arrancou as vestes rasgadas, ficando inteiramente nua. O corpo pequeno e de belas proporções ainda exibia ferimentos, mas o sangue vivo passeava sobre ele, reparando os danos. Manara jamais achou que tentaria o que estava prestes a fazer, mas estava feliz de ter sido curiosa, de ter estudado magia muito mais avançada do que a recomendada para sua idade ou graduação. Finalmente colocaria seu verdadeiro poder à prova.

Manara faria o sacrifício.

A voz mudou. Não vinha mais da garganta, mas das sombras dentro de si. Seus olhos giraram nas órbitas, mas ela ainda era capaz de enxergar. Virou-se para Olerya - já transformada em algo mais do que uma simples feiticeira - e interrompeu os murmúrios ancestrais apenas para dar uma ordem:

- Vá.

A outra obedeceu.

Manara, ainda segurando a faca, deixou a enfermaria e adentrou o cômodo mais escuro que encontrou, uma simples despensa. Seus murmúrios continuaram, cada vez mais rápido, cada vez mais inumanos. Ela ergueu os braços, sorriu e então enfiou a lâmina na própria carne. Uma vez depois da outra.

43.

GAWRGHONITE

- O manto da noite nos protegerá – disse o bárbaro, ajeitando uma capa preta sobre os ombros largos e passando um rolo de corda ao redor do braço. – Nenhum homem me verá até ser tarde demais.

- Não é com homens que me preocupo. Aquelas criaturas não precisam de visão para achar novas vítimas. - Havia seriedade na voz de Cão, coisa que se tornou cada vez mais comum desde o ataque das sereias.

A tripulação como um todo perdera confiança. Muitos não viam mais o mar como um refúgio e o medo dos mortos-vivos, apaziguado nos dias anteriores à fátidica batalha, regressara com força total. Por esta razão acima de todas é que tinha que ser ele, Gawrghonite, a assumir os maiores riscos novamente.

- Se quisermos seguir para o Mar do Oeste, cruzar o Flecha é nossa melhor chance.

O Flecha, um dos mais importantes rios de Romeryon, situava-se bem no meio do continente, ligando os dois mares por meio de um corpo d'água largo, mas de pouca extensão. Claro que ao longo de suas margens encontravam-se inúmeros pontos de pedágio instalado pelas Cidades Burguesas e pelo Reinado. Gawrghonite acreditara que

as barreiras tinham sido todas destruídas em função da praga mortaviva. Estivera certo até ali.

- Meu barco está pronto? – perguntou.

- Já na água – respondeu Tok-Tok.

- Eu não vou sair daqui – disse Cão. – Estou logo avisando que eu não...

- Não quero que você venha comigo – interrompeu o bárbaro. – Nem acredito que vou falar isso, mas você se mostrou muito habilidoso ao leme. Quando eu derrubar as correntes que bloqueiam o caminho, precisarei que você manobre rapidamente. Sem erros.

Cão gaguejou qualquer coisa. Tossiu. Limpou a garganta e escarrou no chão.

- Olha, ir sozinho não vai prestar – disse.

- Ele não irá sozinho – disse Cara-de-Bagre, todo trajado em negro. As bochechas redondas camufladas com uma tinta escura. – Eu vou junto.

Gawrghonite fitou o pirata então fez que sim com a cabeça. Virou-se novamente para Cão.

- Ao meu sinal, mexa-se.

Sem mais delongas o bárbaro desceu pela escada de cordas até o bote de madeira que flutuava sobre as águas do rio. Dentro dele

Mirna esperava, mantendo a pequena embarcação no lugar. Quando Cara-de-Bagre veio à bordo, a mulher subiu por onde eles tinham vindo.

- Vamos em silêncio, sem pressa – disse o bárbaro. – E olhos atentos em tudo.

Remando com movimentos lentos, os dois se afastaram do *Chaga do Mar*, rumando para a margem direita. Cerca de cem metros a frente ficava a barreira de correntes que impedia o avanço. Seria preciso ir a solo, subir as escadas da torre de pedágio, lidar com o que tivesse que ser lidado e então liberar o rio. Depois disso o *Chaga* atravessaria e eles precisariam estar prontos para subir à bordo, sob risco de serem deixados para trás.

- Você acha que há pessoas por lá? – perguntou Cara-de-Bagre.

- Acho que os mortos comeram todos, mas os mais fortes podem ter sobrevivido. E se sobreviveram, tenha certeza que sua ganância também sobreviveu.

Margearam até encontrarem um trapiche simples, coberto de limo. As águas estavam calmas e não foi difícil manobrar. Ataram o bote ao trapiche e desembarcaram.

- Deixe que vou na frente – disse Cara-de-Bagre. – Estou acostumado a não ser visto.

O pirata correu sem fazer som sobre a madeira e alcançou a

rocha. Sumiu na escuridão adiante. De repente sua cabeça surgiu detrás de uma pedra arredondada. Gawrghonite entendeu aquilo como um sinal de que tudo estava bem e foi encontrá-lo.

- Uma escadaria escavada na própria rocha sobe por uns vinte metros, logo adiante. Depois disso é a torre – disse o pirata.

Embora escorregadia, a escada de pedra não levou nenhum grande perigo. Quase em seu topo era possível enxergar boa parte do Rio Flecha. Embarcações abandonadas e danificadas despontavam aqui e ali e, no meio delas, escondia-se um vulto - o *Chaga do Mar*.

- Tudo parece calmo – disse Cara-de-Bagre.

Gawrghonite concordou. Puxou a espada e avançou até a torre, até a maciça porta de madeira negra. Não seria fácil arrombar aquilo. Nem fácil, nem silencioso. Colocou a mão aleijada sobre a superfície do obstáculo, sentindo o gelado úmido e notando algo mais.

Não está trancada.

O ranger tomou seus ouvidos, conforme a porta se abriu alguns centímetros.

Diabos. Até agora não matei ninguém. Isso está fácil demais.

- Espere aqui – disse Cara-de-Bagre, surgindo ao seu lado. – Sou mais silencioso.

- Pode ser perigoso lá dentro.

- Então fique preparado e com ouvidos abertos.

O pirata entrou e, poucos passos depois, já se mesclava às sombras. *Não é que o desgraçado é silencioso mesmo.*

Atento, Gawrghonite esperou. Agarrava a espada com a mão boa com tanta força que chegava a suar. Mantinha a cabeça próxima a abertura da porta, pronto a socorrer qualquer chamado ou sinal de combate. Mas nenhum som foi emitido.

Ele esperou.

Esperou.

Uma hora se passou sem sinal de Cara-de-Bagre.

Gawrghonite não podia mais ficar parado. Escancarou a porta, deixando a parca luminosidade da lua entrar, e então avançou.

Após os primeiros degraus, tudo ficou escuro, fazendo o bárbaro acelerar o passo. A escadaria era como um túnel de puro vazio onde os olhos não captavam nada e o próprio som virava uma confusão de ecos. Estar ali o incomodava, fazia seus instintos despertarem, a adrenalina correr. Gawrghonite foi feito para trucidar oponentes no campo de batalha, não para percorrer ruínas vazias e assombradas. Sentia-se como uma caça ali. A sensação era horrível.

Alcançou uma altura onde janelas na rocha traziam novamente a luz. Respirou aliviado. Dali por diante a escada se transformava em um espiral que levava à sala das correntes, com janelas a cada poucos metros.

Onde está Cara-de-Bagre? Não havia outro caminho ou saída. O pirata só podia ter seguido por ali.

Gawrghonite seguiu. Vislumbrou uma sombra na escada mas, quando se preparou para atacar, percebeu que era um cadáver a muito esfaçalhado. A cabeça fora destruída e o corpo esquelético exibia buracos na carne, provavelmente o banquete de aves carniceiras.

Alcançou a sala das correntes, um amplo cômodo mergulhado em penumbra onde diversas engrenagens as quais o bárbaro não compreendia mantinham as grossas correntes suspensas sobre o rio, impedindo que embarcações avançassem. Um canhão também estava ali, com a boca apontada para uma buraco na pedra, em direção ao rio. Ninguém passava sem pagar.

Gawrghonite olhou ao redor. Nenhum sinal de Cara-de-Bagre.
Bom, dane-se o estúpido.

Sem ter a mínima ideia de como operar as engrenagens, o bárbaro empunhou a espada com as duas mãos e golpeou tudo o que podia ser golpeado até ouvir o som metálico das correntes caindo. Sorriu contente. Tirou duas pedras pretas de dentro de um pequeno saco em seu cinturão e bateu uma contra a outra, produzindo grandes faíscas. O sinal para Cão. Agora só precisava correr de volta para a margem.

Depois disso não faltará muito. Alguns dias de navegação e estarei em casa, como me pediram os dragões.

Antes de seguir até a escada olhou mais uma vez o cômodo,

intrigado com o sumiço de Cara-de-Bagre. Ao dar as costas, porém, sentiu a lâmina penetrar seu flanco. Um ataque pelas costas.

O desgraçado é mesmo silencioso.

As pernas fraquejaram e o bárbaro quase caiu. Esticou um braço à frente, procurando apoio na parede de pedra. A lâmina saiu e entrou na lateral do corpo mais duas vezes.

- Morra, estúpido – disse Cara-de-Bagre. – Eu serei o novo capitão.

O pirata golpeava repetidamente no mesmo ponto e bastante sangue já espirrava. O ataque oportunista e de surpresa seria suficiente para matar um grande guerreiro, mas Gawrghonite não era apenas um grande guerreiro. Gawrghonite era o mais incrível homem a pisar sobre Romeryon. Não havia ninguém mais forte que ele.

Soltando a espada, o bárbaro usou a própria mão para apara a lâmina do pirata. Puxou-o para junto de si e o prendeu em um poderoso abraço. Cara-de-Bagre gritou. Gawrghonite apertou mais e ouviu a coluna do outro partir, então largou-o no chão.

- Minhas pernas, não sinto minhas pernas – chorava Cara-de-Bagre.

Mas Gawrghonite mal ouvia. A raiva gerada pelo ato de covardia o dominou. O sangue corria veloz nas veias, os dentes rangiam, os ferimentos mal incomodavam. O bárbaro puxou o pirata pelos cabelos e o arrastou até a primeira janela.

- Não. Por favor, me desculpe – pediu Cara-de-Bagre ao perceber os planos do bárbaro.

A janela era pequena demais para que um humano passasse por ela, mas Gawrghonite deu um jeito. Enfiou o pirata no vão e, com chutes que faziam a estrutura de pedra tremer, atravessou Cara-de-Bagre, centímetro a centímetro, osso quebrado a osso quebrado, para o lado de fora.

Um último grito. Então o som das tripas explodindo no impacto com o solo.

Os batimentos cardíacos do bárbaro lentamente voltaram ao normal, a fúria diminuiu, a respiração regularizou. Ele levou a mão ao flanco, aos muitos buracos por onde seu sangue jorrava. Apertou com força.

Ainda precisava voltar ao *Chaga do Mar*.

Deu o primeiro passo na escada. Caiu. Rolou pelos degraus, batendo todo o enorme corpo pelo caminho.

Merda. Malditos piratas.

44.

O MORTO

Ele vagava pelos ermos, indo sempre na direção indicada por Mão-Azul. Ao longo do caminho refletiu constantemente sobre seus atos. A parte racional de sua mente morta concordava com a linha de ação escolhida. Ele não era mais Valentin. Não fazia sentido se comportar como tal.

Mas então por que esse vazio no meu peito? Por que o peso na consciência?

Lutava consigo mesmo, mas não voltou atrás. Seria inútil. Mão-Azul e seu grupo de caçadores poderia estar em qualquer lugar agora. Tudo o que restava ao Morto era seguir em frente e encontrar a Necrópole.

Caminhou sozinho, sem parar nem de dia ou de noite. Às vezes sentia falta de Joh e se pegou falando sozinho uma ou duas vezes. Estaria enlouquecendo?

Então, durante um entardecer, ao cruzar um pequeno campo arborizado, reconheceu o som da corda de um arco sendo disparado. Mas nenhuma flecha veio em sua direção. Ele ainda não tinha sido visto.

O Morto esgueirou-se para junto de uma árvore de tronco

grosso, puxou o capuz da capa e enrolou um tecido ao redor do pescoço. Apurou os ouvidos. Vozes. Um homem e uma mulher. Furtivamente foi até eles.

O Morto estava certo quanto aos sons que ouvira. O homem carregava um arco e fazia mira enquanto a mulher pedia por mais silêncio. Os dois fixavam os olhos nos galhos de uma árvore alta, próxima da onde o Morto observava, onde um gato-das-frutas tentava se esconder.

- Não vá assustá-lo de novo – disse a mulher.

- Silêncio. Não me atrapalhe – respondeu o homem.

O gato-das-frutas mostrava as presas e se encolhia, tentando intimidar seus atacantes. Um instante se passou e então o som da corda do arco. O gato saltou para o lado e então caiu lá do alto.

- Isso. – disse a mulher, correndo em direção à caça, com um sorriso tímido nos lábios.

- Não. Espere – pediu o outro.

A mulher não lhe deu atenção. Correu e se ajoelhou ao lado do gato-das-frutas. Mexeu no corpo, provavelmente ansiosa para se alimentar, mas aí veio a surpresa. O animal apenas fingia-se de morto para atacar. Saltou sobre a mulher e tentou mordê-la no pescoço.

Ela começou a gritar.

Outro erro.

A mulher usava o antebraço para se defender dos ataques e o vermelho do sangue já pintava suas roupas. Enquanto isso, a alguns metros, o homem tentava aprontar mais uma flecha, mas tremia tanto que a tarefa se mostrava impossível.

O Morto nem mesmo pensou. Quando deu por si já estava sobre o gato, enfiando a espada na carne do bicho.

- Calma, está tudo bem – disse. – Apenas fique quieta.

A mulher chorava copiosamente agarrada ao braço ferido. Aquilo precisaria de tratamento, mas não representava grande perigo de imediato.

- Faça silêncio.

O homem correu para junto deles e abraçou a mulher.

- Obrigado, muito obrigado – disse.

Então olhou para o rosto do Morto e a expressão de gratidão que carregava dissolveu-se. Medo tomou o lugar. Ele acertou o Morto com o arco de madeira, derrubando-o.

- Não vou lhes fazer mal – disse o Morto.

Mas os dois já corriam desesperados pela mata.

Diabos. E nem levaram o gato.

O Morto se recompôs, jogou o animal morto sobre o ombro e foi atrás do casal.

Avançavam rápido, mesmo com a mulher ferida. De tempos em tempos olhavam por sobre os ombros, então a mulher gritava e tentava correr mais rápido ainda. Deixaram a mata e atravessaram um campo próximo a uma colina.

- Quero apenas falar com vocês – o Morto gritou.

É inútil. Eles não vão parar. No lugar deles, eu pararia?

Provavelmente não.

O Morto aceitou que precisaria continuar correndo e aguardar que o casal desabasse de cansaço, coisa que não aconteceria com ele, com seus músculos cadavéricos e os pulmões que não necessitavam de ar.

Subiram a colina e, do outro lado, o Morto viu um posto de guarda para onde o casal se dirigia. Ao fundo, o que parecia uma vila devorada pela destruição.

- Ajudem. Ajudem – gritava o homem. A mulher apenas soluçava.

Mais pessoas saíram de dentro do posto de guarda e foram em socorro dos dois fugitivos. E elas portavam armas.

O Morto diminuiu o passo e sacou a própria espada. Não queria matar ninguém, mas tampouco desejava ser feito em pedaços logo agora. Aproximou-se do posto de guarda e dois homens avançaram sobre ele.

Os golpes de espada foram bloqueados com facilidade, mesmo com o peso extra do gato-das-frutas. Aqueles homens não eram guerreiros experientes. Mal sabiam como segurar uma espada.

- Não quero comê-los – disse o Morto.

Um novo golpe, com mais força do que técnica, visou sua cabeça. Ele deu um passo para trás e esquivou sem dificuldade. Com o ombro deslocou seu atacante, levando-o ao chão. O corpo do gato acabou caindo com o sacolejar.

O outro tentou aproveitar o momento e deu uma estocada. Teve a espada tocada um punhado de vezes e então se viu desarmado.

O Morto pisou sobre o homem caído e apontou a lâmina para o outro.

- Pelos deuses, ele vai matar todos nós – ouviu alguém gritar.

Mais pessoas corriam em sua direção. Nas mãos traziam porretes e maçãs improvisadas

Essas pessoas não são combatentes. Posso matá-las sem dificuldades, mas não tenho a menor vontade de fazê-lo. A dúvida é se elas terão clemência comigo.

A distância entre o grupo e o Morto diminuía rapidamente. Ele olhou para o homem ao seus pés que rezava de olhos fechados. O outro mantinha as mãos para o alto, imóvel.

O Morto cravou a espada no solo e se ajoelhou. Puxou o corpo do gato-das-frutas e o estendeu aos homens, como se oferecesse um presente. Manteve a cabeça baixa.

As pessoas o rodearam, mas pareciam não saber o que fazer. Perguntavam umas às outras o que viria a seguir, mas ninguém respondia. O Morto aproveitou o momento.

- Sou apenas um andarilho, uma vítima dessa praga. Não quero fazer mal a vocês.

Uma mulher de cabelos vermelhos e sardas assumiu a frente. Seu rosto exibia sinais de cansaço e rugas ao redor dos olhos e da boca.

- O que você quer então? – perguntou.

- Informação.

A mulher deu algumas ordens. A espada do Morto foi tomada, o corpo do gato recolhido e as pessoas se dispersaram.

- Vamos conversar lá dentro.

O posto de guarda não era grande e estava bastante danificado, mas servia de refúgio para o pequeno grupo. Aquelas eram pessoas simples e assustadas, ainda mais perdidas que ele.

- Você tem nome? – perguntou a mulher.

- O Morto.

Ela o fitou, como se não soubesse se ele estava realmente falando sério.

- Os mais habilidosos em armas saíram para caçar. Os que ficaram se assustaram ao ver você – explicou.

- Desculpe. Não há muito que posso fazer quanto a isso – o Morto apontou para suas feridas.

- Não é seu aspecto que os assusta. Eles viram muitos mortos-vivos antes. Até matamos alguns do seu tipo, falantes.

O Morto definiria a si mesmo como muito mais do que um morto-vivo falante, mas não teceu comentários. Ao invés disso seguiu o dedo que a mulher esticava e viu dois elmos fechados jogados em um canto.

- Os antigos donos desses elmos eram como você. Eles faziam mal ao povo – explicou ela.

- Você fala de um povo. Eu procuro um local do qual ouvi falar, pessoas que sobreviveram e iniciaram uma espécie de sociedade.

A mulher deu uma risada cansada, triste.

- O que pensa encontrar por lá? – perguntou.

- Respostas. Algum sentido.

- A Necrópole tinha muitas coisas, mas nenhuma dessas que você procura.

Tinha? Como assim, tinha? Seria a Necrópole aquela ruína que vi ao longe? Não. Não pode ser. Não agora que estou tão perto.

- A sociedade que você procura era um antro de exploração e medo. Um local desumano – continuou a mulher de sardas. – De qualquer forma, isso não importa agora, graças a Manara.

O Morto se levantou de súbito, assustando as pessoas ao redor.

- O que você disse? – perguntou.

- Que nada disso importa.

- Não, você falou um nome.

45.

MANARA

No vazio, tudo o que resta a um feiticeiro é sua mente. A pura força de vontade é o que mantém a realidade coesa quando todo o ser é desfeito, transmutado em trevas e jogado em uma dimensão além da compreensão humana. Viajar no vazio é perigoso mesmo para sábios com uma vida toda de experiência. Mesmo assim, é o que Manara fazia. E não fazia sozinha.

Eu posso fazer isso. Meu é o poder, a vontade, o talento. Eu vou sobreviver a isso. Vou viajar por quilômetros. Vou restaurar meu corpo e o de Valtimor, então arrancarei do maldito cada grama de informação, tudo o que ele sabe sobre a praga. E também o que sabe sobre ressuscitar os mortos.

A lembrança de Valentin a assombrou, desconcentrando-a por uma fração de segundo. Manara domou a mente como quem controla um garanhão furioso e voltou a se focar por completo na feitiçaria.

Estava em perigo. Os poderosos feitiços que fazia iriam cobrar um alto preço, mesmo levando em conta toda a energia obtida através do sexo e do seu sangue. Na verdade o que estava em jogo ia além do sangue. A feitiçaria negra que usava roubava sua vida.

Se eu não superá-lo, se a feitiçaria de Asfódelos não for

superior à necromancia dele, então morrerei, pois um sacrifício será exigido.

E ela planejava que fosse Valtimor, o Rei Caveira, a ser sacrificado em seu lugar. Quando e onde, não sabia. Ao viajar no vazio um feiticeiro perde toda a noção de tempo e espaço. Poderia estar ali, se concentrando há séculos, ou então há meros minutos.

Não importa, pensou. Onde e quando for, eu não falharei. Não depois de tudo o que fiz.

Na noite do estupro, após avisar Olerya para que fugisse, Manara invocou as mais sombrias forças em seu auxílio. Cortou os dois pulsos, deixando o sangue e a vida escorrerem e se transformarem em pura energia mística. Quando sentiu que estava pronta, desceu até o salão do Rei Caveira.

- Olha só o que temos aqui – disse um dos guardas ao avistá-la nua, ao longe. Provavelmente o homem ainda não tinha percebido que o líquido vermelho que cobria seu corpo era sangue.

Manara caminhou para perto e as palavras obscenas deram lugar a gritos de surpresa.

Tentáculos vieram das sombras. Tentáculos famintos, negros e gosmentos como piche, com milhares de bocas de dentes afiados. Os guardas não duraram nem um minuto. A porta, menos ainda.

Dentro do salão do Rei Caveira a festa continuava.

Alguém de pouca habilidade cantava alto. Mesas de madeira serviam frutas e carne enquanto barris de bebida abasteciam a animalidade dos escolhidos de Valtimor. Garotas novas – novas demais - satisfaziam outros desejos.

No outro extremo, cercado por guardas de mantos pesados e elmos fechados, Manara avistou um homem com uma coroa.

- Eu quero que todos morram – disse ela, levantando as mãos.

Os tentáculos avançaram e tudo foi pintado de negro e vermelho. As bocas bizarras tinham fome e devoravam o que estivesse em seu caminho, até mesmo algumas das garotas inocentes. Não se ouviu mais o cantor. Os guerreiros logo foram às armas e se embrenharam numa luta brutal com os monstros de sombras. Os guardas do Rei Caveira fecharam o cerco, protegendo o ser vil.

- Valtimor – Manara gritou com sua voz sobrenatural. – Você é meu.

Ela caminhou, levando a destruição consigo. Não demorou para que as tochas caídas iniciassem um incêndio que, se não apagado de pronto, certamente engoliria a torre de madeira. Manara torceu para que Olerya tivesse conseguido escapar.

O fedor da morte e os gritos de angústia a agradavam. Doce fragrância e delicada sinfonia. Manara soltou uma gargalhada em meio ao inferno que ela mesmo criara, então ouviu uma voz que reconheceu.

- É a cadela que trouxemos – disse Rubem à sua esquerda.

O covarde se escondia atrás de uma mesa tombada. Ela se virou para ele, alheia a todo o resto. Bastou um movimento de sua mão para que a mesa fosse feita em pedaços.

- Sua vaca maldita – disse ele, arremessando uma adaga em sua direção. Imediatamente um tentáculo se ergueu e engoliu a arma.

Rubem puxou a espada da cintura e avançou contra ela. Manara ergueu a mão a frente do corpo. Todos os dedos abertos. Cinco tentáculos avançaram e agarraram o estuprador pelos braços, pernas e pescoço.

Ela reservara aquela energia para gastar com Valtimor e sua guarda, mas não conseguia resistir a fazer um pouco de justiça. A vingar o que tinham feito com ela.

Os tentáculos levaram seus dentes pontiagudos até bem próximo do rosto de Rubem. O desgraçado se debatia e chorava, com olhos tão arregalados que poderiam cair das órbitas. Manara sorriu ao sentir o cheiro da merda.

Inclinando levemente a cabeça para a direita, a feiticeira fez com que um dos tentáculos fosse até o meio das pernas de Rubem.

- Não – ele implorou. – Pelo amor dos deuses, NÃO.

Os dentes atacaram, misturando sangue às fezes que sujavam as calças, mas Manara não estava satisfeita. Ela piscou e outros

tentáculos surgiram, menores, em formatos fállicos.

- NÃO – Rubem gritou uma última vez, antes de ser penetrado em todos os orifícios.

Manara voltou a olhar na direção do Rei Caveira, mas não o encontrou. Não podia perdê-lo. Correu para o meio do salão, já tomado pelas chamas. Alguns guardas passaram correndo por ela, mas outros quiseram ficar e lutar.

Não tenho tempo pra isso.

Ela inspirou fundo e depois soltou um grito de raiva. Uma explosão de sombras saiu de seu peito e cobriu o salão, jogando os oponentes contra as paredes.

Apressada, avançou até o trono onde Valtimor se sentara. Encontrou, atrás do trono, uma pequena passagem. Passou por ela sem pensar.

Finalmente.

Lá estava o maldito, o profano, encolhido no canto de uma cama de lençóis dourados. Ele ergueu as mãos e abriu a boca para falar, mas Manara não lhe daria tempo para invocar seus feitiços traiçoeiros. Atirando-se sobre ele, ela invocou todo o poder de sua magia para transformar seus corpos em sombras e então penetrar no vazio.

E pelo vazio eles viajaram.

Sentiu algo, uma sensação carnal, dor. De repente os dois corpos desabaram contra a grama úmida em um vasto campo. A viagem havia terminado.

Manara sentiu uma pressão muito forte na cabeça e o estômago embrulhou. Vomitou em grande quantidade até finalmente ter condições de se levantar. Valtimor, a poucos metros de distância, ainda lutava contra o enjoo.

O céu mostrava um tom escuro de azul, impossível de saber se amanhecia ou anoitecia. O vento gelado beijou a pele nua da feiticeira, arrepiando seus pelos. Sangue ainda vertia dos cortes nos pulsos.

Não perca tempo.

Manara foi até o necromante, um homem ricamente trajado, com cabelos longos e grisalhos, e o chutou nas costelas.

- Você vai me contar tudo, ouviu? Tudo!

Chutou-o novamente.

- Quero saber tudo o que sabe, quero saber sobre a praga e sobre como trazer os mortos de volta.

Mais um chute.

Valtimor não parava de tossir. O rosto vermelho. Veias saltando nas têmporas.

- Quero saber sobre necromancia – exigiu Manara.

O outrora Rei Caveira fazia o melhor para se proteger dos chutes. Rastejou para o lado, tentando se afastar. Sem forças, caiu. Puxava o ar com força, tossindo de vez em quando.

- Desculpe. Desculpe – repetia. – Desculpe.

- Está se desculpando pelo quê?

Ele olhou fundo nos olhos dela e respondeu:

- Eu não sou um necromante.

46.

GAWRGHONITE

Os dragões gritavam no escuro, perdidos, batendo as enormes asas no vazio gelado, formando ondas de vento que jogavam os cabelos do bárbaro para trás. Seus rugidos eram raivosos, implacáveis, mas também pareciam *tristes*.

Eu estou a caminho, pensou Gawrghonite, dentro de seu sonho. *Calma. Não falharei com vocês*.

Gawrghonite acordou com a dor no flanco, onde a lâmina de Cara-de-Bagre penetrara. Algum estrago foi feito em seu interior, pois toda vez que Mirna vinha trocar seus curativos ele sentia um incômodo agudo.

- Desculpe – disse a mulher, passando um pano úmido sobre os pontos improvisados.

Gawrghonite resmungou algo em resposta. Não tinha nem aberto os olhos ainda. Sentia-se cansado, como se sua jornada estivesse durando muito mais do que deveria. Mexeu-se na cama, se colocando numa posição que facilitaria a Mirna terminar os curativos. A brisa marinha refrescou seu rosto e trouxe o cheiro da água salgada.

Mas havia mais alguma coisa naquele cheiro, algo familiar, algo que ele nunca esqueceria.

Estou em casa.

Levantou-se de repente, ignorando tanto a mulher que o auxiliava quanto os ferimentos parcialmente tratados. Correu para o convés do jeito que estava, com as feridas expostas e nu da cabeça aos pés, a não ser pelos colares e pulseiras artesanais que sempre usava.

- Descer âncora – ouviu Cão gritar.

Os homens apressaram-se a cumprir suas funções.

Gawrghonite ouviu o som do metal batendo na água e compreendeu que finalmente chegavam no destino que ele indicara: estavam na costa oeste de Romeryon, nas praias aos pés das montanhas das Terras Mortas, nos domínios de sua tribo.

Correu para as escadas que levavam à bancada do leme. Lá de cima enxergaria melhor os assentamentos tribais, as fumaças ritualísticas, seus irmãos e irmãs trabalhando ao longe, como pequenas formigas.

- Espere – Cão se colocou no meio do caminho. – Tem certeza que é daqui que você vem?

- Venho das montanhas, mas o povo daqui é meu parente.

Gawrghonite deu um passo para o lado, mas Cão se colocou no caminho mais uma vez.

- Por que está me atrapalhando, estúpido?

O velho ladino o fitou com uma expressão pesarosa, pareceu

procurar algo para falar mas logo desistiu, tirou o chapéu de capitão e então deu passagem. Gawrghonite seguiu adiante. Outros de seus comandados esperavam sobre a bancada, todos cabisbaixos, todos abrindo caminho para o poderoso guerreiro.

Gawrghonite aguçou os olhos e mirou sua terra.

Não. Isso está errado. Não pode ser verdade.

Aquela era sua casa, um lugar que ele visitara tantas e tantas vezes quando jovem. Lançara-se ao mar ali, naquelas praias, em busca de aventuras e glória. Possuía incontáveis mulheres sobre as areias. Esmagara crânios nos campos que se seguiam. As montanhas ao fundo o haviam talhado na incrível figura que era hoje.

Gawrghonite reconhecia cada detalhe. Ainda assim, tudo parecia diferente.

O Morro do Lagarto sumira por completo e a mata adjacente à praia fora consumida por um violento incêndio. Não existia movimentação de nenhum tipo. Nenhum sinal de cabanas sobre a areia. Na verdade a própria areia estava diferente, refletindo a luz do sol como se fosse feita de vidro.

- O lugar não resistiu – disse Cão, colocando a mão sobre o ombro do bárbaro. – Mortos-vivos desgraçados.

Ouviu-se um estralar alto.

- O que fez isso aí não foi morto-vivo, não – disse Tok-tok.

- É óbvio que foi, você não sabe como eles são ardilosos – insistiu Cão, adotando o tom de voz arranhado que usava sempre que queria parecer sábio.

- Não foi.

- Ah, não? Então o que é que destruiu uma vila inteira de bárbaros?

- Um dragão – respondeu Gawrghonite.

O bárbaro deu às costas à tripulação boquiaberta e desceu as escadas. Quando pisou sobre a madeira do convés, Cão disparou atrás dele. Tok-tok seguiu logo atrás.

- Como assim , um dragão? – perguntou o velho.

Gawrghonite entrou em sua cabine sem falar nada. Mirna ainda estava lá. Ele virou as costas para ela e ergueu um dos braços, deixando os ferimentos bem à mostra. Como se nunca tivesse sido interrompida, a mulher voltou a tratá-los.

- Você estava falando sério, chefe? – insistiu Tok-tok.

- Havia um morro ali, um monte sagrado onde nossos sacerdotes realizavam rituais de passagem e de glorificação. O Morro do Lagarto era o nosso elo com um passado mítico e orgulhoso. E ele desapareceu.

- Não vejo o que isso tem a ver com um dragão – disse Cão.

Mima terminou o curativo e saiu sem emitir palavra.

Gawrghonite alcançou as roupas e se vestiu.

- Simples – disse. – O Morro do Lagarto era um túmulo. O local de descanso final de Tyamath, o dragão-pai.

- O morro todo era um túmulo?

Gawrghonite fez que sim com a cabeça. Cão e Tok-tok se entreolharam.

- Você está dizendo que um dragão gigante que vivia dentro do morro acordou de repente, destruiu uma tribo inteira além de quilômetros e quilômetros de vegetação e transformou areia em vidro com baforadas de fogo?

Gawrghonite alcançou a espada sobre a mesa e testou seu fio. Voltou a guardá-la e cuidadosamente assentou-a nas costas.

- Não – respondeu. – Acordou não, voltou dos mortos.

47.

O MORTO

Ele se acostumara com o fedor da morte. Mal sentia o próprio aroma e podia ficar na companhia de mortos-vivos muito mais apodrecidos sem que isso o incomodasse.

Mas a Necrópole o incomodava.

Conforme caminhava no lamaçal que servia de caminho, reparava nos corpos cobertos de moscas e vermes. As tripas expostas enegrecidas. As cabeças abertas e vazias.

Ao nauseante odor de podridão se juntava o cheiro de madeira e carne queimada. *Isso não é uma sociedade, não é uma nova luz. Este lugar é a mais pura degeneração.* Seguia em direção ao meio da cidade, àquela ilha escavada onde uma pilha de destroços chamuscados era tudo o que restara da presença dos vivos.

O Morto ajeitou o elmo sobre a cabeça. Após conversar com a mulher de sardas achou melhor se aproximar da Necrópole com cautela, disfarçado. E ninguém mais parecia querer usar o equipamento pertencente aos mortos-vivos falantes, de qualquer maneira.

Conforme chegava mais perto de seu destino, os cadáveres ambulantes se tornavam mais frequentes. Um bando devorava os restos de um boi de carga. Outro mastigava incansavelmente corpos

ensanguentados.

O sangue parecia vivo. Aquela morte fora recente.

Manara, o que você fez aqui?

O Morto diminuiu o passo. Embora ansiasse por saber sobre a feiticeira, ao mesmo tempo temia encontrá-la. Talvez a achasse caída junto de outros cadáveres, talvez ela própria tivesse sido vitimada pela praga... ou talvez ela o aguardasse. Ele não queria que Manara o visse daquele jeito. Preferia que a bela guardasse uma lembrança mais digna de si.

Espero que esteja viva. E longe daqui.

Agora estava quase no fosso. Já identificava movimentação do lado de dentro, na ilha. *Então há sobreviventes.* As pessoas pareciam trabalhar em algo. Talvez no resgate a feridos nos escombros.

Mas ao avançar mais o Morto viu o que faziam na verdade: Um banquete.

A longa mesa de madeira estava coberta de sangue, como se a mais bela e rubra das toalhas de mesa tivesse acabado de ser estendida. Corpos de cabeças abertas se empilhavam uns sobre os outros enquanto mortos-vivos em mantos escuros entregavam-se à gula. Elmos semelhantes àquele que o Morto usava descansavam nas proximidades. *Outros como eu, falantes.* O mais chocante, no entanto, não era o festim carnívoro, mas a presença submissa de homens, mulheres e crianças entre os mortos-vivos. Pessoas que corriam de lá

para cá, prontas a cumprir as vontades dos falantes.

O Morto alcançou a beirada do fosso e olhou para baixo. Dezenas, talvez centenas de corpos apodrecidos mexiam-se lá no fundo, de forma débil. A passagem era impossível a menos que existisse uma...

- Ponte – uma voz rouca gritou. – Baixem a porcaria da ponte.

O ruído enferrujado chiou alto. Uma ponte levadiça de aspecto feio começou a ser baixada ali perto. Mortos-vivos comuns se aproximaram. A ponte parou.

Compreendendo o que acontecia, o Morto desembainhou a espada e matou dois dos monstros. Chutou outros para dentro do fosso. A ponte continuou seu caminho e ele a atravessou. Novo chiado e a ponte foi novamente erguida.

Um garoto recém-saído da infância correu em sua direção e, tremendo dos pés à cabeça, estendeu-lhe uma bandeja. Sobre ela, pedaços de cérebro fresco. O cheiro levou formigamento à boca do Morto.

- Não – disse.

Caminhou em direção à mesa. Duas mulheres recolhiam um corpo cujos miolos já haviam sido devorados. Seus rostos sujos traziam riscos mais claros sobre as bochechas, por onde as lágrimas tinham escorrido.

- Salve, irmão. Tivemos um probleminha caseiro – disse a voz rouca, de um dos falantes, confundindo o Morto com um dos seus. – Mas a despensa ficou carregada.

O falante começou a rir descontroladamente.

Seria possível que alguém já morto enlouquecesse?

O Morto ouviu um ruído alto, uma pancada na madeira. Olhou para a esquerda, para onde um homem decepava, com golpes certos de cutelo, braços e pernas dos cadáveres sem cérebro. Cestos a sua frente serviam para separar os membros.

- Queremos mais, seus inúteis – gritou o falante de voz rouca. – Se não acharem mais cabeças, nós vamos comer as suas.

As pessoas se agitaram, carregando mais corpos para a mesa. Os corpos de concidadãos, amigos, filhos, esposas, amantes. Tudo para apacar a fome dos mortos-vivos.

Eu cheguei ao inferno, pensou o Morto. Manara não está aqui. Não ha nada para mim aqui.

Então ouviu um grito de criança. Virou-se na direção a tempo de ver um morto-vivo de negro arrancar uma garotinha dos braços do pai. O pobre homem tentou reagir, mas foi imediatamente golpeado na cabeça com uma maça cheia de pontas. Seu corpo caiu ao chão e começou a tremer.

Monstro, pensou o Morto, recordando de quando ele mesmo

assassinara um pai na frente da filha. Lembrou da tentativa frustrada de proteger a criança e de como não só fôlhara como também quase perecera na ocasião. Queria ser um herói, mas se revelou um monstro.

A garotinha gritava nas mãos do morto-vivo enquanto o pai se esvaía em sangue no chão barroso.

- Você parece apetitosa – disse o morto-vivo.

O Morto caminhou até lá e, em um golpe certo, decepou o morto-vivo. Pegou a garotinha no colo antes que o corpo do oponente atingisse o chão.

- Está tudo bem – disse.

Sentiu bracinhos envolverem seu pescoço e apertarem forte. A menina chorava e procurava se aninhar em seu corpo gelado.

Os falantes sentados à mesa se levantaram de pronto, todos os seis, já alcançando as armas. Sangue e miolos escorriam das bocas. As barrigas inchadas pressionavam as vestes.

- O Rei se foi – disse o da voz rouca. – Não há motivo para não comermos. Podemos fazer o que quisermos.

O Morto recuou alguns passos, colocou a garotinha no chão e se meteu entre ela e os falantes. Arrancou o elmo fechado que usava e o atirou longe.

O falante da voz rouca assumiu a dianteira do grupo, levantando a própria espada na frente do corpo e apontando para o

Morto.

- Podemos comer sua cabeça – disse. – Não tente bancar o herói.

O Morto apertou firme o cabo da espada.

Proverei que você estava errado, pai.

Atacou.

48.

MANARA

- Sou uma fraude, uma colcha de retalhos – chorava Valtimor.

– Por favor, não me mate.

Manara montava sobre o corpo do outrora Rei Caveira. Suas coxas prendiam os braços do verme e as mãos cobertas de sangue o pressionavam na garganta. A feiticeira sentia o desespero crescer na mesma proporção de sua raiva.

- A torre de madeira na Necrópole, os mortos a seu serviço.

Explique – ordenou com a voz sombria.

- Eu conheço alguns truques, mas nada demais. Convivi com feiticeiros, bruxos e architectus, aprendi com eles, mas não sou um necromante.

Aprendizado com um architectus. Isso explicaria a criação e manutenção da grande estrutura de madeira, mas a feitura de mortos-vivos exigia grande conhecimento e experiência. O porco mente.

Manara espremeu o pescoço de Valtimor, fazendo a língua do necromante saltar. Em meio a tosses engasgadas, ele tentava pedir clemência.

- Os mortos... foi ideia... deles.

Manara afrouxou as mãos. Valtimor tossiu e babou. Puxou o ar como um desesperado.

- Eu não ressuscitei os mortos – disse ele -, apenas fiz um acordo com eles. Sou esperto. Você teria feito o mesmo.

Então ele fez a revelação, destruindo os planos e altos ideais da feiticeira.

Valtimor não era nem seu nome verdadeiro, mas uma alcunha que tinha emprestado de um terrível necromante há muito varrido da face de Romeryon, um ser sombrio mais lenda do submundo do que realidade. Isso explicava porque Manara reconhecia o nome.

- Eu sou Agenor, o Ator.

Agenor explicou se tratar de um tipo diferente de ladino, um enganador e infiltrador que tinha o papel de se introduzir em determinados círculos para roubar informações. Ele havia convivido com todo tipo de larápio, feiticeiros sem escrúpulos e golpistas. Foi assim que ouviu falar sobre a praga de mortos-vivos e foi assim também que desenvolveu aquele plano para obter poder.

- Quando os mortos se ergueram, eu lembrei das lendas, eu me preparei. Muitos de meus antigos companheiros morreram, mas um deles não permaneceu morto – explicou ele.

- Seu companheiro se tornou um daqueles monstros canibais.

- Não exatamente. Ele era um morto-vivo, claro, mas podia falar e pensar. Para isso devia comer cérebros de tempos em tempos ou a própria mente começava a sumir.

Pelos deuses, se os mortos-vivos tradicionais já fizeram isso com o mundo, o que mortos inteligentes poderiam fazer? As pessoas os temeriam, os veriam como superiores. Eles poderiam se tornar a nova nobreza, a feiticeira pensou. E alguém que soubesse manipulá-los poderia ser um rei.

- Sua guarda pessoal – concluiu Manara. – São todos mortos pensantes.

Agenor fez que sim com a cabeça e continuou seu relato. Contou que ao realizar o acordo com os mortos, acabou possibilitando a existência de uma cidade que poderia sustentar tanto os vivos quanto os mortos, o início de uma nova sociedade.

- Vocês escravizaram os mais fracos, os degradaram e dominaram – disse Manara.

- O projeto ainda precisa de uma melhorias, é verdade...

A feiticeira puxou a faca ao lado e cravou acima da clavícula de Agenor, arrancando-lhe um grito de dor. *O conhecimento é uma responsabilidade, não uma arma. Homens assim não merecem o que sabem. Eu mereço.*

- Você disse saber sobre a praga, como? Não há registros dela em livros.

- Não, não há. Ladinos possuem uma tradição oral. Nada de livros.

Uma lágrima solitária insistiu em brotar do olho de Manara. Não de tristeza ou ira - o que ela certamente sentia -, mas de decepção.

Aquela situação dizia muito sobre o mundo e sua ruína.

Ela, Manara, foi talvez o maior talento de Asfodelos em décadas, uma garota capaz de absorver as palavras dos livros como uma esponja absorve água. Do outro lado estava Agenor, um larápio que através da malandragem se equipava com boatos e fofocas. E Agenor levava a melhor. A esperteza sobrepujara a inteligência.

- Quero saber tudo o que sabe – sentenciou.

Segundo Agenor, a praga morta-viva era uma doença antiga, anterior à criação dos homens. Há muito tempo, quando os dragões povoavam toda Romeryon, seu poder se tornou tão grande que enciumou os deuses. Estes, temendo a perda de seu domínio para os lagartos, se reuniram e criaram uma doença terrível, uma peste que daria um jeito na ameaça. Assim nasceu a praga morta-viva.

No princípio o plano deu certo. Os dragões se mostraram especialmente vulneráveis à praga, morrendo e voltando dos mortos como bestas esfomeadas que devoravam sua própria espécie. Mas a doença mudou, evoluiu. Ela não se limitava mais apenas aos dragões, tendo se espalhado pelas outras raças e também invadido o mundo superior, a morada dos próprios deuses.

Desesperados e conscientes do mau que haviam originado, os deuses fizeram uma trégua com os dragões e trataram de controlar a doença. Por eras seus esforços se concentraram em varrer a praga de Romeryon. Não foi fácil. Dezenas de divindades caíram. Os dragões quase foram extintos. Mas a praga foi controlada.

Até retornar.

- É isso? É nisso o que você acredita? Numa lenda idiota? – disse Manara, amargurada.

- É tudo o que eu sei, juro – respondeu Agenor. – Quem pode saber ao certo a verdade?

- Nessa sua lenda, como os deuses venceram a praga? Qual é a cura?

Manara sentia os últimos vestígios de vida abandonarem seu corpo na forma de sangue e calor. Tudo ficava gelado. Os sons se afastavam. A vista escurecia. Ela tinha ido longe demais, precisava pagar o poder que utilizara com uma alma.

- Qual é a cura? – gritou.

- Não há cura. Os deuses mataram todos aqueles que tinham a doença e tantos mais. Foi uma aniquilação. Não há cura.

Então a feiticeira não pôde mais segurar. As lágrimas verteram como bestas selvagens que foram mantidas em cativeiro por tempo demais.

Tudo isso por nada. Toda a dor, o sacrifício, a violação... por nada. Não conseguirei trazer Valentin de volta, não poderei curar ninguém. Ela soluçava, quase se afogando no próprio choro. Agenor chegou a virar o rosto, envergonhado com sua dor. *Estúpida. Garota estúpida.* Manara acostumara-se à ideia dos outros a verem como uma menina até ela começar a revelar seu vasto arsenal de conhecimento. Contudo, nunca se sentiu jovem de verdade, não até recentemente. Agora, no entanto, pela primeira vez, se sentia infantil, imatura, ingênua. O que saía na forma de lágrimas, o que morria a cada instante não era mais apenas o seu corpo, mas a menina Manara. Transformava-se, de verdade, em uma mulher, em uma feiticeira completa.

Engoliu o choro, se concentrou e varreu a imagem e lembrança de Valentin de sua mente. Para sempre.

Encarou Agenor.

O canalha lacrimejava, com lábios trêmulos e olhos arregalados. Tinha medo de morrer.

- Eu preciso de uma alma – ela explicou.

- Espere, eu...

A faca entrou certa no peito. Manara a torceu uma vez, arrancando um gemido do falso necromante, e então cortou, abrindo espaço. Sangue jorrou e escorreu pelo corpo velho do homem, indo formar grandes poças no chão abaixo.

Isso é um ritual negro, um roubo de alma, uma maldade. Não serei a mesma depois disso.

Ela foi adiante assim mesmo, plenamente consciente do que fazia e do que abria mão. Era adulta agora, e adultos devem fazer sacrifícios.

Enfiou o punho dentro do corpo de Agenor e arrancou o coração. Levou-o, ainda espirrando sangue, aos lábios. Bebeu tudo o que podia ser bebido e ainda mais. Sentiu as forças voltarem, o som reaparecer e as cores vibrarem.

Obrigado pela lição, pensou. Continuarei atrás de conhecimento, mas também serei mais esperta daqui por diante. O mundo mudou e eu preciso mudar com ele. Se eu quiser achar a cura, preciso mudar.

Sim, Manara compreendera que na lenda dita por Agenor não havia cura, mas ela não acreditava. Talvez os deuses fossem mais burros antigamente, talvez naquela época não houvesse alguém como ela. Manara estudaria, aprenderia mais e mais sobre a praga, se tornaria uma feiticeira poderosa e, por fim, acharia a cura.

Levantou-se. O vento beijou seu corpo nu coberto de sangue. Ela puxou as vestes de Agenor e depois cravou a faca na cabeça do cadáver. Olhou ao redor. Não sabia onde estava nem aonde devia ir. O mundo todo era seu para explorar. Tinha apenas uma certeza, contudo:

Ficarei bem longe de dragões.

49.

GAWRGHONITE

- Uma ilha cheia de dragões – disse Cão, sem tirar os olhos da formação rochosa no meio do oceano. – Sempre achei que fosse uma lenda. Nunca conheci ninguém que tivesse colocado os pés nela, nem mesmo piratas experientes.

- Vocês ladinos têm os seus segredos. Nós bárbaros temos os nossos. - Gawrghonite terminou de se equipar. Vestiu todos os colares e pulseiras, ajeitou as roupas, embainhou a espada. – E a Ilha Draconar é só para drakkares.

O *Chaga do Mar* flutuava calmamente sobre o Mar do Oeste. O cheiro da última pescaria ainda tomando conta da embarcação. Alguns quilômetros adiante erguia-se, em meio às águas, uma ilha bizarra, rochosa, em forma de coroa. A mera visão daquilo era suficiente para deixar um homem corajoso cheio de temores.

- Você já esteve aí antes? – perguntou Cão.

Gawrghonite fez que sim com a cabeça.

- Há muito tempo – respondeu –, com o meu avô. Mas eu jamais esqueceria o caminho. Ainda mais agora, com eles me chamando.

Quando encontrou suas terras devastadas pelo que só poderia ser uma versão morta-viva do dragão Tyamath, Gawrghonite teve certeza que havia interpretado errado as suas visões. O continente de Romeryon estava além de qualquer salvação. A praga corromperia mesmo os mais fortes. O que ele deveria fazer era viajar até a fonte, até a sua *verdadeira* casa, ao local onde apenas os poderosos sobreviveriam.

- Diabos – reclamou Cão. – Ainda não me conformo de nunca ter ouvido nada mais concreto sobre esse lugar.

- Não se espante. Todos sabem que o Mar do Oeste não possui ilhas e por isso toda a exploração ficou do outro lado, no Mar do Leste. – Gawrghonite caminhou até a lateral do convés, onde o bote era baixado. Encarou a Ilha Draconar. *E os que a encontram não sobrevivem por muito tempo. Os dragões devem saber que estou aqui, por isso não atacam.* – Ela é um presente dos deuses, uma honraria feita às mais fortes das criaturas, e somente a elas e seus descendentes.

- Não leve a mal, mas eu não o acompanharia nisso – disse Cão.

- Eu o mataria se você tentasse.

Os dois se olharam por um longo instante até o velho ladino soltar a risada maldosa e estender a mão em cumprimento.

- Boa sorte – disse. – E obrigado por me manter vivo.

- Você também foi útil – respondeu Gawrghonite, apertando a

mão do outro. – Quando eu me fôr, parta desses mares e não volte mais, *capitão*.

Cão ajeitou o chapéu sobre a cabeça e foi até o leme, gritando ordens pelo caminho.

O bárbaro se preparou para descer até o bote. Não se despediu de ninguém. Não lamentou. Não havia por quê. Limitou-se a dar um leve aceno de cabeça a todos que olhavam em sua direção, depois disso baixou o corpo pela escada de cordas. Lá no bote, Mima o aguardava mais uma vez. Ela esperou que ele se assentasse antes de subir por onde ele tinha vindo. Ela também não falou com ele, mas o fitou sem medo, de forma intensa.

Essa mulher é mais forte do que metade dos guerreiros que conheci.

- Mima – chamou. A mulher, já alguns metros acima, na escada de cordas, virou a cabeça na direção dele. – Muito bem.

Ela não respondeu, nem sorriu. Olhou para o bárbaro mais um pouco e voltou a subir. Ele ficou contente com isso.

Gawrghonite se pôs a remar.

Cerca de uma hora depois, ele alcançava as proximidades da Ilha Draconar. O *Chaga do Mar* já sumira no horizonte, deixando-o na privacidade que desejava para o momento solene.

Era impossível se aproximar mais por meio de barcos. As onda violentas arremessariam a embarcação contra a muralha natural e pontiaguda que circundava toda a extensão da ilha, matando-o com toda certeza.

Gawrghonite prendeu bem a espada na bainha e pulou na água. Nadou em linha reta, num ritmo constante, erguendo a cabeça para puxar ar a cada duas ou três braçadas. Seguiu as instruções que aprendera desde a mais tenra idade.

Na hora certa mergulhou profundamente.

Para sobreviver àquilo um homem precisava estar em plena condição física, pois precisaria prender a respiração por vários minutos e alcançar arrecifes escondidos no meio das rochas, pontos seguros por onde um bárbaro poderia se proteger das ondas e projetar a escalada.

Gawrghonite demorou mais do que desejava procurando o local certo. Os pulmões queimavam e o sangue lhe subia a cabeça. De repente uma voz em seu íntimo lhe dizia para desistir, para deixar a água salgada invadir o seu corpo e lhe proporcionar a paz que rejeitara a vida toda e que, mais do que ninguém, ele merecia.

Não dê ouvidos. É apenas a fraqueza falando.

Após minutos que pareceram durar para sempre, Gawrghonite enfim encontrou o que procurava. Emergiu com um grande gemido, sugando o ar como um bêbado suga a bebida. Agarrou nos arrecifes e esperou enquanto recuperava o fôlego, enquanto os músculos relaxavam.

Agora vinha a subida.

A parte mais externa da Ilha Draconar era composta por muralhas naturais de pedra negra, escorregadias e cortantes como adagas. Seria preciso superá-las para poder entrar, para poder encontrar seus ancestrais e aqueles de seu povo que também tivessem ouvido o chamado. Uma vez lá dentro ele se depararia com vales verdejantes, cachoeiras, animais enormes e selvagens e, mais importante do que tudo, os dragões.

Gawrghonite abriu e fechou as mãos algumas vezes, testando sua força. Encarou a mão aleijada, carente de dois dedos, e fez uma careta. Chegou o mais perto possível da muralha. Saltou. A mão direita se fixou em protuberâncias da rocha. O bíceps trabalhou, levando seu corpo para mais perto. Elevou a mão esquerda a um outro ponto e agarrou em novas protuberâncias. Assim avançou.

A escalada não foi difícil, a princípio, mas conforme se distanciava do nível do mar, Gawrghonite sentia as complicações. Quanto mais alto, mais afiadas ficavam as rochas. O vento também apareceu como uma armadilha diabólica.

Mas Gawrghonite avançava.

Quando elevou a mão direita por sobre a cabeça, buscando um novo ponto de apoio, se deparou com algo que não esperava, uma textura e consistência diferente daquela da pedra, mais mole, lisa, viva.

Ao perceber o que era ele arregalou os olhos e puxou a mão, em um reflexo, escapando da mordida por centímetros. O susto o fez

escorregar e os pés perderam o apoio. Gawrghonite se viu, de repente, há dezenas de metros do chão, pendurado por apenas um braço. Uma mão. Uma mão aleijada.

Merda. Como fui esquecer dos lagartos?

O animal rastejou sobre as rochas, como se tivesse patas de aranha. Parou a poucos metros, encarando o bárbaro com os olhos alaranjados. A língua bifurcada saía e entrava na boca a cada segundo. Naquela saliva existia tanta podridão que uma mordida do maldito mataria um homem em minutos.

- Passa. Sai – disse ao lagarto, inutilmente. – Sai daqui ou eu te arranco a cabeça, seu desgraçado.

O lagarto se aproximou. A língua saindo e entrando num ritmo mais rápido.

Seria uma grande piada, pensou Gawrghonite. Passar pelo que passei, vir até aqui, escalar até essa altura, para ser morto por uma lagartixa maldita.

O bárbaro tentou erguer o outro braço, mas tudo o que conseguiu foi balançar perigosamente. O vento soprou seus cabelos com violência. Os dedos da mão aleijada começavam a escorregar. Os músculos do seu antebraço empelotavam e enrijeciam. Logo viria o formigamento.

O lagarto chegou mais perto. Estava agora quase encostado em sua mão.

- Não faça isso – disse Gawrghonite.

O lagarto abriu a boca e silvou.

- Não. Eu disse que não.

Mas o bicho era desobediente. Escancarou a boca venenosa e avançou. Gawrghonite soltou a rocha naquele instante, escapando do ataque, mas despencando.

Tateou a rocha enquanto caía, conseguindo se agarrar a uma ponta e evitar a tragédia. Sangue vermelho pintou o paredão negro.

- Mas que bicho desgraçado.

Gawrghonite tratou de buscar um apoio mais seguro e então puxou a espada. O golpe foi rápido e forte. Muito mais forte do que o necessário, mas ele não ligava. O lagarto venenoso se metamorfoseou numa enorme mancha na rocha.

Gawrghonite riu.

Guardando a espada, voltou a escalar. Era quase noite quando ele atingiu o topo.

- Não podem me vencer, desgraçados - disse, desabando o corpanzil no piso rochoso. – Nada pode me vencer.

Descansou por poucos instantes, pois a ansiedade e expectativa o compeliavam a continuar logo, a ultrapassar de uma vez a camada rochosa da Ilha Draconar e contemplar, em seu centro, o vale

dos dragões.

Conforme caminhava, o vento ia ficando para trás. O corpo já esquentava novamente e era possível ouvir outros sons que não o lamento perpétuo das rajadas.

Como ele desejava ouvir os rugidos dos dragões.

Mas quando vieram, os rugidos estavam diferentes do que ele imaginara, do que ele sonhara.

- Não – disse a si mesmo. – Não é possível. NÃO É POSSÍVEL!

Fez o resto do caminho correndo, até alcançar a beira do planalto de rocha e visualizar o vale verde. Caiu de joelhos.

A Ilha Draconar, paraíso dos dragões, berço original de seu povo, fora transformado em um cemitério morto-vivo. Os enormes lagartos soltavam seus rugidos-gemidos enquanto se atiravam uns sobre os outros, em voos desengonçados de asas apodrecidas que se partiam em pleno ar. As matas estavam queimadas, os imensos mamíferos que serviam de caça, mortos.

E não havia sinal de mais nenhum homem, nenhum irmão drakkar.

Gawrghonite estava sozinho.

Os dragões caíram. Eles que deviam ser os mais fortes. O que devo fazer? O que me resta?

Ouviu um gemido que arranhou seus ouvidos. Um dragão morto-vivo notara sua presença. Vermelho como sangue coagulado, o imenso lagarto fazia o melhor para voar em linha reta até Gawrghonite.

Foi para isso que vim, para ser enterrado junto com meus antepassados?

Gawrghonite se levantou, esperando o ataque da fêra.

Nenhum de nós restará. Nenhum dragão. Nenhum drakkar. Nenhuma vida.

Fechou os olhos. Sentiu a aproximação do dragão pelo cheiro pútrido e pelo vento que as asas faziam. Devia estar bem perto agora

Finalmente Gawrghonite será derrotado. Não importa quão forte eu seja, não poderei vencer a morte. Será que é essa a lição que fica?

Ouviu o rugido sobre ele.

Não. Abriu os olhos. Nada é mais forte que Gawrghonite.

O bárbaro rolou para a direita no momento perfeito, sacando a espada e atacando. A enorme lâmina penetrou na carne do pescoço do dragão e cortou por metros. O bicho foi ao solo, chiando e se debatendo.

Como um deus da guerra feito homem, Gawrghonite avançou sobre aquela versão profana de seus antepassados. Pulou alto e soltou todo seu peso sobre o crânio do monstro. Ergueu a espada e então a

trouxe abaixo, com toda sua força.

Sangue, tripas, carne, cuspe e vermes se espalharam quando o dragão morto-vivo parou de se mexer. Estava morto. Morto de verdade.

O bárbaro puxou a espada e se virou para o vale, para onde dezenas de dragões ainda sofriam vítimas da peste.

Ele limparia todos. Ele seria o sobrevivente.

Abriu os braços e rugiu aos céus:

- Gawwwwwrrghoooooniiiiittteeee.

50.

VALENTIN

Dois dos falantes estavam caídos, decepados, mas o Morto enfrentava muitos oponentes. Era impossível evitar todos os golpes. Os cortes nos braços e pernas deixavam exposta a carne cinzenta da qual escorria um líquido escuro e fétido.

- O que você pensa que está fazendo? Por que protege essas pessoas? Elas são almoço – disse o da voz rouca.

Ao redor, muitos assistiam. Homens e mulheres, mas não só eles. Outros mortos-vivos testemunhavam a tudo sem se meter, como se não soubessem ao certo como agir. A peste deixara tudo confuso e mesmo o Morto não entendia mais o que era certo ou errado.

- Por que você luta? – perguntou o rouco.

- Luto pelo que acredito.

O Morto fez mais um ataque, batendo lâminas com um dos oponentes e arrancando seu braço, mas os outros o circundaram e lhe atingiram as costas.

Murmúrios na plateia.

Lá fora, depois do fosso, o Morto percebeu que também havia observadores. Mortos-vivos cambaleantes atraídos pelo barulho e

comoção, com certeza; mas havia outros também, cadáveres atentos, claramente pensantes, como ele.

Eles também não sabem o seu lugar. Também são explorados, pensou o Morto. Talvez não seja a morte o problema, talvez a pior praga seja o mau no coração dos homens.

Os oponentes atacaram em conjunto, com mais fúria do que técnica. O Morto conseguiu desviar três golpes de espada e inverter a posição. Desceu sua lâmina sobre o crânio de um e chutou o outro para dentro do fosso. Sobravam apenas três. Mas então ele sentiu a fígada.

Uma espada penetrara na altura do rim e então fora puxada com força, abrindo a lateral do seu corpo, espalhando órgãos e pedaços de costela. Alguém o puxou pelo manto, arrancando-a e levando-o ao chão.

Os três riram.

As pessoas lamentaram.

O morto rolou no chão, tentando reunir forças. Estava sujo, ensanguentado e com as vestes esfarrapadas. O último golpe o privara do manto escuro, deixando a mostra sua velha capa da Fraternidade Branca, imunda. Algumas pessoas ousaram incentivá-lo.

Elas torcem por mim. Ainda não possuem a coragem ou o ímpeto de se voltar por conta própria contra os maldosos, mas torcem por mim. Minha causa é justa.

O Morto levou uma mão ao ferimento e, usando a espada como apoio, se pôs em pé novamente. A capa branca tremulou. Ele ajeitou-a no corpo.

O mundo perdeu tudo. A ordem, a beleza, a moral. Mas eu posso devolver um pouco de sentido, posso devolver um ideal. Não sou o Morto, sou Valentin.

E serei um herói.

- Ataquem – ordenou o da voz rouca.

E eles atacaram. E Valentin se defendeu como podia. Com coragem, hombridade e valor. Não estava perto de vencer aquele confronto, mas não foi preciso. Logo os espectadores, vivos e mortos, decidiram agir. Eles tomaram a frente e se responsabilizaram por dar cabo de seus opressores. Ao terminarem, voltaram-se a Valentin como se ele fosse um salvador, quando na verdade tinha sido o contrário.

Fui salvo de tantas maneiras, pensou ele.

Desceu os olhos e reconheceu a garotinha que tinha acabado de salvar. Estava sozinha. O pai não levantaria mais.

Ele se lembrou de Sara, lembrou de suas filhas como homem. Teria que fazer melhor dali por diante.

Valentin ofereceu a mão à garota e ela, sem temor algum, correu para ele.

Valentin não podia mais derramar lágrimas, mas, de uma

forma diferente, chorou naquele instante.

Fitou o povo ao seu redor, gente insegura, temerosa, perdida. Tão parecida com pessoas vivas e simples, pessoas de bem em tempos difíceis. Valentin entendeu então o que talvez Gawrghonite e Manara não poderiam. Entendeu que é impossível compreender totalmente a morte, assim como é impossível derrotá-la. O máximo que um homem pode fazer é aprender a lidar com ela.

Então todos eles conversaram, todos eles plantaram a semente para uma nova sociedade e, de certa forma, para uma nova vida.

Naquela noite, antes de se recolher, Valentin foi até o poço da Necrópole. Sozinho ele puxou um balde de água e despejou seu conteúdo em uma bacia.

Tirou a capa dos ombros, manchada de lama e sangue, e a mergulhou na água.

Pensou no pai, com saudades e amor.

Pensou em Manara e em Gawrghonite. Desejou-lhes uma boa vida.

Começou a esfregar a capa e viu as primeiras manchas desaparecerem.

Sorriu.

UMA PALAVRA FINAL

Muito obrigado.

Se você chegou até aqui, quer dizer que nossas mentes passaram horas conectadas e, como já dizia o Stephen King, isso é telepatia. Energia. Magia pura. E só funciona quando há uma ligação entre as duas partes envolvidas.

Eu sei que a leitura de um livro é uma tarefa intensa e, nos dias corridos dos nossos tempos, envolve muita dedicação. Por isso, sou imensamente grato por você ter investido nesta história. Espero que tenha se divertido.

Caso tenha gostado do que leu, que tal deixar um comentário lá na [Amazon](#)? É fácil, rápido e de uma ajuda gigantesca para o autor. Sério mesmo. Ajuda pra caramba.

Você também pode conhecer as minhas outras obras [aqui](#).

Já se você é um contador de histórias e quer ter acesso ao meu conteúdo sobre storytelling, acesse www.nanofegonese.com.br ou então assine a minha [newsletter](#). Estou sempre trazendo novidades e produzindo conteúdo original para criativos. Será um prazer ter você

por perto.

Um grande abraço e até a próxima.